



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Programa de Pós-Graduação em História Social

Viviane Gomes Ribeiro

**Eugenia e imprensa: as representações e divulgações das ideias
eugênicas no jornal *A Noite* e no *Boletim de eugenia* - nos anos 20 e 30**

SÃO GONÇALO
2021

Viviane Gomes Ribeiro

Eugenia e imprensa: As representações e divulgações das ideias eugênicas no jornal *A Noite* e no *Boletim de eugenia* - nos anos 20 e 30

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

SÃO GONÇALO
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Viviane Gomes Ribeiro

Eugenia e imprensa: As representações e divulgações das ideias eugênicas no jornal *A Noite* e no *Boletim de eugenia* - nos anos 20 e 30

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Prof. Dr^a. Monique Siqueira Gonçalves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Prof. Dr. Ricardo Augusto Dos Santos
Fundação Oswaldo Cruz

São Gonçalo

2021

AGRADECIMENTOS

Aqui estamos! Chegamos a este momento tão desejado. Durante tanto tempo sonhei, imaginei e planejei o que escreveria ao terminar o trabalho. Concluída a pesquisa, sigo na certeza de que não há palavras que farão jus a todo apoio e dedicação prestado por cada pessoa que me acompanhou neste percurso.

Dedico esse título de mestre a vários sorrisos que estimularam nesse caminhar. O início já parecia difícil, mas o cenário pandêmico dificultou tudo ainda mais. O isolamento social e as constantes perdas de pessoas próximas geraram uma situação de instabilidade que me levou a pensar em desistir. Confesso que, só pelo apoio recebido, me mantive sonhando e esperando que pudéssemos comemorar juntos a conclusão do trabalho. Desejava chegar esse momento para poder expressar para cada um meu obrigada por tudo! Esse título é nosso e, por isso, parabéns a cada um que compõe essa história. Sei que as palavras não são suficientes para dar conta de tudo que gostaria de expressar nesse momento, mas vamos lá.

Quero agradecer primeiramente a Deus. Somente por sua graça eu pude ter animo e força para entrar e, principalmente, completar mais esta etapa.

Ao meu orientador, Rui Aniceto Fernandes, o meu muitíssimo obrigada que, com muito talento, acompanhou esta pesquisa quando ela ainda era um pré-projeto. Jamais me esquecerei quando eu, ainda na graduação, achava que não daria tempo e você me motivou a seguir meu desejo. Me apoiou corrigindo esboços para que eu entrasse no mestrado, um sonho que parecia um delírio. Sou muito grata por sua atenção, sensibilidade e acolhida. Por ter me deixado livre para escrever e incentivar que o trabalho fosse do jeito que eu, a autora, achasse conveniente e não ter me afobado. Desejo que você possa caminhar sempre lembrando quantos sonhos você ajudou a realizar, e que por onde você vá inspire e motive mais alunos como eu.

Aos professores da banca de qualificação que tornaram o momento temido em roda de conversas e dicas. Sempre digo que, na minha qualificação, “me senti em casa”. Jamais esquecerei dessa experiência boa que tive e do carinho de vocês, professor Ricardo Augusto e professora Monique Gonçalves. Esta também foi minha orientadora na graduação a quem sigo sempre encantada e apaixonada com a sua beleza! Que ser humano incrível você é! Só agradeço por ter dividido comigo mais do que seus conhecimentos, a sua amizade. Hoje dedico muito do que consegui na vida acadêmica ao trabalho de

monografia que construímos juntas nos corredores da UERJ e espero poder levar o nosso trabalho para o doutorado em breve. Ainda rezo para que a frieza acadêmica nunca endureça seu coração, pois você é um ser de luz.

Às minhas queridas amigas e amigos: Carine Fernandes, Anna Clarice (afilhada), Thamyres Martins, Andrea Menegatte, Wallace Alves, Carlos, Ellen Rangel, Dayane Amparo, Priscilla Freitas, Renata Lira, Nathalia Otaviano, Dj Neew – Nilton Franscico, Jonatan Almeida, Daniely Felipe, Flávio Santos e William Moraes que sempre me apoiaram com palavras de animação nos momentos mais difíceis, com a demonstração de cuidado e interesse mesmo sem saberem muito sobre o tema e com videoschamadas e vinhos divertidos, desejo que possamos celebrar essa conquista em breve, pois vocês são tão donos desse feito quanto eu. Sou muito feliz e privilegiada por ter vocês perto de mim! Que isso seja para sempre! Quem tem um amigo, tem tudo! Imagina quem tem vários? Obrigada a vocês. Espero que vocês se olhem no espelho e vejam a maravilha que são e que eu possa ter a mesma paz e amor para motivar vocês nos seus piores e melhores dias, como vocês foram para mim. Que possam conquistar os objetivos de vocês.

Jamais deixaria de agradecer àqueles amigos que já não se encontram no meu dia a dia, mas que de certa forma estiveram presente em determinado tempo. Sei que, por mais que o tempo tenha nos afastado e as prioridades mudado, lembro de cada um, que auxiliou e foi amigo.

Quero dedicar um agradecimento especial para Jean Teixeira por ter traduzido todas as informações em inglês do *Boletim de eugenia*. Não te dei opção e te obriguei a ouvir sobre minhas leituras e pesquisas. Desculpa por não ter dado opções de não ouvir. Desejo que você seja abençoado por onde for, que seus projetos também sejam guiados de perto por alguém igual você foi para mim. Obrigada é pouco para você.

Meu EU TE AMO ao meu amigo Rafael Machado, que além de partilhar diversos momentos especiais comigo, no decorrer da pesquisa, me auxiliou lendo toda a minha produção escrita. Isso desde a graduação! Apesar do número de páginas ter aumentado, você não desistiu de mim quando eu mesma já nem conseguia me ler. Sem você o meu caminho, com certeza, seria mais árduo. Espero um dia poder retribuir todo seu apoio da mesma forma. Que todos os que trabalham com escrita possam ter um amigo como você para deixar esse caminho menos pesado. Fecho os olhos e me vem o seu singelo sorriso na cabeça e a frase: “Que isso cara! Continua, eu te ajudo”. Você é brabo! Me mostrou

que a canção do fundo de quintal estava certa quando dizia: “valeu por você existir, amigo!”.

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por me proporcionar os melhores professores, aprendizados, e vivências inigualáveis que sempre levarei comigo. Ao Programa de Pós-graduação em História Social – UERJ/FFP e os respectivos professores que me auxiliaram a trilhar esse caminho tortuoso.

À CAPES pelo financiamento dessa pesquisa.

Deixo meu enorme obrigada ao Colégio Estadual Melchíades Picanço, instituição na qual pude estudar durante 6 anos e que me deu toda a base acadêmica e cívica para que hoje eu estivesse onde estou. Em especial, preciso agradecer aos professores de História que foram a motivação para tudo, Raquel e Alessandra. Além de Amanda e Tânia, bibliotecárias, que sempre incentivaram com a leitura e o vestibular, veja só eu finalizando o mestrado.

Agradeço ao meu porto seguro, minha família, tias, tios, madrinha, irmãos, primos, primas, madrasta e padrasto, (Vocês são muitos, mas vale mencionar os nomes, vocês foram sinistros nessa vida para mim), Regina, Eliane, Elisangela, Jô, Luiz Cláudio, Edson, Patrick, Vinicius, Daniella, Vanessa, Arthur, Nicolas, Nádia, Zilmara, Carina, Luciano, Luiz Claudio e Edna. Obrigada por todo o suporte, pela paciência e pelo infinito o amor. Ao meu pai, Eduardo Ribeiro por ter acreditado e se gabado muito de mim, saiba que me deixava feliz ver a sua felicidade. E ao meu segundo pai, Willian, por ter tornado o cotidiano mais fácil para mim, obrigada por ter auxiliado dando estrutura material e apoio para que a minha mãe pudesse deixar eu e meu irmão escolhermos e nos sentir apoiados nos projetos que quisermos. Willian, essa dissertação diz muito sobre esses muitos anos de suporte que me deu, sem você não teria coragem e oportunidade de ir tão além.

E cada linha desse trabalho é dedicado à minha mãe Rejane Gomes, que me apoiou de forma insana, e hoje segue sendo meu maior exemplo de mulher e mãe. Saiba que cada linha desse trabalho tem você e suas lutas por mim e por meu irmão. Sei que nada vai desfazer as cicatrizes do processo, pois sabemos o quanto choramos ao ouvir as expectativas e comentários sobre o que poderíamos ser diante das condições que tínhamos. Nada vai apagar o que ouvimos de ruim nessa trajetória, porém espero que sorria quando lembrar o que você fez, pois é terminamos o mestrado, mãe! Parabéns Dona Rejane. Te amo! Eu sem você não seria metade.

Dedico este trabalho aos meus amados e queridos avós Olga, Nilza e Raimundo que sempre me acompanharam nessa vida e deram a atenção que meus pais não tiveram muito tempo para dar e posso dizer que me criaram em conjunto com os meus pais. Tudo que faço e sou hoje é reflexo dessa educação que vocês me deram.

E um agradecimento especial ao meu avô, Damião Gomes, e Tia Ilma, que perdi para covid, uma pena vocês não estarem aqui comigo, mas certamente estão felizes e, conhecendo vocês como conheço, já estão comemorando no céu essa minha conquista e muitos outros feitos e, por mais que não estejam em nosso meio, sinto que suas lições, as lembranças dos seus abraços e sorrisos foram o que me motivaram a continuar vivendo mesmo sem energias para viver.

Amo vocês! Isso tudo foi por vocês e para vocês!

RESUMO

RIBEIRO, Viviane Gomes. *Eugenia e imprensa: As representações e divulgações das ideias eugênicas no jornal A Noite e no Boletim de eugenia - nos anos 20 e 30*. 2021, 145. Dissertação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

O presente trabalho analisa como as ideias eugênicas foram difundidas e recepcionadas nos anos de 1920 e 1930 na capital do Brasil, cidade do Rio de Janeiro, a partir de dois periódicos: o *Boletim de eugenia* - criado com fins de divulgar tal ciência, de 1929 a 1933 e o *A Noite*, jornal de grande circulação, que existiu de 1911 a 1964. Por meio da análise comparativa entre os jornais foi possível verificar as semelhanças, diferenças e particularidades de como os atores dos periódicos reverberaram suas ideias e se apropriaram dos espaços que promoviam e formavam opiniões para conseguir apoio e expandir ideias eugenistas. Evidenciando que a eugenia não precisou de espaço especializado para adentrar a nossa sociedade, podemos ver nos jornais que ocorriam eventos, concursos, instituições e outras formas que garantiram que a ciência eugênica fosse bem recepcionada por alguns membros da sociedade, pois interpretavam-a como sinônimo de bom e saudável, apesar de já haver quem a criticasse como uma ciência sem base na época. A fim de mostrar que a eugenia foi um conhecimento original no Brasil, analisamos os periódicos mostrando eventos, livros e produções brasileiras para que a eugenia ganhasse dimensões não somente para um público específico, mas também percorresse entre a realidade dos atores populares.

Palavras-chave: Eugenia. *Boletim de eugenia*. *A Noite*. Renato Kehl

ABSTRACT

RIBEIRO, Viviane Gomes. *Eugenics and the press: The representations and dissemination of eugenic ideas in the newspaper A noite and in the Boletim de eugenia – in the 20s and 30s*. 2021. 145. Dissertação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

This paper analyzeer how eugenic ideas were disseminated anda received in the 1920s and 1930s in the capital of Brazil, Rio de Janeiro, from two periodicals, Boletim de eugenia – created with the purpose of disseminating this Science, from 1929 to 1933 anda A noite, a large-circulation newspaper, which existed from 1911 to 1964. Through a comparative analysis between the newspapers, it was possible to verify the similarities, diferences and particuarities, diferences and particularities of how the actores in the periodicals reverberated their ideias and appropriated opinions to gain support and expand eugenic ideas. Evidencing that eugenics did not need a specialized space to enter our society, we can see in newspapers that there were events, competitions, institutions and other forms that ensured that eugenics was well received by some members of society, as they interpreted eugenics as synonymous good and healthy, although there were already those who criticized it as na unfounded Science at the time. In order to show that eugenics was knowledge in Brazil. We will read the periodicals showing Brazilian events, books and productions so that eugenics gained dimensions among all social categories.

Keywords: Eugenic. *Boletim de eugenia*. *A Noite*. Renato Kehl

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-------|
| Figura 1 – A falsa medida do homem..... | p.24 |
| Figura 2 – Folheto de divulgação da Academia Nacional de Medicina | p.52 |
| Figura 3 – O Centenário da Academia Nacional de Medicina..... | p.56 |
| Figura 4 – Informações sobre o <i>Boletim de eugenia</i> | p.69 |
| Figura 5 – Anuncio do livro <i>Lições de eugenia</i> | p.69 |
| Figura 6 – Encomendas e informações no <i>Boletim de eugenia</i> | p.71 |
| Figura 7 – Anuncios de livros no <i>Boletim de eugenia</i> | p.72 |
| Figura 8 – Anuncios no <i>Boletim de eugenia</i> | p.73 |
| Figura 9 – Anuncio do Anaes brasileiro de dermatologia..... | p.74 |
| Figura 10 – Tabela de analfabetismo..... | p.80 |
| Figura 11 – Anuncio de livros | p.81 |
| Figura 12 – Crianças vencedoras do concurso..... | p.87 |
| Figura 13 – O concurso do bebê..... | p.88 |
| Figura 14 – Eugenia a serviço da graça no Flamengo..... | p.106 |
| Figura 15 – Eugenia dos panificadores..... | p.115 |
| Figura 16 – Curso geral de criminologia..... | p.116 |
| Figura 17 – Eugenia! A cultura do corpo livre..... | p.120 |
| Figura 18 – <i>A noite</i> : teremos o nudismo no Brasil?..... | p.121 |
| Figura 19 – <i>A noite</i> : pela eugenia moderna..... | p.124 |
| Figura 20 – Capa do <i>Boletim de Eugenia</i> | p.131 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 - O desenvolvimento da eugenia - dos valores sociais a práticas científicas | 16 |
| 1.1 Primórdios da eugenia | 16 |
| 1.2 Para garantir a manutenção dos privilégios a eugenia agora é uma ciência | 20 |
| 1.3 A eugenia no contexto brasileiro – regenerando pelo bem da ordem e do progresso dos interesses de quem? | 28 |
| 1.4 Os nossos atores: <i>Boletim de eugenia</i> e <i>A Noite</i> | 38 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - A eugenia no <i>A noite</i> e no <i>Boletim</i> | 42 |
| 2.1 Por mais ações e práticas eugênicas - a falta de compromisso com o conhecimento e causa eugênica | 47 |
| 2.2 O primeiro congresso brasileiro de eugenia publicado no <i>A noite</i> e no <i>Boletim de eugenia</i> | 50 |
| 2.3 Outros congressos de eugenia | 61 |
| 2.4 A hereditariedade e consanguinidade no <i>A noite</i> e no <i>Boletim de eugenia</i> | 65 |
| 2.5 Os livros eugênicos no <i>boletim</i> e no <i>A noite</i> | 69 |
| 2.6 Ensinando a “eugenia” no <i>A noite</i> e no <i>Boletim</i> | 84 |
| 2.7 Concursos de eugenia nos jornais | 87 |
| 2.8 A disputa intra profissional no <i>A noite</i> e no <i>Boletim</i> | 92 |
| 2.9 Ideias eugênicas estrangeiras no Brasil e do Brasil no exterior | 93 |
| 2.10 A coluna médica do <i>A noite</i> | 101 |
| | |
| CAPÍTULO 3 - O consumo dos múltiplos sentidos eugênicos na sociedade | 101 |
| 3.1 Coluna Sports do <i>A noite</i> | 102 |
| 3.2 A palavra eugenia no discurso do jornal <i>A noite</i> | 111 |
| 3.3 A ciência eugênica no <i>A noite</i> | 117 |
| 3.4 O <i>boletim de eugenia</i> e as impressões do público sobre o tema eugenia | 127 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 134 |
| REFERÊNCIAS | 137 |

INTRODUÇÃO

Desde que o mundo é mundo os seres humanos possuem um ímpeto de buscar um alto nível de excelência, ou seja, a perfeição. É possível identificarmos em vários momentos históricos os indivíduos criando comportamentos, sistemas e maneiras de buscar tal perfeição. Geralmente nessa lógica de perfeitos versus imperfeito notaremos que haverá exclusão dos que não se enquadram nos rótulos e acarretará diversos problemas de injustiça, discriminação, além de perseguição aos que não correspondem ao padrão desejado.

Notamos que cada época irá justificar o que é “perfeito” para si conforme o contexto vivenciado e as necessidades impostas pelas circunstâncias. Por exemplo, nos homens nômades já havia o abandono de indivíduos com anomalias por considerar que atrasaria o grupo que, na época, focava na sobrevivência básica que era caçar para ter alimentação e se proteger dos animais selvagens.

Foi na Grécia, no entanto, que esse comportamento ganhou nome de eugenia e tornou-se uma prática legalmente aceita. A palavra eugenia, de origem grega, significa “*bom em sua origem*”, foi aí que tornou-se uma ação institucionalizada, ou seja, autorizada pelo governo e praticada pela sociedade. Em um contexto onde ocorriam muitas guerras, o ideal de perfeição era aquele indivíduo que seria um bom soldado e guerreiro, por isso todos aqueles que não se enquadravam nessa categoria eram eliminados com a justificativa de atrasar a sociedade.

No período em que as ideias liberais começam a ganhar destaque e as noções de igualdades são profundamente debatidas para acabar com os privilégios e, principalmente, com a escravidão, veremos Francis Galton, em 1883, resgatando o termo eugenia, apresentando para a sociedade como uma ciência que prometia mostrar que alguns grupos humanos eram compostos por materiais genéticos inferiores. O estudo afirmava que era possível selecionar as características físicas e morais para as próximas gerações, ou seja, categorizava as pessoas entre genes bons e ruins, e a solução para uma nação perfeita - sem desvios sociais ou biológicos - era evitar com que as que possuíssem genes ruins se reproduzissem e passassem a sua miséria para as próximas gerações. Assim surgiria a esterilização dos “inaptos” e a segregação racial.

Tal pensamento não ficou restrito apenas a um grupo específico e logo podemos apontar a eugenia sendo aplicada em vários outros contextos, exemplo: para selecionar trabalhadores, esposas e eleger população de países aptos para humanidade. Geralmente,

a América Latina era vista como um contingente de seres incapazes de se desenvolver dando respaldo para que muitos membros da elite continuassem a explorar a mão de obra negra e até mesmo justificar o déficit do Brasil, alegando que era culpa dos genes marginais presentes nos indivíduos, os quais atrapalhavam o desenvolvimento do país – ao invés de culpar as estruturas políticas e sociais – que não investiam na população.

Ainda no século XIX, já havia quem interpretasse que as ideias eugênicas eram teorias desesperadas de um grupo que não queriam aceitar a igualdade dos seres humanos e por isso forjavam dados para obter os resultados que desejavam, pois não há comprovações científicas que torne possível mapear o gene do pobre, criminoso, prostituta, etc. Assim, a eugenia serviu para justificar que alguns grupos eram inferiores e por isso podiam e deveriam ser escravizados, ou até mesmo limitar a cidadania de outros, com a explicação de que eram intelectualmente inferiores para gerir suas próprias vidas. Até mesmo para justificar a ação das elites para o restante das pessoas, com isso quero dizer que os conhecimentos científicos eram uma realidade para o restante da população.

Podemos verificar que no Brasil as ideias eugênicas eram presentes tanto nos meios intelectuais quanto na população geral. Para melhor compreender essa colocação tomaremos como objeto de pesquisa dois jornais que circularam nos anos 1920 e 1930, no Rio de Janeiro, até então capital do Brasil. Sendo assim iremos analisar o *Boletim de eugenia* – periódico criado com fins de divulgar a eugenia, de 1929 a 1933 e o *A Noite*, que possuía grande circulação e existiu de 1911 a 1964. Por meio da análise comparativa entre os jornais, podemos verificar as semelhanças, diferenças e particularidades, compreender a influência do conhecimento eugênico produzido no Brasil e como os atores dos jornais ocuparam os diversos espaços dos periódicos da época.

Adotamos o jornal como fonte principal por ser um dos maiores meios de comunicação que havia na época. Apesar de haver um alto índice de analfabetismo, os textos e conteúdos eugênicos circulavam não só entre intelectuais, mas também entre a população geral por meio dos jornais. Com intuito de obtermos uma leitura de públicos leigos e intelectuais analisamos as dinâmicas de leituras e observamos o trato que era dado, as informações eugênicas no jornal médico e do cotidiano. Isso nos levou a compreender a forma como os leitores do século XX entendiam e acessavam as informações sobre a eugenia. Seguimos as proposições de Marialva Barbosa (2010) que ressaltava o fato de que as letras impressas se nutriam das práticas orais, ou seja, as

informações eram contadas de forma verbal, os que sabiam ler informavam os que não sabiam e assim a eugenia também se fez conhecida entre os que não liam.

A escolha dessa fonte deu-se porque os jornais, na época analisada, assim como hoje, são repositórios de informações e ideias que se esforçam para cobrir a realidade em que estão inseridos. Sabemos que é impossível lermos como os leitores da época, porém tentaremos nos aproximar e interpretar que tipo de eugenia foi apresentada aos habitantes do Rio de Janeiro e, por seu papel de capital do país, o que repercutia para outros territórios.

Nos dois periódicos notamos que a eugenia não era compreendida como uma ciência do mal, como hoje é comumente propugnada. Era apresentada como o conhecimento mais moderno que se tinha na época e por isso as pessoas citavam e acolhiam como uma verdadeira solução para os problemas sociais que enfrentavam, tal como pobreza e fome.

Ao ler os jornais perceberemos como se difundia a ideia de que se deveria aderir a eugenia e também se percebe o quanto essa ciência foi repensada e originalizada conforme a realidade do Brasil. Notamos a presença da pauta eugênica nas questões políticas, na saúde, na educação. Identificamos a realização de concursos eugênicos, a publicação de livros com abordagens eugênicas, a circulação de um jornal especializado em divulgar a ciência eugênica, a realização do primeiro congresso de eugenia. Ao longo da dissertação, veremos associações ou grupos de sociedades eugênicas brasileiras e verificamos que era apoiada por intelectuais e políticos de renome como Monteiro Lobato, Renato Kehl, considerado pai da eugenia no Brasil, e Getúlio Vargas. Nesse sentido, problematizamos como o público comum e os intelectuais se posicionavam em relação a ciência acreditando que se tratava de algo com credibilidade e totalmente seguro, que salvaria o futuro da nação.

A historiografia sobre o tema evidencia que, após o Holocausto, as pesquisas sobre eugenia a interpretavam de forma muito negativa, como sinônimo de pseudociência reacionária, sexista, racista, antissemita e fonte de violência. Somente nos anos 90 a perspectiva sobre eugenia muda, ressaltando o quanto foi estigmatizada e negligenciada, por conta da dificuldade em lidar com esse episódio histórico e traumático. Superando essa situação eventos e debates abriram novas possibilidades e perspectivas sobre o tema (CARVALHO; PIETTA, 2015, p. 112).

Gerson Pietta e Leonardo Carvalho (2015) ao fazer um balanço das publicações sobre eugenia destacam a importância do estudo de Nancy Stepan como inaugurador de

novas perspectivas para pensar os espaços de negociação da eugenia e a sociedade. Além disso o seu trabalho abriu novas possibilidades de perguntas, análise e investigações que fazemos atualmente sobre o tema no Brasil.

A presente dissertação insere-se nesse movimento reflexivo que busca abordar a eugenia, reconhecendo todo mal e peso negativo que tal conhecimento gerou para a humanidade, mas apostando que precisamos compreender e refletir sobre o nosso passado para identificar, e até mesmo para combater, ideias que buscam resgatá-las embasando discursos de ódios, tal como machismo, racismo e preconceitos.

Vale mencionar que a pesquisa sofreu alterações e foi preciso se adaptar ao contexto vivenciado hoje. A pandemia, que iniciou em 2020, levou ao fechamento dos arquivos impossibilitando o acesso aos fundos e documentos burocráticos dos jornais, que seriam abordados no capítulo 3. Para somar às adversidades desse estudo, a Biblioteca Nacional sofreu ataque hacker, fazendo com que na reta final da pesquisa o arquivo digital do *Boletim de eugenia* sumisse, inviabilizando a revisão de algumas informações do jornal.

Essa dissertação é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo buscamos entender as origens da eugenia, o que fez com que algumas pessoas acreditassem nos dados obtidos pelos eugenistas e como era extraído tais resultados científicos. Ainda nesse capítulo, entenderemos como ocorria a circulação das informações, o contexto histórico que envolve a eugenia e explicar a temporalidade das visões e pensamentos de cada época do movimento eugênico, além de compreender as concepções que os nossos atores possuíam sobre ciência. Nossos atores, as principais pessoas que defendiam a eugenia, eram, principalmente, os cientistas que elaboravam diversos estudos sobre hereditariedade. A partir daí compreenderemos as condições de produção e existência das nossas fontes, os jornais *Boletim de eugenia* e o *A Noite*, e sua relação com o contexto eugênico em que estavam inseridas. Procuramos entender como os jornais eram vistos na sociedade, pois os periódicos eram os principais meios de comunicação para a sociedade no princípio do século XX. Assim, antes de trabalharmos as fontes, necessitávamos compreender o contexto social desses atores envolvidos no processo – os que produziam o conhecimento eugênico e os que recebiam ou noticiavam as informações -, as suas possibilidades, limitações, intenções e seguir a realidade social, política e cultural em que os nossos objetos de análise estavam inseridos.

No segundo capítulo analisaremos a aplicação das teorias eugênicas nos jornais. Abordaremos a divulgação da eugenia no *A noite* e no *Boletim*, pois eram periódicos com

propostas diferentes, mas que noticiavam sobre eugenismo. Mapeamos os articulistas dos jornais, as instituições e estratégias que estiveram presente nas edições trabalhadas. Identificamos com quais ideias estrangeiras os periódicos interagiam e as analisamos, as proposições de intervenção na realidade propugnadas pelas matérias de cunho eugênico. Cada uma das temáticas identificadas está tratada em um tópico específico problematizando as temáticas em comuns ou diferentes que apareceram nos periódicos.

Já no terceiro capítulo analisaremos textos dos jornais que abordavam sobre eugenia e quais eram as possíveis interpretações que os leitores poderiam obter do que liam e da interação do público, até mesmo os múltiplos sentidos que a eugenia ganhou em outros setores, para além do mundo médico. Sendo assim, nesse capítulo buscaremos captar a recepção do público com o jornal e a relevância que o público dava para as informações sobre eugenia divulgadas no *A noite* e no *Boletim*.

Com esse estudo foi possível compreender os sentidos da eugenia para a sociedade carioca das décadas de 1920 e 1930 e refletir sobre o impacto que o conhecimento eugênico obteve quando circulou nos periódicos da época interagindo com diversos tipos de atores sociais, dos intelectuais ao público leigo. E hoje, nos conscientizando sobre o passado eugênico no nosso país.

CAPÍTULO 1 - O desenvolvimento da eugenia - dos valores sociais a práticas científicas

1.1 Primórdios da eugenia

A eugenia, como ciência, surgiu no século XIX em formato de estudo que buscava convencer as pessoas de que era possível melhorar a humanidade. Tal modificação ocorreria por meio da eliminação dos indivíduos que eram considerados indesejáveis por serem diferentes de alguma forma – tendo deficiência física ou ser de uma categoria social ou racial, tida como inferior.

Contudo, podemos apontar que a prática de eliminar pessoas em prol da ideia de uma humanidade utópica não surgiu com os conhecimentos eugênicos científicos, já ocorria na sociedade desde a antiguidade. Por isso, precisamos analisar o contexto e argumentos que permitiram que a eugenia existisse e fosse adotada por diversos atores em diferentes momentos históricos, sendo apresentada em forma de ciência ou como um discurso baseado em valores sociais que almejavam manter na sociedade apenas vencedores, fortes e perfeitos.

O termo eugenia, que significa “bom em sua origem”, surgiu na Grécia antiga, em Esparta, onde existia a expectativa do nascimento apenas de crianças saudáveis. As crianças nascidas com imperfeições eram eliminadas da sociedade por não corresponder ao ideal de guerreiro perfeito. Assim, a meta de sociedade espartana perfeita era pautada no militarismo, por isso ocorria estímulos na educação para fazer com que o jovem seguisse um modelo ideal de soldado: bem treinado fisicamente, corajoso, obediente às autoridades e capaz de garantir a segurança pólis.

As mulheres espartanas recebiam educação semelhante à dos homens, com torneios e atividades esportivas. A ideia era que se elas tivessem corpos fortes, gerariam filhos sadios e fortes também, assim como havia o investimento em elevar o nível dos espartanos para que tornassem perfeitos. Podemos dizer que quando nascia, uma criança espartana só merecia os cuidados do Estado se ela fosse saudável, caso contrário podia ser morta ou abandonada, ou seja, era eliminada da sociedade por não corresponder ao ideal de guerreiro perfeito.

Segundo Denise Alves (2017, p. 35) existiram poucos apontamentos sobre a configuração da deficiência na antiguidade clássica. Esparta, Roma e Atenas trazem significativas contribuições para a compreensão desse período, denominado por

historiadores como “período de extermínio”, no qual os indivíduos com deficiência foram brutalmente aniquilados.

Na Roma antiga, a lei das doze tábuas garantia ao patriarca o direito de matar os filhos que nascessem com alguma anomalia. Já na sociedade ateniense os indivíduos com deficiência não eram mortos, porém eram postos à margem da sociedade, ou seja, deixados à própria sorte (GAIO, 2010).

É válido salientar que precisamos contextualizar a época e respeitar a historicidade da sociedade antiga, pois na visão de Licurgo, legislador espartano responsável pelas leis de Esparta, o infanticídio se justificava, uma vez que na opinião dos espartanos “não era bom nem para a criança nem para a república que ela vivesse, visto como desde o nascimento não se mostrava bem construída para ser forte, sã e rica durante toda a vida” (ALVES, 2017, p. 34). Com isso, podemos dizer que os valores das sociedades antigas eram de construir uma boa comunidade e por isso justificava-se eliminar os indivíduos que não atingiam o padrão de perfeição esperado. A eugenia foi uma prática de como lidar com os indivíduos que não atendiam as expectativas de perfeição das sociedades antigas. Dessa forma, podemos dizer que graças as estruturas sociais da época, que normalizavam a eliminação de indivíduos, fizeram com que a prática fosse comum e até mesmo legalmente aceita, pois dentro do contexto da antiguidade fazia-se o bem para todos, até mesmo para o indivíduo que seria eliminado.

A forma de lidar com as pessoas que não seguiam o padrão de perfeição esperado na sociedade, só foi modificada na Idade Média graças ao pensamento religioso, ou seja, os valores religiosos pesaram significativamente na forma como os indivíduos lidam com a eugenia. Segundo Denise Alves (2017) na Idade Média podemos apontar que a sociedade possuía duas formas de tratar com os indivíduos que tinham alguma diferença física. Para alguns a deficiência era pensada como punição divina e vista também como indicativos de vínculo do indivíduo com o demônio. Os deficientes eram considerados hereges que deveriam ser lançados na fogueira da inquisição para serem libertos da maldição que os afligia. O ato de queimar viva em praça pública a pessoa com deficiência não era concebida por aquela sociedade como uma atitude sádica, mas sim como um meio de purificar-lhe a alma.

Conforme a difusão da doutrina cristã e o moralismo cristão ocidental fez com que a prática de matar os deficientes para libertá-los do pecado fosse substituída pela segregação. Os corpos deficientes passaram a ser confinados em casas, porões ou vales. Na condição de filho de Deus, o indivíduo com deficiência não podia mais ser eliminado,

mas precisava ser mantido e receber cuidados. Essa concepção caritativa é que dará, posteriormente, origem às casas de misericórdia, onde os indivíduos com deficiência passam a ser abrigados, porém segregados da sociedade. Substituindo atitudes de desprezo e negligência que predominaram por longos anos, por atitudes de tolerância e complacência em relação a deficiência (ALVES, 2017).

Na modernidade veremos que graças ao racionalismo ocorre a valorização das ações humanas e científicas que passa a ter papel fundamental na sociedade. As explicações saíram da esfera sobrenatural e começaram a voltar-se para a natureza humana. O que rompe com os princípios e formas de lidar com indivíduos desde a antiguidade, a explicação para os fatos deixa de ter influência religiosa ou mística.

A racionalização e o uso da lógica fizeram com que a sociedade realizasse uma autocrítica sobre as suas posturas em relação as explicações religiosas, o que até mesmo acarretou o fim da teoria do direito divino, onde as pessoas seriam escolhidas por Deus e por isso eram melhores.

Diante dos questionamentos sobre a prática do direito divino veremos que foi substituída pelas teses do direito natural, tal como a desenvolvida de modo notável pelo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em uma de suas principais obras, *O Contrato Social*. Rousseau defendeu a ideia da soberania do povo e que a finalidade última de toda legislação seria promover a liberdade e a igualdade entre os homens. Assim, em 1789, a Revolução Francesa proclamou os princípios universais de liberdade, igualdade e fraternidade e pressionou a Assembleia Nacional Constituinte da França a abolir a servidão e os privilégios do clero e da nobreza (ALVES, 2017).

Dessa forma, normalizaram as diferenças dos indivíduos e abominou ideologias que visavam a exclusão das pessoas. A ideia de que todos os indivíduos eram iguais deu-se num contexto onde muitos não queriam aceitar essa igualdade, pois admitir essa igualação significava dizer que pessoas que eram privilegiadas seriam iguais aos que por vários momentos históricos eram vistos como marginalizados e inferiores, sendo assim não seria da noite para o dia que as pessoas se despiriam de seus preconceitos diante do legado de vários momentos que vimos desde a antiguidade, onde buscava-se categorizar o outro.

Podemos apontar que não somente a mudança de perspectiva, agora imbuídas de ideias liberais, da modernidade em lidar com os indivíduos, mas um outro elemento influenciou para que surgisse a ciência eugênica. Dessa forma, podemos apontar que no final do século XIX e início do XX, por conta da Revolução Industrial, onde um grande

número de pessoas saíram do campo para as cidades em busca de empregos e este fluxo intenso fez com que grande parte dos trabalhadores vivessem sob condições deploráveis nas cidades, tal como a miséria, as más condições de higiene, a falta de trabalho ocasionada pelo excesso de mão-de-obra, bem como a exploração dos trabalhadores por parte das industriais, contribuindo para o aumento da propagação de doenças e a baixa estimativa de vida. (ROCHA, 2010, p. 06).

As [péssimas] condições de saúde provocadas pelos novos ambientes urbanos e as péssimas condições de higiene dos fétidos bairros operários, onde aglomerações de indivíduos favoreciam à proliferação de doenças que logo se transformavam em verdadeiras epidemias, contrastavam com o otimismo alardeado por uma reflexão técnica baseada na pressuposição de que os avanços da sociedade industrializada provocariam uma melhora substancial na qualidade de vida do conjunto da população [que tinha levado homens a migrarem para as cidades em busca de empregos e melhores condições de vida]. (CONT, 2008, p. 209)

Foi nesse contexto que Francis Galton (1822-1911), antropólogo, matemático e estatístico inglês, primo de Charles Darwin, elaborou em sua obra *Inquiries into human faculties*¹ (1883) um estudo onde resgatou o termo eugenia apresentando como um estudo dos fatores físicos e mentais socialmente controláveis, ou seja, sistematizou em argumentos científicos a prática de eliminar os indivíduos “indesejáveis”. Em cada período histórico havia um grupo malquisto, mas, na modernidade, os indesejados sociais eram os indivíduos que rompiam com a ideia de progresso, perfeição e de sociedade civilizada, tal como: os vagabundos, os ladrões, as prostitutas e os loucos.

Para o cientista, a causa da marginalização não ocorria devido às condições sociais miseráveis. Assim, por exemplo, a crise econômica não era responsável pelo desemprego, aumento de pedintes e da prostituição, a condição desses indivíduos era causada, segundo Galton, por terem características genéticas degenerativas que os levavam a marginalização. Segundo Valdeir Cont (2008, p. 207):

Se não houvesse um controle da qualidade reprodutiva dos indivíduos na sociedade, o resultado em pouco tempo seria o avanço reprodutivo de indivíduos degenerados. [...] ampliando conseqüentemente, a criminalidade, a prostituição, a delinquência, a insanidade e todo tipo de distúrbio social. Nesse sentido, o controle reprodutivo permitiria, segundo Galton, não somente elevar o nível de qualidade da raça humana, mas também se constituiria em uma ferramenta de reforma das condições sociais degenerescentes.

Considerando que a eugenia começou na antiguidade como uma prática e foi pertinente em seus contextos e devido a limitação dos interesses e valores dos atores,

¹ Tradução - Inquérito sobre as faculdades humanas

podemos aprofundar dizendo que o princípio das ciências não era para qualquer pessoa, a educação e o contexto era protagonizado por pessoas da elite que lutavam para manter o status de privilegiados, por isso desenvolver uma série de estudos a fim de mostrar as diferenças entre os humanos. Assim, a eugenia serve como uma ciência que abordaria as diferenças entre pessoas de “boas linhagens” e os indivíduos “degenerados”. Ou melhor, como bem aponta Paulo Bomfim (2017), a eugenia ajudaria ordem social vigente, comprometida com a manutenção de privilégios sociais e a construção de uma cidadania limitada pelos interesses das classes dominantes.

1.2 Para garantir a manutenção dos privilégios a eugenia agora é uma ciência

Existiram pessoas que apostaram na eugenia como uma forma de promover seus interesses em continuar com a escravidão ou privilégios de serem visto socialmente como superiores, mas podemos apontar que muitos estudos, teorias e dados foram disseminados no decorrer do século XIX, os conhecimentos eugênicos se apresentavam como caminhos seguros e cientificamente legítimos. Por isso precisaremos compreender os dados e o que foi produzido para que a sociedade adotasse os conhecimentos eugênicos como ciência que melhoraria a humanidade.

Nesse momento é importante dizer que os países imperialistas buscavam subjugar a África e por isso patrocinavam muitos intelectuais para produzir saber científico que legitimasse as injustiças e reforçasse os preconceitos. Em resumo, diziam que os indivíduos eram incapacitados de cuidar do seu próprio território e seria o fardo do homem branco levar até os povos incapazes o “progresso” e a “ciência”, ou melhor, o ideal de civilidade – bons costumes e hábitos que só por meio disso os inferiores iriam evoluir.

Uma das teorias científicas que embasava a ação imperialista era o evolucionismo que afirmava estágios humanos onde o mais evoluído era o homem branco e o inferior era o homem negro. Junto dessa perspectiva surgiram diversos estudos acerca das leis de hereditariedade com o intuito desenvolver pesquisas que permitissem compreender a biologia humana e, principalmente, como as características eram formadas, mas que foram muito utilizadas para comprovar a inferioridade que era transmitida de geração em geração, assim como a superioridade, tal como veremos nas seguintes teorias mais difundidas como o mendelismo, o darwinismo e o Lamarkismo.

Charles Darwin, o grande protagonista das teorias evolucionistas, construiu uma perspectiva sobre a herança das características genéticas. “Darwin tinha como objetivo propor respostas a algumas questões que o conhecimento da época sobre a herança ainda não podia elucidar, além de explicar os mecanismos responsáveis pelo surgimento e herança da variação entre indivíduos” (ARCANJO; SILVA, 2014, p. 2054).

Darwin publicou, em 1868, a obra *The variation of animals and plants under domestication*², onde expunha a sua hipótese da pangênese baseada na ideia de que todas as partes do corpo de um indivíduo produzem gêmulas³ que carregam a informação referente àquela região do organismo. As gêmulas produzidas circulariam pelo organismo durante certo tempo até que, em um dado momento, se acomodam permanentemente nos órgãos reprodutivos o que transmitiria para o novo indivíduo que seria gerado pela associação do conjunto de gêmulas de seus progenitores, explicando assim a semelhança dos descendentes com seus parentais. Para o cientista, essa teoria explicaria a importância de preservar uniões de pessoas com “boa linhagem” garantindo que o novo indivíduo seria formado por bons gêmulas (ARCANJO; SILVA, 2014, p. 2054).

Outra corrente muito importante, na mesma época, foi a do francês Lamarck através da obra *Filosofia Zoológica*, publicada em 1809, e que influenciou Darwin na crença de que as características fossem transmitidas para outras gerações. Contudo, divergiam sobre como ocorreria essa transmissão: para Darwin era por meio da seleção natural⁴, mas no lamarkismo era defendido que o processo ocorria por adaptação lenta a influências externas, de modo que se o ambiente sofresse modificações, os organismos iriam se adaptar, o que seria capaz de alterar o plasma germinativo e perpetuar as novas qualidades nas gerações seguintes, promovendo aprimoramento constante da espécie. (SANTOS, 2005, p. 32).

Podemos dizer que Galton, formulou a eugenia com base nos conhecimentos do seu primo, Darwin, na teoria da pangênese e mediante a larga experiência que possuía, pois Galton de 1853 a 1866, na universidade de Cambridge, já havia feito investigação sobre a habilidade hereditária (ROCHA, 2010, p. 7). A teoria galtiana se apropriou de alguns conhecimentos já existentes, baseando-se no princípio da pangênese, de que as gêmulas são produzidas ao longo da existência de um indivíduo e as características

² Tradução - A variação de animais e plantas sob domesticação

³ As gêmulas são a parte do embrião da semente que dará origem às folhas de uma nova planta.

⁴ A teoria que defende a sobrevivência de que os mais aptos sobreviveriam para deixar as melhores qualidades para as próximas gerações.

adquiridas durante a vida poderiam ser transmitidas para outras gerações. No entanto, apesar de Francis Galton se basear na hipótese da pangênese, fez modificações que favoreciam seu pensamento eugênico ao defender que as mudanças do ambiente não seriam transmitidas à prole. Ou seja, não adiantava modificar a realidade social dos indivíduos disgênicos, pois continuariam transmitindo seus genes ruins para os seus descendentes.

Ele estendeu a ideia de gêmulas latentes proposta por Darwin, aventando que um indivíduo deveria ser formado de duas partes: uma que permaneceria latente - elementos latentes - nas células germinais e outra que estaria expressa no organismo adulto - elementos patentes. Segundo Galton, os elementos latentes revigoram as patentes durante toda a vida do indivíduo, mas o processo contrário não ocorre. Ele postulava que os elementos patentes não poderiam influenciar a linhagem latente, pois a partir disso poderia fundamentar fisiologicamente a sua crença de que as mudanças do ambiente (partilhadas pelos elementos patentes) não poderiam afetar os determinantes hereditários conferidos pelos elementos latentes. (CASTEÑEDA, 2003, p. 905).

Luzia Castañeda (2003) refere-se ao período do surgimento das teorias de hereditariedade como repleto de argumentos movediços, “onde as tendências teóricas estão em constante desafio uma frente às outras” (2003, p. 905). Enquanto Galton e as hereditárias defendiam o determinismo biológico, pode-se dizer que teorias divergentes surgiam, tal como as ideias de Mendel sobre as ervilhas, de 1865, onde ele constatou que cada indivíduo possuía genes que eram herdados por dois fatores, o dominante e o recessivo e não as gêmulas como Darwin defendeu, porém, a teoria de Mendel só ficou conhecida em 1900.

Guido Barbujani (2007, p. 152) destaca que Mendel descobriu o gene e a diversidade de informações que compõe os indivíduos, mas ainda não sabia que os genes eram feitos de DNA. Nos dias atuais, os experimentos confirmaram que o DNA é responsável pela herança biológica não só naquelas bactérias específicas, mas também em todos os seres vivos. A descoberta da variação genética impactou os anos de 1920 e 1930, pois a uniformidade genética era amplamente aceita. Assim surgiu uma onda de novas opiniões entre os geneticistas. Theodosius Dobzhansky⁵ defendia que não existe o genótipo do tipo selvagem ou normal. Atestando, assim, as diversidades da biologia humana em que palavras como anormal e normal não se fazem sentidos mediante aos conhecimentos que possuímos sobre diversidade da genética humana. (TOLEDO, 2003, p.74).

⁵Foi um geneticista e biólogo evolutivo ucraniano-estadunidense cujo trabalho moldou a síntese evolutiva moderna e foi essencial para o desenvolvimento da teoria evolutiva no século XX.

Guido Barbujani (2007, p. 38) ressalta que Darwin desconhecia as descobertas de Mendel sobre as leis da transmissão hereditária e as leis da genética, apesar de terem vivido num mesmo período. Os atores ampliaram e reapropriaram o seu quadro teórico sobre a hereditariedade e a evolução e, por consequência, sugeriram diferentes estratégias, todas variantes da eugenia. Luzia Castañeda (2003) relata que essas múltiplas correntes teóricas geram a sensação de confusão, vários termos e conceitos ferviam no mesmo caldo: desde partículas hereditárias até genes. A autora faz uso da metáfora do caldo para se referir às teorias da época, pois o caldo serve para várias receitas, e explica que “cada proposta eugênica se utilizou do mesmo caldo, que por seu estado de liquidez adequou-se a cada particularidade” (CASTAÑEDA, 2003, p. 906). Assim como deterministas biológicos deram interpretações sobre a lei de Mendel, que nem o próprio tinha dado:

O mundo estava entusiasmado pelo redescobrimto da obra de Mendel e pela possibilidade de decifrar as bases da hereditariedade. [...]. Muitos biólogos pensaram ingenuamente que todos os traços humanos se comportariam como a cor, o tamanho, ou a rugosidade das ervilhas de Mendel: em suma, acreditavam que até mesmo as partes mais complexas do corpo humano podiam ser produto de um único gene, e que as variações na anatomia ou no comportamento correspondiam a formas dominantes ou recessivas que apresentassem esse gene. Os eugenistas apropriaram-se com avidez dessa ideia disparada, pois ela lhes permitia afirmar que todos os traços indesejáveis podiam derivar de genes específicos e podiam ser eliminados através da imposição de restrições a reprodução. (GOULD, 2014, p. 166-167)

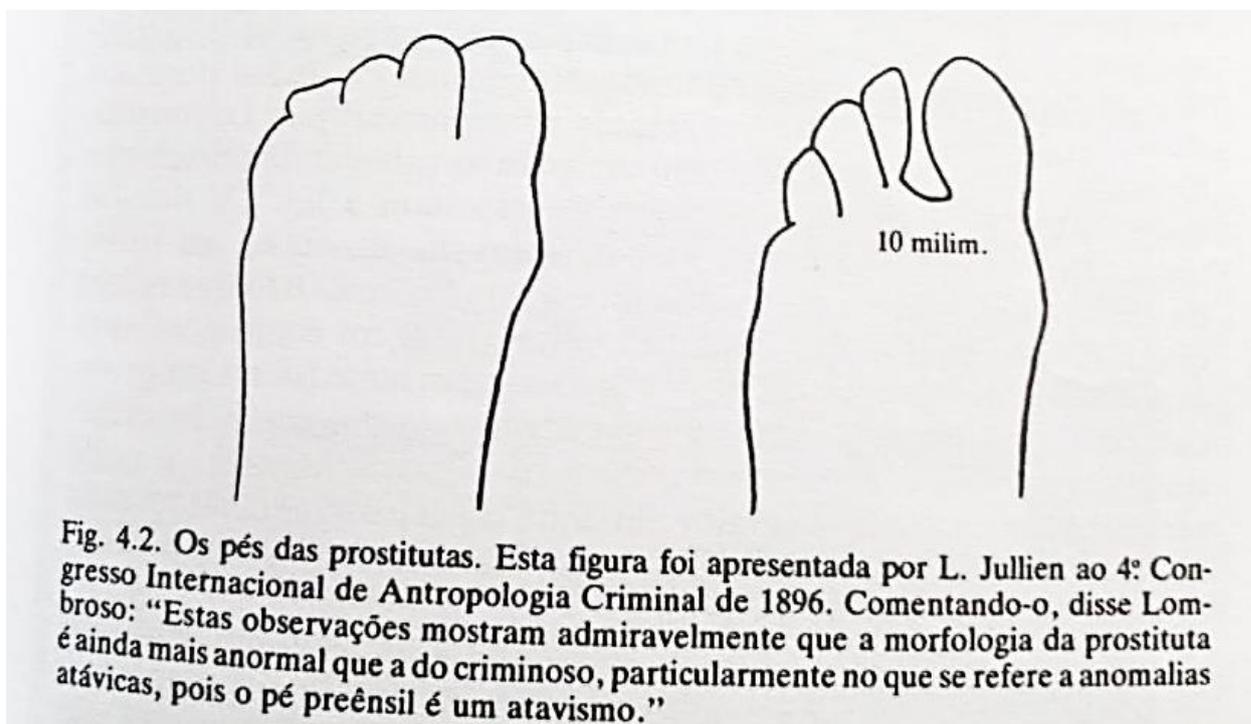
Cada grupo intelectual via uma forma diferente para curar a sociedade, como é demonstrado por Alessandra Santos (2005, p. 34) que os favoráveis às teorias de Mendel e Weissman defendiam as práticas eugênicas como, por exemplo, esterilização de inaptos e o controle de casamentos através de exames pré-nupciais para identificar possíveis moléstias em um dos cônjuges. Já os estudiosos lamarckistas defendiam que as ações que beneficiariam os indivíduos eram ações de saneamento, implantação de programas de educação física nas escolas, cursos e divulgação de informações sobre higiene corporal, além de mecanismos de controle dos vícios e doenças.

Além dessa teoria de partículas hereditárias, Galton participou do que ficou conhecido como a biometria, outro conhecimento que era divulgado nos meios sociais para comprovar a veracidade das informações e estudos eugênicos. A biometria que inspirou o movimento eugênico e esteve presente nas teorias de Lombroso⁶, diz que todas as características poderiam ser medidas e submetidas à análise estatística de meados do

⁶ Lombroso foi um médico que impulsionou a antropologia criminal.

século XIX, em alguns estudos asseverava que o cérebro dos criminosos era menor que o das pessoas normais. Além de identificar a morfologia da prostituta e concluir que pés preênses⁷ era um atavismo⁸ (GOULD, 2014, p. 129).

Figura 1: A falsa medida do homem



Fonte: Imagem retirada do livro Jay Gould. Editora, 2014. p. 129.

O conjunto de conhecimentos científicos elaborado por estudiosos renomados na comunidade dizia ser viável identificar os homens predispostos ao crime, pois eles possuíam um padrão possível de ser medido pelos conhecimentos da antropometria os cientistas eugênicos diziam: “podemos identificar os criminosos natos porque seu caráter simiesco se traduz por determinados sinais anatômicos. Seu atavismo é tanto físico quanto mental, mas os sinais físicos, ou estigmas” (GOULD, 2014, p. 123). Outro exemplo para compreendermos como era aplicado esses saberes podemos apontar que Lombroso defendia que quase todos os criminosos padeciam de epilepsia e a partir dessa afirmação todos os epiléticos se converteram num dos principais alvos dos programas eugênicos, visto que essa enfermidade era vista como um sinal de degeneração moral. Sendo que

⁷ Pés preênses é a capacidade de possuir pés capazes de ser usado como um par de mãos extra. São pés com formatos de mãos.

⁸ Hereditariedade biológica de características psicológicas, intelectuais, comportamentais.

essas ideias e programas se estenderam não apenas aos epiléticos, como também aos estúpidos, aos pobres, aos destituídos, aos concebidos como degenerados de forma geral. (GOULD, 2014, p. 134 e 136).

Jay Gould (2014, p. 17) afirma que o determinismo biológico foi a justificativa científica que legitimou a tese de que o valor dos indivíduos e dos grupos sociais pobres era construído de um material intrinsecamente inferior, com os cérebros mais pobres e genes de má qualidade. Para tratar dessa corrente científica o autor adota uma perspectiva histórica visando demonstrar que todo conhecimento científico está inserido numa cultura e pensamentos da época e assim desconstrói a ideia de uma “Ciência” reificada.

Não é a minha intenção afirmar que os deterministas biológicos eram maus cientistas ou que estavam sempre errados, mas, antes, a crença de que a ciência deve ser entendida como um fenômeno social, como uma empresa corajosa, humana e não como o trabalho de robôs propagandas para recolher informações puras. [...] a cultura também influencia o que vemos e o modo como vemos. [...]. As teorias mais criativas com frequência são visões imaginativas aplicadas aos fatos e a imaginação também deriva de uma fonte marcadamente cultural. (GOULD, 2014, p. 5-6).

Os estudos sobre as diferenças entre as raças humanas para explicar a degeneração das raças se dividiam entre argumentos brandos e duros. O primeiro defendia que a unidade de todos os povos era dada através da criação única de Adão e Eva e esta concepção foi denominada monogenismo. Partindo-se dessa crença acreditava-se que a degeneração do paraíso havia atingido a todos, sendo em menor proporção os brancos e em maior nível os negros.

Já o argumento duro afirmava que as raças humanas eram espécies biológicas separadas e descendiam de mais de um Adão, e já que os negros constituíam uma outra forma de vida, não participavam da “igualdade dos homens”, o que se denominava poligenia. Apesar das diferenças, as duas correntes defendiam que os indivíduos degenerados, por serem diferentes, não compartilhavam da igualdade do homem ou da perfeição do paraíso e isso legitimava a escravidão desses indivíduos (GOULD, 2014, p. 26). A partir dessas explicações, também havia soluções brandas e duras, mais conhecidas como eugenia positiva e negativa. A primeira visava reeducar os indivíduos considerados degenerados, enquanto a segunda pretendia identificar indivíduos deficientes para impor-lhes limites e reduzir a sua procriação.

Dessa forma, podemos compreender que os indivíduos do período do século XIX e XX que adotavam o determinismo como uma visão de mundo estavam inseridos nesse contexto em que acreditavam que através da aplicação de uma ciência eugênica poderiam

preservar os indivíduos considerados como padrão racial, que segundo eles, estavam desaparecendo devido à falta de cuidados reprodutivos e ao cruzamento de membros típicos da raça com membros “degenerados”. Além da reprodução controlada, deveriam ser introduzidas modificações no corpo e no intelecto dos indivíduos, as quais assumiriam um caráter de herança genética, no sentido de retorno ao padrão racial original (MAI; BOARINI, 2002).

Goddard [diretor do departamento de pesquisa de uma escola para deficientes mentais] tentou identificar indivíduos deficientes para impor-lhes limites e reduzir a sua procriação, evitando assim a posterior deterioração da estirpe americana [...] pois o baixo grau de inteligência produz indivíduos ‘sociopatas’, enquanto que, o nível seguinte [alto de inteligência] que gera trabalhadores dóceis e apáticos que fazem a sociedade industrial funcionar e que aceitam pouca coisa em troca. [...] Goddard dedicou tanta atenção aos débeis mentais. Eles ameaçam a saúde da raça por ocuparem uma posição muito elevada dentro do grupo dos indesejáveis [vistos como um perigo já que fisicamente aparentam normais] e se não forem identificados podem prosperar e propagar-se. (GOULD, 1991, p. 163 e 166).

Denise Alves (2017) destaca que o ápice das ideias científicas em relação aos deficientes deu-se no ato da deficiência mental, aprovado em 1913, para identificar indivíduos mentalmente deteriorados e segregá-los em instituição ou asilos onde seriam impedidos de reproduzir. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1910, com a fundação do *Eugenic Records Office*⁹, testes de QI passaram a ser aplicados para aferir a idade mental e a capacidade de crianças com deficiência intelectual. Termos como “débil mental”, “imbecil” e “idiota” passaram a ser cunhados nesse período para identificar quais indivíduos estavam, segundo a teoria eugenistas, inaptos biologicamente para a sociedade.

Jay Gold (2014) ao explicar como os cientistas eugênicos forjavam os resultados de suas experiências, afirma que gostou de bancar o detetive na maioria dos casos dos estudos de casos que integram este livro, descobrindo trechos que foram expurgados sem justificção de cartas publicadas, refazendo cálculos para localizar os erros que permitiram a obtenção de conclusões esperadas, descobrindo como os dados adequados podem ser distorcidos pelos preconceitos e fornecer resultados predeterminados.

Acerca do teste de Q.I aplicado nos indivíduos o autor expõe que o próprio criador do programa, que era o cientista chamado Binet, não concordava com a utilidade que estavam dando aos testes de QI. Binet para defender seu ponto de vista não só se negou apenas a qualificar o QI como inteligência inata, como recusou-se também a considerá-

⁹ Tradução: Cartório de registros de eugenia

lo um recurso geral para a hierarquização de alunos segundo o seu valor intelectual ou estabelecer uma distinção entre idiota adquirida e a congênita. Em sua escala Binet tentou separar inteligência natural e educação, pois o teste desenvolvido pelo cientista buscava identificar as falhas na inteligência com o intuito de ajudar a melhorar e nunca fez parte dos planos do pesquisador usar o teste para atribuir rótulo ou impor-lhe limites, ainda que algumas crianças tivessem uma incapacidade inata para obter resultados normais, todas podiam melhorar se recebessem a assistência adequada.

Apesar do posicionamento incisivo as advertências foram ignoradas e suas instruções distorcidas pelos hereditários americanos, que logo transformaram sua escala num formulário aplicado de forma rotineira com idiomas desconhecidos pelos avaliados e, em muitos casos, passavam questionários em pessoas que não eram alfabetizadas. Com isso, o próprio Binet chegava a conclusão de que a diferença entre a média dos brancos e a dos negros americanos poderia refletir apenas as desvantagens ambientais a que estão sujeitos os negros. Dessa forma, os cientistas eugênicos retificaram os resultados de Binet, achando que estavam medindo uma entidade chamada inteligência. Acharam que a inteligência era, em grande parte, herdada e elaboraram por uma série de argumentos enganosos em que confundiam diferenças culturais com propriedade inatas.

Em suma, embora o termo “eugenia” tenha sido cunhado por Galton em 1882, a ideia de melhoramento da raça já existia desde a antiguidade, respeitada as suas particularidades temporais. A eugenia atingiu o seu ápice na Alemanha Nazista de Hitler, quando foram perseguidos não apenas os deficientes ou pobres. Em 1945, o grupo de indesejados ampliou incluindo uma lista enorme de características e grupos humanos, tal como judeus, negros, homossexuais, ciganos, testemunha de Jeová e deficientes intelectuais. Por serem considerados indignos de viver, deveriam ser executados em defesa da hegemonia da raça ariana. A história da eugenia nos mostra a dificuldade das sociedades, ao longo do tempo, em lidar com pessoas que são diferentes. Todas as provas pseudocientíficas obtidas para respaldar a eugenia só foram possíveis por conta dos valores sociais baseados na aversão das diferenças.

1.3 A eugenia no contexto brasileiro – regenerando pelo bem da ordem e do progresso dos interesses de quem?

O Brasil foi o último país a acabar com a escravidão, o que, por si só, já demonstra a resistência dos escravocratas em admitir a igualdade entre os indivíduos. Pelo mundo a fora circulavam teorias que justificavam a exploração de negros e pobres legitimando escravagistas em vários locais, entre eles o Brasil.

Dessa forma, o país não ficou de fora do ambiente intelectual que era fortemente inspirado pelo positivismo de Comte e pelo darwinismo social. A incorporação das “modernas” teorias que prometiam o melhoramento humano, visando, da ótica burguesa, proteger a “boa” estirpe da elite patronal enquanto se pretendia habilitar as classes populares, regenerando-as por meio do trabalho, da higiene e da moral (BOMFIM, 2017).

A influência das teorias modernas foi tão impactante que a bandeira do Brasil surge com o lema positivista “ordem e progresso”, além de mostrar o destaque que se dava para o progresso na época, vale pontuar que o progresso nacional ocorreria através da ordem social baseada na ciência e nos novos métodos que, numa nova linguagem, diagnosticava que as causas do atraso nacional eram os indivíduos indesejados e os meios de superar os desafios nacionais era utilizando as ideias científicas eugênicas para lidar com os degenerados (BOMFIM, 2017).

Dessa forma, o maior dilema era a conformação do novo sistema político, a República, que implicava numa série de homens que eram escravizados e tornaram-se livres andando pelas ruas da capital, diante de tal cenário a grande pergunta e preocupação da elite era: que homem brasileiro iremos construir? Que Brasil será construído? Que país queremos ser? Saudável! Forte! Assim, a Eugenia é uma ciência que abraçaria tais necessidades. Tal como é pontuado por Vanderlei Souza (2012, p. 49):

Através das diferentes formas de terapêuticas, a ‘ciência eugênica’ poderia tanto contribuir para a purificação higiênica e o melhoramento rigoroso dos progenitores como para o aperfeiçoamento físico, a saúde e o embelezamento da sociedade. A eugenia se constituía, deste modo, também como um movimento que visava à estetização da identidade nacional. A ideia de progresso e civilização exigia, sobretudo, a saúde, a força e a beleza física.

Para agravar o cenário de marginalização de alguns indivíduos, haviam os imigrantes. Entre o fim do século XIX e início do XX, muitos fazendeiros financiaram a vinda de imigrantes para usá-los como uma opção de mão de obra barata na agricultura. Conforme a autora Simone Souza (2017, p. 1589) “De 1819 a 1939 chegaram ao Brasil 4.705.367 imigrantes, os imigrantes somados aos recém escravos libertos, e ao

contingente de sertanejos que foram buscar o progresso nas capitais, fez de São Paulo, um centro de mão de obra barata”, esse cenário social resultou em más condições de moradia. Além disso, os baixos salários recebidos, a pouca ou nenhuma participação política fizeram dos anos finais da segunda década do século XX o contexto perfeito para o Brasil receber a ciência eugênica como solução para os problemas que vivenciavam na transição de um Brasil rural – oligárquico e que agora era urbano com indústrias, reformas e obras modernas.

A eugenia no meio desse contexto se apresentava como uma ciência que iria salvar o Brasil do processo de degeneração, iria enquadrar a população brasileira nos moldes civilizadores do progresso, instrumentalizar o processo de constituição de uma nação brasileira “sadia”. Regeneração nacional, totalmente voltada para a raça e os estágios de evolução do homem apresentado pelo evolucionismo. Porém, podemos destacar que o pensamento eugênico no Brasil ficou caracterizado pela eugenia positiva que buscava melhorar as “mazelas” através da educação, ou seja, para muitos brasileiros regenerar a nação se daria através da educação e melhoramento do meio social.

No entanto, isso não significa que não havia espaço ou que os eugenistas brasileiros desconheciam ou eram atrasados em relação a eugenia negativa e as práticas em outros lugares. O Brasil participava de congressos e exposições científicas internacionais, realizadas com o intuito de popularizar a eugenia. Em 1912, por exemplo, o presidente Hermes da Fonseca enviou dois representantes - Roquette Pinto e João Baptista Lacerda – ao Primeiro Congresso Internacional de Eugenia em Londres. Além da legação oficial outros brasileiros foram ao evento por conta própria.

O evento representou um grande passo para eugenia e reuniu mais de 50 países para debater e desenvolver estudos sobre as características raciais e psicológicas dos hábitos dos povos colonizados. Os antropólogos europeus vinham sendo financiados por nações imperialistas, em especial França, Inglaterra e Alemanha (SANTOS; SOUZA, 2011). Segundo Paulo Bomfim (2017, p. 35), pesquisadores e políticos mantinham articulações que colaboravam para legitimar modelos e critérios de integração das sociedades ao “concerto das nações civilizadas”. Assim, a eugenia pôde ser considerada uma ciência e prática política.

A fim de demonstrar o contato do Brasil com outros países, podemos citar a atuação da fundação Rockefeller, instituição norte-americana que, no início do século XX, auxiliava de forma filantrópica a disseminação da eugenia para diversos países. Enquanto financiava uma eugenia negativa em vários países, percebemos que, no Brasil, a

instituição precisou se adaptar a eugenia positiva, aos intelectuais e ao contexto da realidade brasileira. O que nos mostra como o pensamento eugênico no Brasil possuía características e particularidades únicas que o diferenciava do movimento eugênico em outros países, principalmente da Alemanha e Estados Unidos que hoje são lembrados por sua forte atuação na eugenia negativa, com políticas diretas de esterilização dos considerados disgênicos.

Instituição norte-americana que escreveu no plano internacional, um dos capítulos mais polêmicos da história da ajuda externa, da filantropia científica, ou do imperialismo econômico cultural no Brasil como em tantos outros países nos quais atuaram suas missões médicas e suas equipes de enfermagem [...] Se nos Estados Unidos e na Alemanha, a Rockefeller investiu diretamente em pesquisas e instituições ligadas à eugenia, aqui no Brasil se viu envolvida na trama de um movimento sanitário que já se alinhava no país, tendo à frente sanitaristas de projeção política como Carlos Chagas e Belisário Penna, articulados ao aparelhamento do Estado e, especificamente, à criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 1920. (KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009, p. 316).

Em 1918, período que segundo Elisabete Kobayashi, Lina Faria e Maria Costa (2009, p. 349) coincide com a chegada da fundação Rockefeller no Brasil, houve a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, com a colaboração do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, e o médico, Renato Kehl que se consagrou como o pai da eugenia no Brasil. Kehl se dedicava à difusão e implantação das ideias eugênicas, realizando conferências, no Brasil e em vários países, publicou cerca de 30 livros e inúmeros artigos em jornais sobre o tema eugenia. Na Sociedade Eugênica vários outros intelectuais foram agregados como educadores, médicos e juristas, intelectuais influentes da época. Dentre eles podemos citar Artur Neiva (diretor do instituto Butantã e vital Brasil) e Belisário Penna (Diretoria Geral de Saúde Pública). Conforme Paulo Bonfim (2017) todos esses atores já eram conhecidos de anos, por conta da atividade médica, do Renato Kehl que mais tarde casou com a filha de Belisário Penna.

O governo do Estado de São Paulo passou a investir na implantação de serviços higiênicos e sanitários. Sob o comando do cientista Artur Neiva - nomeado a partir de 1917 para dirigir os serviços sanitários do Estado - as políticas de saúde pública entraram numa 'era' de grandes reformas. As concepções científicas oriundas do campo médico, bem como as reformas propostas pelos sanitaristas, passaram a ser apropriadas como um mecanismo político que poderia estabelecer ordem ao mundo de caos imposto pelas péssimas condições higiênicas e pelas inúmeras doenças que ameaçavam a sociedade como um todo. (SOUZA, 2006, p. 34)

A criação de uma sociedade eugênica representou o marco na institucionalização da eugenia no Brasil e também na América Latina, pois a partir desse grupo tornou-se mais fácil para os eugenistas se encontrarem, produzir e sistematizar seus conhecimentos

sobre eugenia com o objetivo de pensar numa solução para os problemas da sociedade brasileira. Porém, vale ressaltar que a influência dos atores envolvidos na formação da sociedade eugênica foi fundamental para levar o movimento que iniciou em São Paulo para o Rio de Janeiro, até então capital do Brasil.

A iniciativa, pioneira na América Latina, pode ser considerada vanguardista, já que a sociedade era apenas dez anos mais nova que a sua correspondente inglesa e seis anos que a francesa [...]. Não era objetivo de tal sociedade concentrar-se apenas no estado de São Paulo, Renato Kehl organizador e concomitante, secretário da sociedade, convidaria Belisário Penna para que atuasse como um dos três vice-presidentes honorários. Respeitado, conhecido, especialista de saneamento e carioca. (KOBAYASHI, FARIA, COSTA, 2009, p. 6).

A Sociedade Eugênica de São Paulo sobreviveu apenas por um ano, pois a morte de Vieira de Carvalho desmobilizou a instituição paulistana, enquanto o outro líder da instituição Renato Kehl estava no Rio de Janeiro buscando ampliar o movimento eugênico. Apesar de não ter conseguido organizar uma nova sociedade eugênica, obteve um grande sucesso para o movimento ao realizar uma aliança entre eugenia e a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), criada em 1925. A LBHM lançou o periódico Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM), que permitia abordar as temáticas eugênicas e foi fundamental para que, em seguida, Renato Kehl conseguisse formar a Comissão Central Brasileira de Eugenia, em 1931. Alguns dos principais higienistas mentais filiaram-se a essa instituição com o objetivo de estreitar as relações entre estes saberes científicos, principalmente criar um ambiente em que se discutia apenas eugenia sem precisar continuar a aliança com outras categorias médicas, como a Liga Brasileira de Higiene Mental.

Em 1931, com o objetivo de consolidar a institucionalização da eugenia no Brasil, Renato Kehl anunciava a recente fundação da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). Em suas palavras, após acompanhar ‘o movimento mundial em torno dos problemas de regeneração eugênica do homem’ e de ter mantido ‘intensa correspondência com as principais associações que existem na Europa e na América do Norte’, convenceu-se de que havia chegado a hora de criar uma ‘entidade científica’ voltada para a ‘regeneração integral’ da nacionalidade. Filiada a Federação Internacional das Associações Eugênicas, a CCBE, assim como deveria acontecer com almejado Instituto Brasileiro de Eugenia, tinha por modelo a Sociedade Alemã para a Higiene da Raça. (SOUZA, 2006, p. 175)¹⁰.

Outro evento relevante foi o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia em 1929, realizado em comemoração ao 99º aniversário da Academia Nacional de Medicina. Segundo Paulo Bonfim (2017, p. 143), o congresso reuniu mais de duzentos participantes

¹⁰ Vale ressaltar que o Instituto Brasileiro de Eugenia nunca foi criado.

entre professores, médicos, biólogos, psiquiatras, jornalistas, escritores, deputados e representantes de instituições públicas de saúde, pesquisa e ensino. Essa configuração, para o autor, mostra a polifonia que o debate eugênico possuía, pois aproximou profissionais de diversas áreas.

Nesse contexto foi criado o primeiro jornal de eugenia da América Latina. O *Boletim de Eugenia* foi publicado de 1929 a 1933, sob a responsabilidade do médico e farmacêutico Renato Kehl, que também o financiava e editava com recursos próprios. (SOUZA, 2012, p. 133). A princípio, o jornal se anunciava por ter uma linguagem simples sobre a eugenia e objetivar alcançar um público geral.

Segundo Paula Habib (2010, p. 282), o periódico idealizado por Renato Kehl saiu-se bem no papel de divulgação e “vulgarização” da eugenia, mesmo com sua tiragem de modesta de mil exemplares. O *Boletim* expôs pequenos artigos científicos, resenhas, notas, indicações e traduções de livros sobre eugenia, avisos e orientações sobre os movimentos eugênicos no Brasil e no mundo, além de divulgar eventos sobre a eugenia (SOUZA, 2012, p. 133).

No entanto, vale pontuar que Vanderlei Souza (2012) ao analisar a trajetória intelectual de Renato Kehl, a dividiu em dois momentos. O primeiro foi marcado pelas campanhas que Kehl desenvolveu em defesa de um programa eugênico mais “suave”, associado à medicina social, ao estilo da “eugenia preventiva” e “positiva”, sobretudo no período em que foi funcionário do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), entre 1920 a 1927. Tal fase “suave” foi a mais aceita no Brasil e nos grupos da época.

No primeiro momento da carreira do cientista Kehl deixou a DNSP para atuar como representante da Farmacêutica Bayer no Brasil (ROCHA, 2010, p. 49). É importante destacar que a Bayer era uma empresa germânica que visava a propagação do germanismo, pois segundo Marlon Rolim e Magali Romero (2013, p. 3), a Alemanha passava por um conjunto de punições imposta no tratado de Versalhes, em 1919, uma das punições foi a proibição do alemão como idioma científico e o impedimento da participação de cientistas germânicos em congressos internacionais. Renato Kehl deixou o cargo somente em 1944, quando a empresa entrou em crise em razão da dificuldade causada pela segunda guerra (BOMFIM, 2017, p. 135).

Já o segundo momento é apontado como uma virada radical no projeto eugênico divulgado por Renato Kehl, no final dos anos 1920, quando ele adota os pressupostos da “higiene racial” alemã, aliado à ampliação das discussões eugênicas no cenário nacional e internacional, aproximando-o da “eugenia negativa”. Sua viagem à Alemanha em 1928

o colocou a par de um amplo conjunto de ideias radicais que circulava naquele momento nos movimentos eugênicos do norte da Europa e nos Estados Unidos. Acerca desse momento Paulo Bomfim (2017, p. 136) aborda que Renato Kehl “retornou convencido da necessidade de se divulgar no país a verdadeira eugenia, de forma a demarcar rigidamente suas fronteiras em relação às outras práticas, mais ligadas à educação e à higiene”. Daí compreendemos a necessidade de Renato Kehl em distanciar o movimento eugênico da Liga Brasileira de Saúde Mental e criar um movimento e instituição única para eugenia.

A eugenia ganhou proporção até mesmo na constituição brasileira. O governo de Getúlio Vargas possuía como pauta a regeneração da população, no contexto de transição de uma sociedade oligárquica rural para urbano industrial. Getúlio Vargas apostou em melhorias que associavam preceitos da eugenia positiva, e outros que defendiam algumas reformas sociais como a “cura” para os hábitos rurais que eram “atrasados”. Desta forma, o governo Vargas se vendia como moderno e progressista.

Reformas sociais como: direitos trabalhistas, redução da jornada de trabalho, regulamentação do trabalho infantil, estabelecimento de um salário mínimo, saúde pública gratuita e, principalmente, educação gratuita para todos ocorreram, pois Vargas acreditava que melhorias do meio social influenciariam na formação de uma raça fisicamente forte da população brasileira. Assim, seriam solucionados os problemas de um passado brasileiro onde era normal as crianças, “futuro da nação”, não estudarem, serem exploradas, além do abuso da mão de obra barata que gerava as péssimas condições de moradia e higiene, o que acarretava na vadiagem de muitos indivíduos.

Vargas concedeu melhorias e passou a combater não só as causas da degeneração, mas reprimir os degenerados, um exemplo foi a proibição do jogo do bicho. Filipe Magalhães (2011) afirma que diversos jornais especializados em dicas de jogo do bicho pararam de circular e que houve o aumento da repressão as pessoas que não eram produtivas – os vadios. Outra ação tomada por Getúlio Vargas, em prol da boa estirpe brasileira, foi o estabelecimento, na constituição de 1937, da obrigatoriedade do ensino de Educação física nas escolas, pois seria fundamental para a formação de uma raça fisicamente forte.

A Educação Física, o ensino físico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência. (Constituição dos Estados Unidos do Brasil 1937.).

Silvana Vilodre Goellner (2008) debruçou-se sobre a importância atribuída ao esporte na política de fortalecimento da população brasileira branca, no início do século XX. Evidencia-se, sobretudo, que para essa política se efetivar foi necessário investir no fortalecimento do corpo feminino, pois segundo os ideais nacionalistas em voga naquele momento, somente um corpo forte poderia gerar uma raça forte.

Aos olhos da eugenia negativa ações como “regenerar a população” não seriam suficientes. Isso nos faz compreender o porquê da separação da Liga Brasileira de Higiene Mental e dos Eugenistas. Renato Kehl passou a defender que ações de ordem filantrópica não favoreciam o desenvolvimento da raça:

A sociedade esforça-se para defender a vida dos medíocres, dos débeis e degenerados; descuida-se, entretanto, de amparar e estimular os indivíduos normais e capazes, aos quais falta, muitas vezes, um modesto apoio para progredirem e se tornarem fatores benéficos para a coletividade. (Renato Kehl, Boletim de Eugenia, ago, 1931, p. 1.).

Podemos evocar Octávio Domingues que, em 1930, escreveu algo semelhante, atacando a higiene dizendo que não era eficaz, pois com ela o feio ficava arrumado, mas no final tratava-se de uma conquista efêmera que permitiria que os degenerados permanecessem na sociedade. A Higiene cuidava do que a seleção natural queria eliminar.

A higiene quanto mais se aperfeiçoa, mais parece trabalhar contra as conquistas da eugenia. Eu me explico. Só se passa aos descendentes o que se herdou dos antepassados: inteligência, equilíbrio mental, beleza ou feiura, resistência ou debilidade orgânica, e assim por diante. [...] A higiene, com todos os seus esplendidos recursos, é capaz de enrobustecer tal indivíduo, e torná-lo praticamente um homem de saúde. Mas desgraçadamente essa conquista preciosa é efêmera, porquanto os caracteres que se adquirem não passam à descendência. [...] Sem a higiene o que aconteceria? Todo indivíduo hereditariamente débil, condenado a ser vítima da primeira enfermidade, sucumbiria, e assim extinguir-se-ia sua linhagem e não mais nasceriam indivíduos mal constituídos para a vida. Seria o que DARWIN chamou a seleção natural. [...] Seres fracos, ou mal conformados organicamente para a vida, morrem, e sua linhagem desaparece, enquanto prosperam e se multiplicam os seres robustos ou bem adaptados à vida. (DOMINGUES, 1930, vº18, p.3).

Segundo Paulo Bomfim (2017, p. 44), o governo republicano reconhecia na figura do médico uma autoridade legítima capaz de subsidiar as ações do Estado na regulação da vida urbana. Podemos apontar que o prestígio e confiança dos médicos dava-se porque os profissionais haviam conseguido o controle de epidemias e o saneamento do espaço urbano que, por longo tempo, perturbaram a capital do Brasil. Acerca dos intelectuais podemos dizer que no Rio de Janeiro Oswaldo Cruz e Carlos Chagas deixaram um legado positivo em que uma parte da sociedade já sentia confiança nas autoridades médicas.

No entanto, a eugenia não ficou restrita apenas à categoria médica. No projeto

eugênico veremos engenheiros, advogados, educadores e vários profissionais dando as suas contribuições para como executar a regeneração da nação, pois a eugenia não é um conhecimento que se limita a higiene de corpos e espaços, estendia-se à moral, social, e, em muitos casos, racial. O debate ultrapassou os domínios mais estritos da clínica para se generalizarem, como conhecimento e controle sobre o tecido social (BOMFIM, 2017, p. 43).

No campo do direito, por exemplo, tivemos Raimundo Nina Rodrigues, precursor da medicina legal no país. Nina Rodrigues esforçou-se em estabelecer critérios rigorosos para a classificação da diversidade étnica observada na população brasileira e reclamou o papel do especialista, o perito – no tratamento estritamente científico das questões relativas a essa diversidade. Embasado em teóricos como Spencer e Heckel, entre outros, Nina Rodrigues identificava nas supostas desigualdades raciais os argumentos que afirmavam que a igualdade política não pode compensar a desigualdade moral e física (BOMFIM, 2017, p. 37-38). Sugeriu até mesmo um código penal diferente para os indivíduos considerando as suas raças.

De um lado o remédio, de outro a lei, o veneno previsto por uns, o antídoto na mão dos outros. Se para ‘os homens de direito’ a responsabilidade de conduzir a nação estava vinculada à elaboração de um código unificado, para os profissionais médicos somente de duas mãos sairiam os diagnósticos e a cura dos males assolavam a nação. (Schwarcz, 1993, p. 315-316)

Nesse cenário de disputas profissionais, Paulo Bomfim (2017, p. 104) aponta que, no final da década de vinte, Renato Kehl se esforçou em delimitar as fronteiras entre a eugenia e as práticas sanitárias e educacionais, destacando que a primeira é “ciência que tem por fim preservar e favorecer as boas disposições hereditárias do plasma germinativo” enquanto que as outras medidas se identificavam como práticas que visavam o melhoramento humano.

A mesma diferenciação também ocorria entre outros membros das categorias intelectuais que discordavam e buscavam se distanciar da eugenia. Segundo Paulo Bomfim (2017, p. 39), o racismo era um elemento constitutivo da visão de mundo dos intelectuais brasileiros da época, no entanto podemos dizer que Manoel Bomfim teria refutado as principais escolas do racismo científico dominantes no Brasil, como as doutrinas racistas de base empírica, a escola historicista do pensamento racista e o darwinismo social.

No momento em que o negro se tornou ‘livre’ no Brasil coincidiu não só com a emergência de uma elite profissional que já incorpora os princípios liberais

à sua retórica como também com o surgimento de um discurso científico, etnológico, que tentava instituir para ele uma nova forma de inferioridade retomando os ensinamentos de nossa história escravista recente (Bomfim, 2017, p. 39)

Podemos citar outros atores que faziam oposição a eugenia, tal como Araripe Junior¹¹ que definia a eugenia como uma ciência que servia para dar continuidade à escravidão. Além de Roquette Pinto, quem interferiu diversas vezes a exposição de trabalho questionando a cientificidade e o preconceito racial advindo da fala de congressistas eugênicos. Durante o Primeiro Congresso de Eugenia realizado em 1929, Roquette Pinto empreendeu uma campanha para tentar separar as ações de caráter estritamente eugênicos daquelas relacionadas a higiene, ao saneamento:

O conceito próprio daquela disciplina (eugenia) não está ainda muito claro no espírito de alguns, mesmo entre os melhores. Há pessoas, no Congresso, para quem 'eugenia' é apenas um nome em moda, de que se enfeita velhíssima Higiene (ROQUETE-PINTO, 1933, p. 69-71).

Tal como havia os que não condenavam o Brasil e apostavam que a miscigenação era um elemento positivo, pois viam que ao se misturarem a cor branca prevalecia o que resultaria no embranquecimento da sociedade de forma natural. Foi nessa perspectiva que Silvio Romero e João Baptista de Lacerda, defenderam essa via como uma alternativa válida, ao mesmo tempo, para a substituição do braço escravo e a regeneração do perfil racial brasileiro, antevendo um progressivo branqueamento da população.

Segundo Paulo Bomfim (2017, p. 146) acerca da miscigenação, Edgard Roquette Pinto defendeu que os brasileiros não estavam degenerados pelo processo de mestiçagem, mas pela desigualdade social. Além disso, denunciava que não havia provas e formas seguras de identificar no mestiço nenhum traço de inferioridade de caráter racial ou das "raças" que lhe deram origem. Sendo assim, para alguns intelectuais contemporâneos ao movimento eugênico no Brasil, a eugenia não possuía afirmações consistentes.

No quadro geral, os atores da época estavam inseridos nesse contexto, não é absurdo que comprassem os saberes eugênicos. Dessa forma, podemos citar que a eugenia se deu por meio de vários agentes de propaganda, tal como as sociedades eugênicas que foram criadas em diversos países, ampliando o círculo de intelectuais empenhados na discussão de medidas eugênicas para melhoramento racial de suas populações e que pensavam maneiras de atrair outros setores da sociedade para a campanha.

Dentre várias sociedades eugênicas fundadas no início do século passado, Nancy

¹¹ Crítico literário e escritor brasileiro que faleceu em 1911.

Stepan (2005, p. 36) destaca a primeira, a *German Society for Racial Hygiene*¹² (Berlim, 1905) seguida de outras como *eugenics Education Society*¹³ (Londres, 1907-1908), *The Eugenics Record Office*¹⁴ (New York, 1910) e a *Société Eugémoque Française*¹⁵ (Paris, 1912) e em 1918, sob os auspícios do influente dr. Arnaldo Vieira de Caervalho, diretor da recém criada Faculdade de Medicina de São Paulo, e por empenho pessoal do farmacêutico dr. Renato Kehl é fundada na capital paulista a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira do gênero na América do Sul (BOMFIM, 2017, p. 84-85).

Além disso, podemos citar outros elementos que ajudaram na divulgação e popularização da eugenia no Brasil, como destaca o historiador André Mota (2003, p. 97), em 1925, os centros de saúde passaram a desenvolver atividades de educação sanitária e eugênica, com ações que envolveram também escolas, atingindo cerca de dez mil crianças. Também foram realizados concursos de eugenia com o objetivo de eleger a criança perfeitamente eugenizada, legítima representante da “boa linhagem” paulista. Vale ressaltar que o julgamento era feito a partir dos médicos, os critérios de saudável.

Outro canal de tornar os saberes científicos popular foram os livros que foram remetido as salas de aula que promoviam as ideias eugênicas, tal como os manuais escolares de higiene, *A Fada da Higiene*, publicado em 1925 que, segundo Bomfim (2017, p. 130), se anunciava como o primeiro livro do gênero para o público infantil, mas que havia também a cartilha de higiene do médico Antonio Almeida Junior, elaborada por iniciativa do “Instituto de Higiene” em 1922, que era recomendação oficial nas escolas oficiais de São Paulo.

Dessa forma queremos mostrar que os atores não consomem as ideias de forma irrefletida ou passiva, sejam intelectuais ou leigos, escolhem conscientemente os referenciais teóricos com os quais passam a interpretar a realidade nacional, a partir de suas demandas internas. De modo que a sociedade interage com o contexto e adaptavam as ideias eugênicas de acordo com os debates e prioridades de suas áreas ou interesses pessoais.

Assim, não havia uma eugenia única a ser defendida, existiam várias vozes, diversas interpretações e posicionamento contra e a favor. Em suma, a eugenia encaixou ao cenário social brasileiro do século XX e atingiu um grande público brasileiro que

¹² Sociedade Alemã de higiene racial

¹³ Sociedade de educação eugênica

¹⁴ O cartório de registro de eugenia

¹⁵ Sociedade francesa de eugenia

compartilhava de suas premissas das formas mais diversas. Desse modo, analisaremos um jornal especializado, *Boletim de eugenia*, e outro com abordagem diversa, *A noite*, para identificarmos e compreendermos a influência e as particularidades do conhecimento eugênico produzido em dois periódicos com propostas diferentes.

1.4 Os nossos atores: *Boletim de eugenia* e *A Noite*

Acerca desses conhecimentos que eram difundidos podemos afirmar que os intelectuais possuíam prestígio social e eram vistos como referências, por isso as teorias modernas e eugênicas eram aceitas não porque apenas servia de aliada aos interesses da elite, mas porque circulou e se fez presente nas amostras das experiências que eram feitas ou até mesmo ao longo das edições dos jornais, por isso iremos realizar a investigação sobre como a eugenia penetrou dois periódicos da capital do Brasil, o Rio de Janeiro, em 1920 até 1930.

Antes de iniciarmos a análise, podemos ressaltar que faremos a leitura integral das edições dos periódicos, pois compreendemos o jornal como uma instituição privada produtora de bens culturais que cumpre funções diversas que vão além de um aparente “informar”, os meios de comunicação desempenham seu papel como atores políticos e históricos dotados de historicidade e que interagem com a realidade que estão inseridos.

Sendo assim, é preciso olharmos para o *Boletim de Eugenia* e o *A Noite* com o olhar de investigação, a fim de chegar ao objetivo que é deixar a nossa fonte nos mostrar que a ciência eugênica não se estabeleceu por si só, mas que contou com uma rede e associações de elementos e atores para que a ciência circulasse, dessa forma interpretaremos as fontes dentro de uma ação e considerando que estão em constante movimentação com a sua realidade. Por isso, precisamos investigar e reconstruir o circuito de comunicação da rede eugênica brasileira, presente no *Boletim de Eugenia*, tal como Marialva Barbosa (2010) fez ao reconstruir o chamado circuito da comunicação no século XIX, pois acredita que “Os impressos periódicos interagem na complexidade de um contexto.” (BARBOSA, 2010, p. 8).

Por trás das letras impressas, das fotos e das ilustrações publicadas, é possível remontar todo o circuito da comunicação: o que eram essas publicações, quem escrevia nesses jornais, para quem se escrevia e, sobretudo, que interpretações fazia esse leitor anônimo que gradativamente, pelos indícios que um olhar mais detido poderá seguir se transforma num ilustre conhecido (BARBOSA, 2010, p. 11)

Além disso, Marialva Barbosa (2010) nos coloca em alerta para o fato de que as letras impressas se nutriam das práticas orais, ou seja, as informações que ganhavam espaço em publicações, geralmente, já circulavam oralmente no contexto social. Com isso, podemos considerar que o jornal não circulava apenas por um papel ou forma escrita, na análise vemos o periódico como fruto das relações sociais do contexto que estava inserido e alimentando-se das crenças, medos sociais e toda a sociabilidade brasileira. Compreenderemos o que os nossos atores entendiam como ciência eugênica no Brasil do século XX. A partir dessa visão, pretendemos analisar a eugenia dentro do seu multicontexto, o qual faz total sentido, pois foi uma ciência que transitou por diversos setores da sociedade e não se limitou a ser só política ou ciência. E apesar de existirem diversas fontes, analisaremos apenas uma das muitas representações da eugenia no *A Noite* e no *Boletim de Eugenia*.

O jornal *A Noite* circulou de 1911 até 1964 sobre a direção de Irineu Marinho¹⁶, no Rio de Janeiro. Segundo Bruno Brasil (2014), é considerado um periódico de grande circulação por ter sido lançado a preços baixos, com circulação diária, com espaços para anúncios e grandes tiragens. O jornal passou por várias fases e abordava assuntos de interesse amplo e diverso. Podemos apontar que o periódico nos seus primeiros anos possuía de 2 a 4 páginas, mas com o tempo, destacando 1920 a 1930, alcançava de 11 até 17 páginas.

Vandré da Silva (2018) classifica o *A Noite* como um jornal que possuía uma relação situacionista com o Presidente Getúlio Vargas, ou seja, quando era conveniente apoiar as propostas comunicacionais e políticas do Estado Novo, as empresas jornalísticas procuraram louvar algumas ações do regime e, por outro lado, quando esses projetos oficiais esbarravam nos interesses comerciais e políticos, os veículos de comunicação estabeleceram uma posição ferrenha ao regime.

Ainda seguindo a sua análise, o pesquisador afirma que o periódico assumiu as funções de formação e informação: formação em relação à “opinião pública” seja como expressão ou como configuração de consciências políticas, e informação, configurando-se seu compromisso com a objetividade e com a “verdade”, vistas pelos dirigentes do vespertino como cópia do real. Ao decorrer das edições o *A Noite* assumia o papel de mediador das demandas das populações pobres da Capital Federal, assim Vandré Silva

¹⁶ Uma figura de destaque, por possuir uma longa trajetória em outros jornais tal como a *Gazeta de Notícias*, onde era secretário geral e abandonou o cargo para fundar o seu próprio jornal *A noite* junto com outros 13 ex funcionários. E somente deixando a direção em 1929, para fundar o jornal *O globo*.

(2018) nos mostra que o jornal possuía o objetivo de promover sua autoimagem enquanto defensor dos interesses populares, entretanto, a construção dessa narrativa jornalística visou também a alavancar a venda de exemplares, parte da estratégia de expansão comercial implantada pela empresa *A noite*.

Segundo a pesquisa de Vandr e Silva (2018), o *A Noite* tentou promover vários títulos que passassem a imagem de que era um jornal do povo, assim fazia autopromo o de ser o primeiro jornal do Brasil a ser impresso com tintas e papel de imprensa nacionais, além de ser ativo em questões sociais, tal como propagar quem ajudou na obten o de direitos profissionais, campanhas populares e melhores condi es de trabalho.

Dessa forma, podemos dizer o *A Noite* tinha uma característica em buscar manipular sua autoimagem conforme as conveniências do momento, interpretando esse elemento para a eugenia, podemos afirmar que o jornal noticiava o que o seu público queria ler. Tratava-se de um periódico que almejava agradar os seus leitores. Poderemos apontar no decorrer da análise do periódico que o termo eugenia aparece de múltiplas formas ao longo das edi es, seja promovendo eventos privados de outras institui es ou até mesmo tomando partido acerca de questões eugênicas que circulavam na capital.

A ado o do *A Noite* para compor a pesquisa   devido ao seu perfil querer vender e ter objetivos comerciais em agradar os leitores e aliados do jornal de modo que poderemos us -lo como nosso term metro para medir que tipo de ideias eugênicas, valores, agradavam o gosto popular e as institui es que pagavam para se divulgar no periódico. O *A noite* era um periódico de temática livre que, por muitas vezes, denunciava casos de agressão feminina, criminosos e assim podemos afirmar que existia um posicionamento com o compromisso social da época. Tanto que durante o governo de Vargas notamos várias publica es contra o golpe e a forma como o governo ocorria de forma fraudada.

O tema eugenia não era prioridade, mas não podemos deixar de destacar que o jornal possuía um compromisso com questões sociais e não deu espaço para os “inimigos” sociais, tal como políticos que roubaram, agressores e a es que prejudicavam o coletivo social.

Já o *Boletim de Eugenia* teve o total de 42 publica es. Conforme a pesquisa feita por Simone Rocha (2010), o jornal pode ser dividido em duas fases: quando iniciou e quando estava próximo ao fim. Assim nos primeiros três anos sua periodicidade era mensal, ele era distribuído gratuitamente e possuía quatro páginas. Posteriormente, em julho de 1929, a partir do volume oito, passou a ser anexado como separata da Revista

Medicamenta, aumentando o número de páginas para 8/10. Tal revista possuía uma boa circulação nacional entre médicos, farmacêuticos e intelectuais de outras áreas. O interesse do editor Renato Kehl ao aceitar o convite oferecido por Theophilo de Almeida era tornar a eugenia conhecida principalmente entre os intelectuais da época, e difundi-la como uma ciência a ser ensinada nas academias do país (ROCHA, 2010, p. 35).

Na chamada segunda da fase, próximo ao fim do jornal, ocorreu uma mudança significativa, a nomeada nova fase do *Boletim de Eugenia*, segundo os próprios editores, devido a uma série de mudanças (ROCHA, 2010, p. 49). Remetemo-nos a março de 1932, quando Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. assumiram a direção do *Boletim de Eugenia*, o qual passou a ser trimestral, com formato de revista, e maior em número, de vinte a trinta e cinco páginas. A mudança mais sentida foi que a publicação perdeu a característica de um panfleto e aproximou-se do formato de um periódico científico, com artigos mais densos. Porém, o objetivo foi mantido: divulgar a eugenia.

O último número do *Boletim de Eugenia* foi o volume quarenta e dois, de 1933. Algo curioso é que não foi possível identificar por meio de cartas e nem no próprio periódico o motivo pelo qual o jornal deixou de circular. Segundo Paula Habib (2010), mesmo após o fim do *Boletim de eugenia* os diretores continuaram a trocar correspondências e não foi possível identificar o motivo do fim da publicação, tendo continuado os pedidos de artigos para serem publicados, em especial de Piza Jr. para Kehl.

Por ter sido um jornal de caráter mais divulgador e propaganda da eugenia perceberemos ao longo da análise das edições que havia uma forte campanha para que a ciência eugênica fosse dominada pelos leitores, para que pudessem compreender as bases biológicas que regiam a eugenia e fazer ser aceita socialmente como mandamento, pois acreditava-se que seria a salvação dos problemas sociais do Brasil. Por isso, podemos resumir que a linguagem no *Boletim* era um pouco mais técnica e instrutiva, buscava ensinar e tornar o saber eugênico popular, visto que alguns atores com influência se mostravam prol a campanha dos eugenistas.

A fim de compreendermos como os jornais contribuíram na divulgação da eugenia, reunindo as matérias e analisando o conteúdo que seja de caráter eugênico, poderemos também compreender a recepção dos leitores e dos intelectuais sobre o conteúdo que circulava, assim analisaremos através de cartas enviadas para os periódicos, além da participação em eventos que eram divulgados nos jornais, destacavam-os como produtores de um conhecimento também.

Visto que a eugenia existe na humanidade desde a antiguidade e manteve-se como prática por longos tempos, em cada período e contexto histórico seus argumentos eram usados para perseguir determinados indivíduos e exaltar outros. A partir de teorias que eram moldadas para serem interpretadas como positivas, o que gerou o convencimento de um grande número de pessoas – desde a antiguidade até a contemporaneidade, muitos indivíduos acataram as ideias eugênicas como boas para todos, até mesmo para os alvos do projeto eugênico. Apesar de ser possível constatar grupos que se opõe e denunciam o que se tratava de ideias que legitimavam interesses da elite, como veremos nas páginas dos jornais, muitas se repercutia em vários setores sociais, com o objetivo de que era mais do que melhoria humana. Por trás da eugenia haviam preconceitos, educação, interesses econômicos e assim foi um conhecimento utilizado por várias vozes e interesses.

Sendo assim, mostraremos uma nova percepção sobre os conhecimentos eugênicos que foram produzidos, divulgados e recepcionados na capital do Brasil, por meio dos periódicos. Entenderemos quais valores ou preconceitos foram vendidos e difundidos na formação de uma rede eugênica que se fez presente nas escritas dos jornais e que interagem com o contexto social das décadas de 1920 e 1930 onde perceberemos, através dos periódicos, três momentos: o antes do ápice da eugenia, o momento do fortalecimento do movimento eugênico e o período da queda das ideias eugênicas. Agora que compreendemos que houve todo um contexto que envolveu nossos atores e especificidades do tema eugenia, já não se trata de um conhecimento universal, pois em cada local e ator a ciência foi vista de formas diferentes. Desse modo, poderemos nos aprofundar sobre os periódicos e compreender as diferenças e semelhanças das ideias nas edições analisadas.

CAPÍTULO 2 - A eugenia no *A noite* e no *Boletim*

Antes de começar a análise sobre os jornais é necessário nos determos sobre dois conceitos norteadores para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro é a ciência, já que em vários momentos o conhecimento científico foi abordado como algo relevante para os periódicos, tal como é importante para a nossa realidade social atual, visto que a ciência, nos ajuda a ter uma melhor qualidade de vida e sobretudo trata-se de um saber que possibilitou o desenvolvimento da humanidade, avanços na saúde, alimentação, energia e outros. Já em relação ao conceito imprensa, consideramos que os jornais foram e

seguem sendo um dos mais populares meios de comunicação que a humanidade possui, seja em formato de papel, televisionado ou digital.

O surgimento da imprensa é datado no século XV com Gutemberg, podemos pensar que o Brasil se colocou tardiamente no ramo. Já que a história da imprensa oficial iniciou com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, antes dessa data era proibido a instalação de tipografias e a impressão de obras no país. Dessa forma, a imprensa régia foi a primeira autorizada a circular e assim lançou o jornal *Gazeta* do Rio de Janeiro com o objetivo de divulgar periodicamente os atos do governo. Vale dizer que havia um órgão estatal que censurava as informações do periódico, o que nos permite conjecturar que, desde o início, os jornais eram temidos pelas instituições de poder devido ao seu caráter de organizar, mobilizar ideias que podem unir grupos, engajar causas e influenciar pensamento e informar pessoas.

Márcia da Silva e Gilmara Franco (2010) ao analisarem os primeiros periódicos do Brasil evidenciam que os seus textos tratavam de questões de interesse local. Mesmo que fossem temática nacional, as pessoas escreviam com menor ou maior liberdade, mas se reportavam a questões com as quais se envolviam diretamente.

O rádio e o cinema foram criados no final do século XIX e impactou a forma como os indivíduos se relacionavam com os meios de comunicação, pois tornaram-se emissores que dependiam de audiência, além de fazer com que o jornal começasse a disputar espaço com outros meios de informação. Saímos da relação em que o autor escrevia para ele mesmo e passou a considerar o gosto do público na produção de conteúdo. Isabel Lutosa (2000) afirma que com o advento da indústria cultural e o consumo de massa fez com que os periódicos tivessem os seus temas direcionados para o interesse do público, e não mais para o desejo daqueles que escreviam. Da mesma forma Umberto Eco (2006) diz que a cultura de massa é também industrial, pois esta necessita de lucro para sobreviver e depende de seus consumidores.

Tal análise nos ajuda a compreender o recorte temporal da pesquisa nos anos 20 e 30 no Brasil, pois podemos considerar que a presença da eugenia nos jornais deu-se no período que houve um crescimento nos meios de comunicação e a escrita do periódico era elaborada para o interesse do público, o que também não descarta a possibilidade da escrita ser influenciada pelos redatores que utilizaram dos jornais para engajar a sociedade sobre a ciência eugênica.

Apesar do surgimento de outros meios de comunicação, tal como rádio e cinema, vale destacar a importância dos jornais para época, visto que colocaram em circulação

um saber que até então estava restrito nas bibliotecas e a um grupo limitado de pessoas. A imprensa teve e tem, até hoje, o poder de dar dimensão pública a eventos, veicular opiniões ou disputas nas ruas, nos jornais e em vários locais que a informação chega. Por isso, ao trabalharmos periódicos como fonte precisamos ter muito cuidado, pois refletem a multiplicidade da sociedade analisada e com isso, os grupos, contextos gerais da época.

Dessa forma, os periódicos são a nossa principal fonte de informação, protagonizaram momentos importantes da nossa história, tal como o fim da monarquia e final da escravidão. Os meios de comunicação possuem a função de promover ideias para um número considerável de pessoas e essa ideia não passou despercebido aos intelectuais e cientistas eugênicos, por isso podemos dizer que a ciência vai além do que é feito no laboratório, pois para existir o laboratório é preciso toda uma rede de sociabilidade, tal como intelectuais das mais diferentes áreas, apoio popular, congressos, eventos, ou seja, existiram várias colaborações para que houvesse tal magnitude de rede eugênica brasileira.

A existência da eugenia no jornal significa que havia um público consumidor que os periódicos de temáticas gerais alimentavam com algumas publicações de eugenia, porém podemos destacar que o jornal especializado surge se dizendo aberto a todos, mas analisando notamos que o *boletim* atendia a uma demanda específica como órgão de uma sociedade científica que frequentemente dialogava com os seus membros e pares, não necessariamente para a sociedade em geral. Sendo assim, poderemos comparar como o termo eugenia apareceu nesses dois espaços em que os indivíduos gestores de ideias eugênicas reverberavam seus pensamentos em diferentes locais.

Interpretar a ciência como algo que necessita de aceitação social para circular é uma ideia desenvolvida e já debatida na historiografia hoje, mas também era uma visão percebida pelos próprios eugenistas do século XX, podemos evidenciar isso na análise de Vanderlei Souza (2006) sobre Renato Kehl, que nos permite compreender que o próprio médico já identificava que para a eugenia circular não bastava experimentos de categoria médica.

Seu interesse em transformar os pressupostos eugênicos conhecidos e familiarizados, sobretudo entre os intelectuais, começava a ganhar consistência no final dos anos 1910. Em sua compreensão, a inserção da eugenia nos debates científicos, políticos e institucionais brasileiros, dependeria, acima de tudo, do sucesso da propaganda eugênica e da adesão de um bom número de jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos, das elites e do 'público letrado'. (SOUZA, 2006, p. 34)

Tendo em vista o papel dos periódicos para esta pesquisa, seguimos as orientações dadas por Márcia da Silva e Gilmara Franco (2010). Ao abordarem o uso da mídia como fonte, as autoras enfatizam uma série de cuidados e de reflexões que devem ser levadas em consideração. Elas classificam os jornais em duas categorias: a primeira é chamada de jornais de temática livre, que seriam aqueles afinados com a indústria cultural, com diversidade temática, tamanho considerável, várias colunas com teor informativo, anúncios, propagandas de qualquer ordem. O jornal *A noite* se enquadraria nessa categoria.

Já a segunda trata de jornais de temática específica. São editados como porta-voz de um grupo com princípios comuns, exemplos disso são os jornais anarquistas que, apesar de serem clandestinos, circularam no Brasil nas primeiras décadas do regime republicano. No caso da pesquisa, focaremos no *Boletim de Eugenia* que era legalizado e circulava com o intuito de informar sobre a ciência eugênica editado por um médico e impresso como propaganda do Instituto Brasileiro de Eugenia. Márcia da Silva e Gilmara Franco (2010, p. 8) afirmam que os periódicos com temáticas especializadas são vinculados a grupos ideologicamente bem definidos e têm tendência a circular entre os seus membros e a rede de sociabilidade mais próxima.

Os jornais de temática livre nos dão a falsa sensação de que abarcam linhas ideológicas e políticas variadas. No entanto, a palavra escrita difundida não é necessariamente livre porque obedece a uma linha editorial pré-definida e afinada com a cultura política dos proprietários, ou mesmo acionistas, levando em conta a expansão do público leitor e as exigências de mercado.

Ao utilizarmos esses periódicos como fonte, não estaremos tomando as suas publicações como verdades absolutas e o conteúdo produzido sobre eugenia não pode ser visto de um só ponto de vista. Consideramos que os veículos de imprensa permitem uma “popularização da ciência”. Pedro Leitão e Sarita Albagli (1997) definem a popularização da ciência como o uso de recursos e processos de informação científica e tecnológica para o público em geral. Segundo esses autores, popularizar a ciência supõe uma tradução da linguagem especializada para uma linguagem que atinja o público em geral, o que hoje vem se configurando como divulgação científica.

O *Boletim de Eugenia* trata-se de um jornal com temática especializada e o *A noite* é um jornal de temática livre. Os periódicos possuíam formas semelhantes, porém não idêntica, de conduzir os mesmos temas. Um exemplo são as reportagens em que os jornais ensinam sobre a palavra eugenia. No *A noite* vemos a preocupação em ensinar a

pronunciar eugenia e já no *boletim* há maior destaque para explicação sobre a ciência eugênica, perceberemos, assim, os enfoques diferenciados ao longo da análise.

Podemos atribuir que tal diferença ocorria porque os periódicos possuíam objetivos e perfil de leitor que poderia ser igual e ao mesmo tempo diferente. Ou seja, não havia escolha de qual público receberia os jornais, já que estavam abertos para que todos tivessem acesso à leitura. No entanto, um periódico se colocava como porta-voz dos intelectuais eugênicos e o outro objetivava noticiar questões do cotidiano do Rio de Janeiro, o que nos permite dizer que em questões de acessibilidade nada impedia que os periódicos compartilhassem os mesmo leitores em determinados momentos e assim, gerando o comportamento de ler um jornal para se informar sobre o notícias corriqueiras e outro para conhecer mais a ciência eugênica.

A respeito das várias abordagens que eram apresentadas sobre eugenia interpretaremos como algo normal, pois o sistema de linguagem é vivo e interage com o contexto dos atores e dos receptores. Com isso, evidenciaremos que a palavra sempre está carregada de um conteúdo, ou de um sentido ideológico ou vivencial. Utilizaremos essa interpretação para apontar que a linguagem científica é viva e altera-se conforme o espaço que circula. Ou seja, quando a informação sai do campo científico para ser divulgada, isto é, passa para o campo da mídia, ela muda sua composição e forma. Dessa forma, consideramos que os jornais deram sentidos ou tratamentos diferenciados para a eugenia, pois no processo de escrita há diversas interferências, tal como a vivência dos atores e do público que se almeja atingir, que altera a forma como será passado o conteúdo.

Mariana Burlamaqui, Luisa Massarani e Ildeu Moreira (2017) analisam o tema comunicação científica em três linhas: discurso científico primário (texto escrito por pesquisadores para pesquisadores), discurso didáticos (os manuais científicos para o ensino) e os discursos de divulgação científica. Embora todos os tipos de discursos tenham um tema comum, ou seja, assuntos de ciência e tecnologia, pode-se perceber estilos e linguagem diferente porque eles têm objetivos diferenciados e buscam atingir públicos específicos.

É notável que a linguagem científica não é única, podemos observar que se modifica conforme a necessidade dos contextos em que busca divulgar a ciência. Ainda sobre a temática, os autores detalham a diferenciação da linguagem que o texto de disseminação possui, destinado a pesquisadores utilizam uma linguagem impessoal, detalhes técnicos, gráficos e tabelas. Já o texto de divulgação da ciência utiliza uma abordagem mais próxima de linguagem cotidiana, são textos descritivos de tamanho

bastante reduzido o que acarreta modificações, inclusive o teor da mensagem passa por uma mudança tão grande que a versão final é diferente do original.

A fim de compararmos as diversas abordagens em ambos jornais, buscaremos analisar exemplos práticos organizando a problematização por temáticas e aprofundaremos o nosso estudo a partir dos assuntos mais abordados nos dois jornais, para termos compreensão de como a eugenia era tratada nesses espaços.

2.1 Por mais ações e práticas eugênicas - a falta de compromisso com o conhecimento e causa eugênica

Acerca desse tema podemos afirmar que a eugenia não se fez presente somente a partir do primeiro congresso de eugenia ou com o surgimento do *Boletim de eugenia*. É possível dizer que esses dois acontecimentos fossem resultados de algo que já estava presente na sociedade. As ideias eugênicas não precisaram de local especializado para percorrer, serem lidas e encontradas. Ter um local específico facilitou a comunicação, porém os eugenistas já se faziam presente na sociedade mesmo sem terem veículos específicos para circularem.

Dessa forma a primeira menção a eugenia no *A noite* foi em 1912 quando publicou comentários sobre o congresso de raça que havia ocorrido na Inglaterra, sendo constante as ideias eugênicas nos jornais, narrando eventos, livros, discursos, concursos e elementos que poderiam ser vinculados a ciência eugênica. Apesar disso esse espaço não foi suficiente para alguns defensores da eugenia que desejavam um maior envolvimento social com a pauta eugênica.

Sendo assim, o *A noite* publicou uma pequena nota reclamando a falta de compromisso com o conhecimento e causa eugênica. Dessa forma, no jornal há reconhecimento de que algumas ações estão sendo tomadas em prol da eugenia, mas que medidas teóricas não eram suficientes para sanar os problemas do Brasil. Nesse ponto podemos interpretar que os atores diferenciavam movimento de circulação de ideias, pois afirmam que somente a teoria não solucionaria os problemas disgênicos. Sendo assim, podemos definir que para o jornal, o movimento eugênico eram ações que colocariam a teoria em prática tal como podemos conferir o *A noite* abordando a criação de um instituto para crianças como um passo em prol ao movimento eugênico:

Há muito tempo que se discute, no Brasil, a questão de eugenia. O ideal do levantamento físico da nossa gente é, entretanto, um problema sempre a pedir solução, porque, no terreno pratico, nada temos ainda realizando. As iniciativas teóricas nunca são eficientes. Mas, o fato é que um telegrama do Rio Grande do Sul, nos traz a notícia de que, muito em breve, vai ser inaugurado, em Porto Alegre, o primeiro estabelecimento modelo para crianças débeis. A nova é incontestavelmente, das mais alvissareiras e nos indica que os inspiradores da iniciativa estão andando acertados. Na verdade, encarando-se o assunto, na sua verdadeira finalidade e significação, como o tem compreendido os povos mais cultos, forçosos é reconhecer, que nenhum trabalho de eugeniização da raça será perfeito, desde que não tenha assento na assistência decisiva à infância e a juventude. Deus queira o novo estabelecimento não tenha o destino de nossa organização sanitária. (A noite, 4 de fevereiro de 1929, nº 6184, p. 1)

A crítica sobre a falta de ações eugênicas efetivas foi fundamental para o nascimento do jornal especializado. Como bem é apresentado na sua primeira edição:

Os conhecimentos cultos e elementos embora medianos desejam orientar-se sobre os mesmos assuntos [...] lançar resumos de artigos científicos em linguagens simples e clara. [...] [O autor reconhece] que falta circulação de ideias eugênicas e eugenistas no Brasil e o boletim preencherá essa lacuna. (Boletim de eugenia, janeiro de 1929, v.1, p. 1).

Segundo os editores do *Boletim* existiria uma lacuna no Brasil e o jornal surgia com a intenção de sanar essa carência. O movimento em prol da eugenia ganhou forma durante o primeiro centenário da Academia Nacional de Medicina, em que os participantes idealizaram lançar um periódico e apoiar a campanha de eugenia que já vinha sendo lançada há anos em São Paulo por Renato Kehl.

Contudo, nesse ponto é válido salientar que no período que estamos analisando a eugenia não era vista como uma ciência do mal. Sendo assim, para os nossos atores e dentro do contexto da pesquisa quando falamos de eugenia, pensa-se numa ciência positiva com potencial para salvar não somente o indivíduo, mas a nação inteira. O conhecimento eugênico era o que havia de mais moderno para os indivíduos da época.

A eugenia obteve um peso negativo sendo caracterizada como “ciência racista ou do mal” após os horrores de extermínio e perseguição de indivíduos vistos na Segunda Guerra Mundial. Em 1950, a Organização das Nações Unidas para Educação, a ciência e a cultura (UNESCO) convocou intelectuais relevantes para as ciências humanas, tal como Juan Comas, Kenneth L., Harry, Michael Leiris e Levi Strauss para avaliar o campo científico e suas relações com as proposições nazifascistas (CARVALHO; SOUZA, 2017, p. 891), com a finalidade de repensar os conceitos de cientificidade que obtiveram em torno da definição da raça. Em outras palavras, o objetivo do encontro era a desconstrução das teorias raciais e do racismo que usaram a eugenia como ciência portavoiz dessas ideias. Este campo após o holocausto foi demonizado.

A fim de entendermos essa “demonização da eugenia” podemos citar Gerson Pietta (2016) ao destacar que após o Holocausto os trabalhos sobre eugenia interpretavam-a como sinônimo de pseudociência reacionária, sexista, racista, antissemita e fonte de violência, sendo encarada, dessa forma, em todas as especificidades históricas, ou seja, em outros países. O autor evidencia que houve uma construção de um tabu para eugenia, mas o desaparecimento não ocorreu com o fim da Segunda Guerra Mundial, mas sim no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, ou seja, até a segunda datação a eugenia possuía um significado positivo, ligado aos aconselhamentos genéticos na esfera da saúde pública. Essa mesma visão podemos observar em Leonardo Carvalho e Vanderlei Souza (2017, p. 888):

Mesmo com a comoção pública e intelectual propagando as atrocidades em que as ideias eugênicas estiveram envolvidas, os pressupostos eugênicos se mantiveram vivos em discursos e práticas de métodos, juristas, higienistas, biólogos e geneticistas.

A perspectiva sobre eugenia muda nos anos 90 onde percebeu-se o quanto foi estigmatizada e negligenciada, por conta da dificuldade em lidar com esse episódio histórico e traumático. Surgiram eventos e debates sobre novas possibilidades e perspectiva sobre o tema, como se fosse “um convite as novas pesquisas que envolvessem a temática da eugenia, refletir seus diferentes momentos e evitar o anacronismo e mitos que atrelavam esta ciência apenas ao caráter genocida ou unilateral” (CARVALHO; PIETTA, 2015, p. 112).

A fim de compreendermos a importância da promoção de eventos para a renovação dos estudos sobre eugenia podemos citar o seminário *The History of Eugenics: Work in Progress*¹⁷, realizado nos Estados Unidos, em 1983, sob a organização do historiador Mark Adams que resultou uma série de trabalhos, como *The Wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*¹⁸ elaborado por Mark Adams e colaboradores. A obra, entre várias propostas, se propunha colaborar com uma análise comparativa do enraizamento da eugenia em diferentes tempos e espaços.

Outro ponto a destacar sobre o seminário é que foi crucial para motivar pesquisadores a escrever sobre eugenia a partir dessa nova percepção multicultural. Vale destacar que Nancy Stepan aceitou a proposta e desenvolveu uma obra rica e referencial quando falamos de eugenia no Brasil e na América Latina. Após o evento, a pesquisadora

¹⁷ Tradução - História da eugenia: trabalho em andamento

¹⁸ Tradução - A ciência bem nascida: eugenia na Alemanha, França, Brasil e Rússia

fez uma série de contribuições sobre tema, tendo lançado, em 1985, o artigo *Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial*¹⁹, na Revista Quipu. Em 1991, foi publicado *A hora da eugenia* onde analisou instituições e debates que ocorreram em três países mais populosos da América Latina - Brasil, México e Argentina. O objetivo da obra era mostrar que assim como os Europeus e os Americanos, os Latinos também elaboravam pensamentos sobre a eugenia.

O contexto historiográfico dos anos 90 gerou um enorme impacto para os estudiosos da temática eugênica, pois percebemos o quanto essa abordagem plural nos possibilita diversos trabalhos e interpretações. Além disso nos ajuda a compreender que na visão da sociedade dos anos 1920 e 1930 a eugenia era interpretada, apresentada e explicada de forma diferente do que tomamos conhecimento atualmente, após o Holocausto. Neste sentido, é importante aprofundar nossa análise sobre o tema e entender o universo dos nossos autores que ali escreviam— compreendendo o que o *Boletim* e o *A noite* escreviam aos leitores, o que era a eugenia.

2.2 O primeiro congresso brasileiro de eugenia publicado no *A noite* e no *Boletim de eugenia*

Para um considerável número de pessoas do século passado a eugenia não era uma ciência condenável como é veiculado para a nossa sociedade atual, por isso não é incomum que no século XX encontremos eventos e ações práticas que promovessem a eugenia pelo Brasil como poderemos analisar, o Congresso de Eugenia sendo um meio de divulgar a ciência e fazer com que mais pessoas se interessassem pelos conhecimentos.

Segundo Rosany Andrade (2013, p. 3) o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia foi planejado durante a comemoração do 99º aniversário da academia nacional de medicina em 1928, seu presidente, o médico Miguel Couto, propôs que no centenário da Academia fosse convocado o primeiro congresso brasileiro de eugenia, com o propósito de consolidar as conquistas que a ciência brasileira havia obtido até então.

Sobre a adesão do evento, podemos dizer que de acordo com as atas das reuniões e fichas de inscrição mais de 140 pessoas participaram do evento e foram entregues à secretaria do Congresso mais de 70 trabalhos. Os temas mais comuns eram imigração,

¹⁹ Tradução - Eugenia, genética e saúde pública: o movimento eugenico brasileiro e mundial

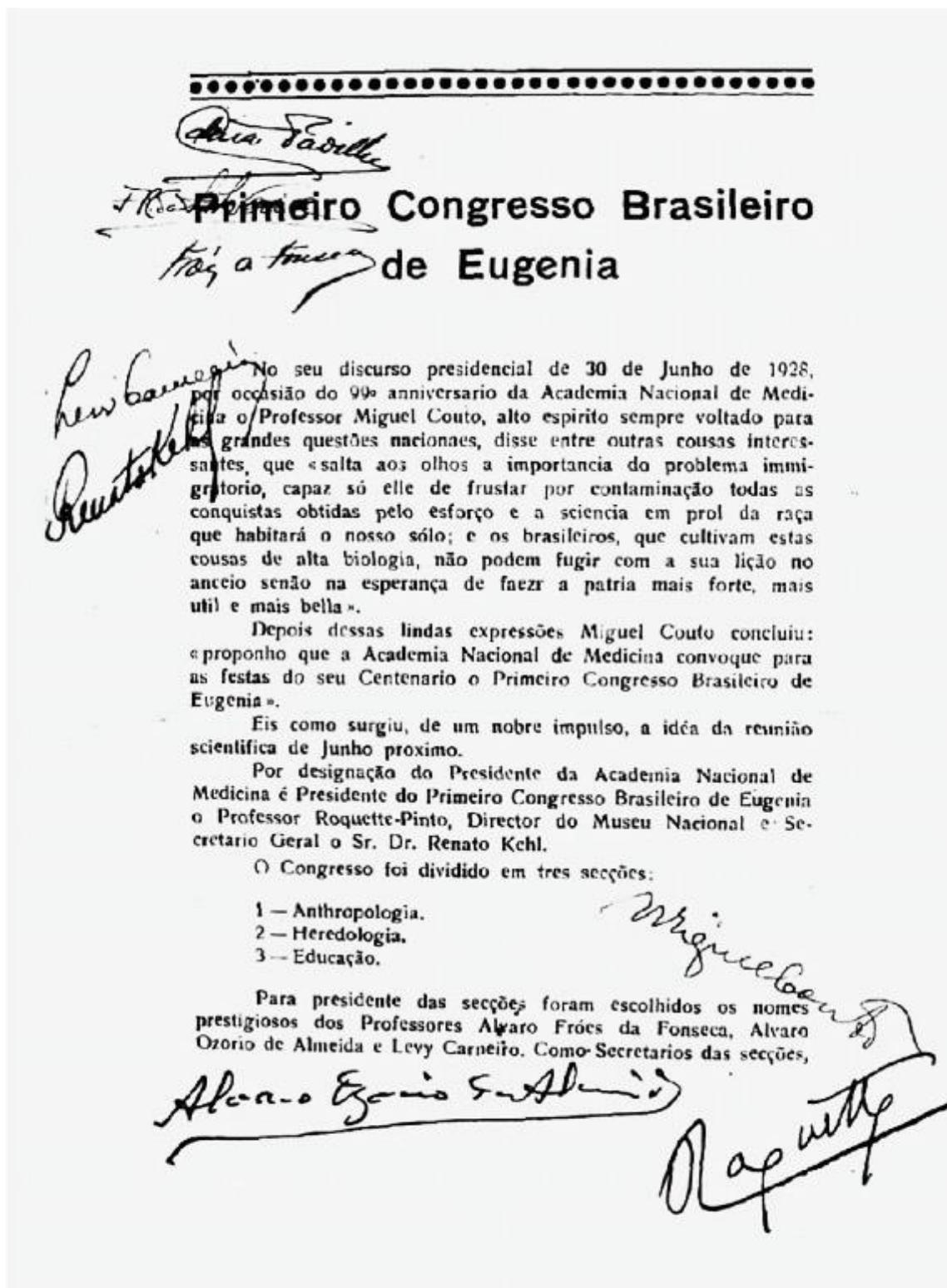
alcoolismo, casamento, educação, degeneração, puericultura, raça, doenças venéreas, educação física, exames-pré-nupciais e esterilização. (GONÇALVES, 2010, p. 4)

Os estudos que buscam compreender o Primeiro Congresso Brasileiro de eugenia indicam que, durante o evento, ocorreram controvérsias teóricas entre os intelectuais e cientistas. Estas oscilavam entre considerar a população mestiça e as outras pautas do congresso como fatores que eram degradantes para o país e outros que acreditavam que não era degenerativo, mas condições remediáveis que poderiam ser melhoradas para lapidar a nação. Nesse ponto podemos citar Rosany Andrade (2013, p. 12) que destaca que enquanto alguns intelectuais do congresso debatiam a mestiçagem como um atraso para o país, Roquete Pinto, seu presidente, concedeu voto contrário afirmando que esse posicionamento negava todas as conquistas feitas pelos brasileiros na ocupação do país, ou seja, enquanto ao longo do congresso veremos trabalhos defendendo ideias de esterilização, degeneração e formas de eliminar a mestiçagem da sociedade notamos que o próprio presidente do evento se coloca na defesa da mestiçagem. O evento foi palco de diversos e divergentes posicionamentos, por isso é necessário analisarmos e observarmos a elaboração do evento.

No discurso oficial que convocava os intelectuais brasileiros a participarem do congresso percebemos uma linguagem que não é panfletaria, ou seja, buscava atrair o público leigo. Tratava-se de uma linguagem voltada para o público que já se encontra interessado pelo conhecimento eugênico.

A chamada do evento segue o pressuposto que os leitores já conheciam a eugenia, suas categorias e que trabalhos poderiam ser enviados para ser apresentado no evento, assim como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 2: Folheto de divulgação do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia



Fonte: DE SOUZA, Vanderlei Sebastião et al. Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional: fontes para a história da eugenia no Brasil. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 16, n. 3, p.11, 2009.

Já no *Boletim de eugenia* analisamos a reportagem que saiu abordando o Primeiro congresso de eugenia é a seguinte:

1º congresso brasileiro de eugenia

Em comemoração ao primeiro centenário da Academia Nacional de Medicina foi convocado o 1º congresso nacional de eugenia para reunir-se no Rio de Janeiro nos primeiros dias de junho do corrente ano. Na mesma data terão lugar dois outros congressos, todos eles sob os auspícios do Sr. Presidente da República e patrocínio das altas autoridades do país, conforme se lê no regimento interno, redigido pela comissão organizadora. No próximo número daremos a relação dos temas. (*Boletim de eugenia*, janeiro de 1929, Edição 00001, p. 1).

Na edição 1 do *Boletim de Eugenia*, de janeiro de 1929, vemos uma singela chamada anunciando que ocorrerá um primeiro congresso de eugenia que foi conformado durante a comemoração do centenário da Academia Nacional de Medicina. Além disso, destaca o apoio do presidente da República, na época, Washington Luís. Corroborando com o pequeno comunicado da primeira edição de que em breve iriam publicar a lista com as temáticas que seriam apresentadas ao longo do evento, podemos verificar a relação dos temas no *Boletim de eugenia*, março de 1929, nº 3, p. 4:

1º congresso brasileiro de eugenia

Publicamos abaixo, conforme o prospecto distribuído pela academia nacional de medicina, a relação de alguns temas do referido congresso: 1- movimento eugênico moderno – conceito da eugenia – organização pratica da ação eugenia; 2- tipos da população do Brasil; 3- índice de rádio pélvico e índice tíbio-pélvico; 4- Estado atual da questão dos grupos hemáticos; 5- O conceito da espécie; 6- Escama, pelo e pena; 7- Genética vegetal; 8- Sports em zea mais; 9- metabolismo básico nas raças; 10- aplicação humana das leis do cruzamento; 11 - os preconceitos anti raciais, 12 variação e herança no homem; 13. A variação e herança no homem – a raça no ponto de vista antropológico e no ponto de vista sociológico; 14- O feminismo e a raça; 15- educação moral e eugenia; 16- Educação eugênica em geral. Consciência da responsabilidade eugênica na família, nas escolas, nas universidades; 17- educação sexual e eugenia; 18- a esterilização eugenia dos tarados e criminosos; 19- Regulamentação eugênica do casamento – idade, consanguinidade, mistura de raças, estado físico e mental – exame pre nupcial e certificado medico – divorcio [...] 22- maternidade consciente [...] 30 o problema eugênico da imigração; 31- a mortalidade infantil; 32- A seleção social; 33- Registro individual e registro genealógico da família; 34- Política eugênica [...] 38- Estatística dos tarados no Brasil (cegos, surdos – mudos, débeis mentais e atrasados, epiléticos, toxicômano, alienado, vagabundos).

Com base nesses pequenos fragmentos podemos observar que foram anunciados 38 temas que seriam abordados ao longo do congresso. Diante da apresentação dos assuntos a serem trabalhados no encontro, pode-se concluir que o congresso dialogou com

intelectuais de várias áreas, como educação e política, apesar de ter sido direcionado especialmente para a categoria médica, devido ao fato de que foi realizado no centenário da academia de medicina, no prédio da instituição e organizado por médicos.

Ao analisar a especificidade do evento é possível dizer que não havia o compromisso de incluir na programação do congresso científico uma linguagem para leigos, contudo podemos considerar que ao noticiar o evento em jornais da época, como no *A noite*, que dava conta de assuntos do cotidiano, os eugenistas pretendiam chamar atenção e despertar o interesse do público do jornal para o tema. Sendo assim, embora não houvessem maiores incentivos para que o grande público participasse do evento, os cientistas eugênicos utilizavam do espaço dos jornais populares como estratégia para noticiar a eugenia e despertar o interesse do público para o tema.

Na edição seguinte há uma publicação que ocupa uma página inteira com a relação de alguns nomes dos inscritos no Congresso de Eugenia, apresentando que o evento foi organizado em três seções: 1- Antropologia, 2- Heredologia e 3- Educação, e assim a lista é um resumo da organização do evento.

1º Discurso inaugural – Roquette Pinto; 2º Evolução histórica da eugenia – Padiberg Drenkpol; 3º - A Eugenia no Brasil - Renato Kehl; 4º Os grandes problemas da antropologia – A. Fróes da Fonseca; 5º - O problema da herança em seu estado atual – André Dreyfus; 6º - A educação pública e os seus grandes problemas – Levy Carneiro; 7º Biométrica – Fernando R. da Silveira. As teses propostas e já com relatores inscritos são as seguintes: 1º seção de antropologia – Tipos da população do Brasil -, Oliveira Vianna – Roquette Pinto [...] Aplicações das leis de Mendel as doenças > O controle dos nascimentos < registro individual e registro geneológico das famílias > Renato Kehl. [...]. Inscreveram-se para tomar parte do congresso mais os seguintes senhores: Dr. Fernando de Azevedo, diretor geral da instrução publica, Dr. Theophilo de Almeida, Dr. Sá Lessa, Dr. Sílio Boccanera Netto, Dra. Italia de Oleira, Prof. Raul Leitão da Cunha, Dr. Motta Rezende, Prof. Celina Padilha, Dr. Medeiros e Albuquerque, Dr. Affonso E. Taunay e Consul Dr. Gabriel de Andrade. (Boletim de eugenia, abril de 1929, nº 4, p. 4).

A partir dessa lista podemos destacar nomes de participantes do congresso e que foram importantes para história do Brasil, como Juliano Moreira, Roquette Pinto e Renato Kehl - profissionais da medicina - e além de outros intelectuais das mais diferentes áreas que durante o século XX exerceram muita influência em diversos setores sociais. Vale salientar a importância da presença de atores influentes que estavam apoiando a eugenia, pois isso reflete na circulação do conhecimento, quanto mais pessoas importantes da sociedade apoiassem a eugenia, mais ela poderia se destacar. Ao analisarmos o *Boletim de eugenia* notamos que o Congresso de Eugenia já havia ocorrido e o jornal continuou abordando o evento comentando algumas falas que ocorreram durante o encontro. O que

nos dá a noção de como aconteceu e assim, afirmar que foi um evento formal voltado para o debate e troca de informações entre os profissionais de diversas áreas sobre eugenia.

1º Congresso Brasileiro de Eugenia

Presidente: Dr. Roquette Pinto

Secretário geral: Dr. Renato Kehl

O congresso foi presidido pelo Dr. Roquette Pinto e secretariado pelo Dr. Renato Kehl. A seção de educação e legislação foi presidida pelo Dr. Levy Carneiro, secretariada pela professora Celina Padilha, e a de antropologia pelo Professor Froes da Fonseca, secretariada pelo Dr. Fernando Silveira. O grande anfiteatro de física apresentou-se, sempre, repleto, havendo ocasiões em que se tornava insuficiente para comportar todos os que desejavam acompanhar os trabalhos. Na primeira sessão o deputado Salles Filho apresentou um valioso trabalho sobre 'política eugênica' no qual o autor estudou os problemas referentes a proteção da nacionalidade contra os fatores da degeneração, terminando por submeter a apreciação duas conclusões que, depois de discutidas pelos deputados Oscar Fontenelle e Victor Russomano, foram aprovados. A segunda sessão, como a primeira, foi muito movimentada, nela tomando parte figuras de grande destaque no nosso meio intelectual. O Dr. Azevedo do Amaral expos, brilhantemente, a sua tese sobre o 'problema eugênico da imigração' tendo sido as suas conclusões aprovadas, sendo que uma, depois de muito discutida, rejeitada por dois votos. Não obstante esta restrição ao trabalho do Dr. Azevedo Amaral, foi ele muito elogiado pelos presentes, tendo merecido um voto de louvor formulado pelo deputado Oscar Fontenelle e Miguel Couto e, pelos presentes, aprovado por aclamação. Seguiu-se a explanação da tese 'ação eugênica dos exércitos' do Dr. Arthur Lobo, cujas conclusões foram aprovadas. [...] A seguir o Sr. Medeiros e Albuquerque lê o seu trabalho intitulado: 'Acordo conjugal e eugenia' calorosamente aplaudido. (Boletim de eugenia, agosto 1929, nº 8, p. 6).

O jornal publicou um discurso ministrado durante o evento acerca das falas abordadas durante o congresso, citando Renato Kehl e suas obras *Phada da eugenia* e *Bíblia da saúde* que seguem o discurso que eugenia é a ciência e o eugenismo trata-se da prática de preparar o espaço, as escolas e os indivíduos para a aplicação da ciência. Nessa fase, a eugenia e o higienismo encontravam-se aliadas.

Eugenia e eugenismo

Da campanha ininterrupta pelo saneamento surgiu o Departamento Nacional de Saúde pública, a organização de serviços sanitários em todos os Estados e em muitos municípios, a especialização de médicos no problemas de higiene, a escola de guardiãs de saúde, impropriamente denominada enfermeiras visitadoras, a realização anual de congressos de Higiene e, recentemente, o 1º congresso brasileiro de eugenia, este, coroamento de vigorada campanha que, deste três lustros, sem outros interesse que da pura brasilidade, fora das esferas oficiais, vem realizando o Dr. Renato Kehl, sem a preocupação de cargos públicos, de comissões e de proventos materiais. A Renato Kehl sabe, indubitavelmente, a gloria de haver despertado e estimulado a consciência nacional para os problemas de higiene da raça. Pugnando por um ideal organizo, construtivo de um povo física, física e moralmente vigoroso, não podia o campeão da Eugenia desinteressar-se dos problemas da Higiene e da medicina social, indissolúvelmente entrelaçados com os da ciência de Galton.

E assim, entre os seus numerosos trabalhos publicados figuram a ‘fada Higia’ e a ‘Bíblia da saúde’ dois livros preciosos o primeiro dos quais deveria ser obrigatório nas escolas primarias e o segundo nas secundarias. E que antes da aplicação dos preceitos de eugenia é indispensável praticar o eugenismo, isto é, preparar o ambiente e o indivíduo para a boa geração, para a procriação de filhos física e fisicamente hígidos. O saneamento, a Higiene, a medicina social e a educação higiênica para implantação da consciência sanitária. (Boletim de eugenia, Outubro 1929, nº 10, p. 1).

É possível notar que o *boletim* possuía intenção de promover a eugenia como um saber conduzido por médicos e quando direcionada a intelectuais de outras áreas ainda assim deveria ser orientada por profissionais da medicina. Percebemos que o jornal não cita o Congresso de Eugenia como parte da comemoração do centenário de academia de medicina e que cobria vários outros eventos, ou seja, no *boletim* a pauta eugênica e a presença dos médicos é o que possui maior destaque no jornal.

Com o intuito de compararmos como a informação foi difundida em variáveis espaços podemos observar a forma como o jornal *A Noite* percebeu o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Sendo assim, a primeira menção ao evento ocorreu em 1929, uma singela nota no canto da página 6 de 8 páginas. E diferente do que notamos no jornal *boletim*, no *A noite* dizia que o evento atraiu e era voltado para um público diverso, não apenas médicos, mas sociólogos, educadores, tanto brasileiros como estrangeiros e no geral, apresentando o evento aberto para todos que se interessassem pelo melhoramento eugênico do homem. Além disso, o jornal informa o endereço para onde deveria ser enviando as correspondências para o evento e estava associado a Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Como podemos observar no trecho abaixo:

Primeiro congresso brasileiro de eugenia

A comissão organizadora do primeiro Congresso brasileiro de eugenia tem recebido numerosas adesões, não só de médicos, como de sociólogos, educadores, políticos, jornalistas, etc. tanto brasileiros como estrangeiros, que se interessam pelas questões de melhoramento eugênico do homem. Inscreveram-se para tratar da ‘imigração eugênica’, o Dr. Azevedo do Amaral, e da ‘política eugênica’, o Dr. Salles Filhos. A correspondência do primeiro congresso brasileiro de eugenias deverá ser dirigida para a Academia Nacional de Medicina Syllogeu, rua Augusto Severo, Rio de Janeiro. (A noite, 14 de março de 1929, nº 6221, p. 6).

Outro ponto que vale destacar é que no *A noite* o congresso recebeu uma pequena menção dentro de uma coluna que abordava vários outros congressos que estariam para acontecer. A reportagem, que ganha destaque com letras maiores e maior texto comentado, é o centenário da Academia Nacional de Medicina e os participantes estrangeiros com a seguinte legenda na foto “os professores que tomaram parte na seção

solene, hoje realizada, em pose especial para o *A Noite*". Como pode ser visualizado a seguir:

Figura 3: O centenário da Academia Nacional de Medicina



Fonte: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1929, nº 06330, p. 1

Abaixo dessa reportagem vem uma nota abordando o Congresso de eugenia e outros congressos que estariam ocorrendo naquele momento:

Conferências do congresso de eugenia

Realizaram-se, hoje, as 20 ½ horas, no Syllogeu (Instituto dos advogados), duas conferencias do 1º congresso Brasileiro de eugenia. A 1ª Será feita pelo Dr. Renato Kehl, que tratará o seguinte tema: ‘ A eugenia no Brasil’ e a segunda será feita pelo Dr. Severiano Lessa. Sobre o tema ‘ o problema do alcoolismo no Brasil. A entrada a estas conferencia será pública. (A noite, 1 de julho 1929, nº 6330, p. 1).

Apesar de ser uma nota modesta, há algumas informações interessantes, como o nome de quem irá falar que é Renato Kehl e Severiano Lessa, os dois organizadores do evento e que a entrada para a conferência era gratuita e pública, ou seja, aberto para quem desejasse acompanhar o evento.

Dessa forma podemos imaginar que o evento foi mais repercutido e desejado entre os profissionais envolvidos com a eugenia na época. Em 1929 ainda buscava-se tornar eugenia algo praticado no Brasil. Notamos diferenças de como o *Boletim* e o *A noite* lidaram com o congresso. Apesar de parecer que o *A noite* não deu muito espaço, podemos dizer que a intenção do jornal não era cobrir a eugenia na íntegra, apenas publicava temas livres de interesse dos seus colaboradores, o que nos chama atenção é que se esse jornal abordou a eugenia é porque possuía leitores que se interessavam pelo conteúdo. Além disso, no *A noite* o evento apresentou-se mais aberto a todos buscando a participação de um público diversos como sociólogos, educadores e todos que se interessassem pelo melhoramento eugênico dos homens. Tal postura do periódico pode estar ligada ao fato de que era aberto ao grande público e preocupava-se em incluir o maior número de leitores.

Nas edições seguintes o periódico selecionou e publicou a fala de Miguel Couto no congresso, onde notamos que uma delegação estrangeira visitou o Instituto Oswaldo Cruz e acompanhou apresentações de teses e teorias eugênicas, porém vale destacar que o título da reportagem em letras maiores é “O centenário da Academia Nacional de Medicina” e em subtítulo, vemos o congresso de eugenia. O que nos sugere que o jornal deu maior destaque não ao congresso de eugenia, mas sim à visita dos estrangeiros e o centenário de medicina.

O centenário da Academia Nacional de Medicina

Visita ao Instituto Oswaldo Cruz

realizou-se, pela manhã, na Academia nacional de medicina, a leitura de tese, que são oferecidas ao julgamento dos congressos parciais. Às 14 horas, as delegações estrangeiras visitarão o instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos. À noite, no edifício da Academia, realizar-se-ão três conferências da sério estrangeira.

O congresso de eugenia

O professor Miguel Couto oficiou aos presidentes das diversas delegações nos seguintes termos: “tenho a honra de comunicar a Delegação que V. EX tão superiormente preside, que na 1º reunião do 1º congresso de eugenia, ora reunido nesta capital, foram aprovadas as seguintes propostas apresentadas pelo delegado brasileiro Sr. Xavier de Oliveira “Indico que a mesa diretora do 1º congresso de eugenia convide oficialmente os delegados dos outros países da América. Ora presentes aos Congressos médicos Americanos aqui reunindo, para igualmente tomarem parte nos trabalhos deste congresso. Outrossim, indico ainda que, por intermédio do presidente da academia nacional de medicina. Se telegrafe aos governos americanos para que, oficialmente, por via dos seus delegados aqui presentes tomem parte também neste congresso de eugenia a que assim passe o mesmo a denominar-se: ‘primeiro congresso internacional americano de eugenia’ (A noite, 4 de julho 1929, nº 6333, p. 2).

Durante todo o evento entre inúmeros trabalhos apresentados no Primeiro Congresso de Eugenia o *A noite* comenta e destaca apenas um trabalho, dando espaço para a uma foto do autor, que está quase invisível devido as condições do periódico, e a tese do Dr. Oscar Coelho que foi apresentada durante o evento, podemos presumir que o jornal selecionou a partir dos seus interesses o que queriam do Congresso. O jornal expõe que o autor apresenta o tema com uma abordagem simples sobre as riquezas latifundiárias que o Brasil possui, mas que ainda precisa de braços, o que é um dos mais problemas nacionais. Acerca da mão de obra estrangeira o Dr. Oscar fala “para povoar é preciso selecionar”, mas antes de apresentar as ideias da tese do doutor o jornal o apresenta:

Os problemas imigratórios no Primeiro Congresso brasileiro de eugenia

A tese apresentada pelo Dr. Oscar Coelho de Souza

O Dr. Oscar Coelho de Souza, inspetor da Polícia Marítima e delegado ao congresso brasileiro de eugenia, recentemente reunido nesta capital, apresentou ao mesmo um interessante trabalho em qual aborda problemas de máximo interesse. (A noite, 9 de julho de 1929, nº 6338, p. 8).

Em seguida, podemos destacar fragmentos da publicação em que observamos que as ideias do intelectual eram em prol de selecionarmos boas mão de obras, nos inspiramos nos exemplos norte-americanos e escolhermos até mesmo os estrangeiros que viriam trabalhar no Brasil, para isso o autor sugere melhorias nos cargos responsáveis por fiscalizar a entrada de imigrantes no país.

Nesse particular, isto é, de defesa moral e sanitária tudo devemos fazer por imitar os norte-americanos, concorrendo para unificar o critério de cada policial portuário ou fronteiriça brasileira no sentido de melhor vigilância em torno da imigração. Agindo dessa forma chegaremos a criar um estado de permanente defesa territorial sem nos preocuparmos com interesses outros que não sejam os pertencentes à nossa própria nacionalidade. [...] A vida no Brasil oferece vastos campos aos empreendimentos e atividades humanas na exploração de suas terras férteis. E preciso povoar o Brasil, mas fazendo-o por meios práticos, para que esse empreendimento resulte útil economicamente valioso formando uma mentalidade de eleição, capaz de bem servir e compreender o seu magnífico destino. [...] conclui com a seguinte tese: imigração. Necessidade, trabalho, saúde e capital. Observações: erro de preferência elementos condenados atuação das indústrias, problemas migratórios, legislação assimilação e unidade moral. Legislação: regulamentação, inspetorias, bureaux. Seleção: imigração agrária, saúde, física e moral. (A noite, 9 de julho de 1929, nº 6338, p. 8).

Os trabalhos apresentados durante o evento impactaram a sociedade e serviu como espaço de laboratório para pensar em ideias para serem colocadas em prática. Rosany Andrade (2013, p. 3) expõe que o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia foi um espaço social e científico que além de representar um microcosmo de efervescência intelectual brasileira em torno da eugenia nas primeiras décadas do século XX, buscou produzir subsídios teóricos que respaldassem os legisladores na aprovação de leis que registrassem a entrada de estrangeiros no país. Os imigrantes passariam a ser classificados como elementos “desejáveis” ou “indesejáveis” ao projeto modernizador e nacionalista imaginado para o país.

A partir dessa análise, entre os jornais podemos responder que o Congresso de eugenia foi um evento que não passou despercebido pela sociedade da época, porém os periódicos deram abordagens diferentes para o evento, até mesmo por conta dos seus interesses. O *Boletim* visava fazer propaganda da eugenia no Brasil e associava eugenia a ciência do melhoramento humano relacionado a higiene e ao movimento sanitarista. Já o *A Noite*, não possuía vínculo com a campanha eugênica ou temáticas científicas, mas não deixou de noticiá-lo. Notamos que o jornal de grande público se apropriou do que foi do seu interesse, ou melhor, dos seus colaboradores sobre o congresso.

Dessa forma, podemos dizer que os jornais cumpriram a função de noticiar sobre o evento que ocorria no Rio de Janeiro de modo que publicavam para os que já conheciam sobre a ciência eugênica e também para aqueles que não conheciam, mas que a partir dos jornais poderiam começar a compreender a eugenia como um conhecimento sobre o melhoramento humano. Os periódicos buscavam noticiar para todo tipo de público e os envolver na missão eugênica de regenerar a humanidade com os bons conhecimentos que eram trabalhados por diversos intelectuais.

2.3 Outros congressos de eugenia

O conhecimento científico não foi sempre aceito ou legítimo pelos populares. Houve um processo para que as pessoas começassem a validar a ciência. Podemos apontar que congressos, eventos e associações científicas tiveram um papel fundamental em atividades de produção e divulgação da ciência, ou seja, a realização de eventos da área é uma estratégia de legitimar e persuadir o público geral sobre o conhecimento médico produzido por especialistas. Além disso, podemos citar que outra estratégia para fortalecer a profissão médica conforme diz Marta Almeida é (2006, p. 735):

A constituição de relação entre médicos com outros profissionais de ciência – engenharia, odontologia, farmácia e com outras dinâmicas sociais – governo, imprensa, indústria e comércio. Redes complexas que ultrapassam a noção de relação restrita entre os pares.

É possível verificar que tal aspecto deu-se com a eugenia também, ocorriam eventos e congressos para aumentar a credibilidade ou promover no governo, educação e imprensa o apoio a essa ciência. Dessa forma, podemos dizer que a primeira menção sobre a eugenia no jornal *A noite* aparece em 1912 e abordava o Congresso de eugenia em Londres na visão do Dr. Placido Barbosa, um médico brasileiro que estava estudando sobre a decadência da raça humana e participou do congresso. O título da reportagem, que veremos abaixo, é *aperfeiçoamos a raça humana*, em resumo abordava as impressões do médico sobre o evento, que aproveitava para explicar o que foi debatido e elogiar o estado de Indiana e Nova Jersey, os quais aprovaram leis eugênicas de esterilização de alguns grupos. O que nos chama atenção para a prática de eliminação de indivíduos disgênicos como algo presente antes da Alemanha Nazista e já conhecido por alguns sendo aplicado na sociedade.

Aperfeiçoamos a raça humana!
É preciso fazer cessar as causas para cessarem os efeitos
O congresso de eugenia em Londres

Esse congresso, que pelo nome parece, complicadíssimo, é no fundo dum grande alcance social. Nós entendemos por eugenia a ciência que estuda os meios de aperfeiçoar a raça humana, pelo melhoramento do vigor e da saúde da prole. Esta aspiração é antiga, pois os espartanos já eliminavam da vida, impiedosamente, os seus filhos defeituosos, para só terem homens perfeitos e robustos. [...] Para este fim existe em Londres um laboratório, junto à Universidade, fundado pela iniciativa e pela fortuna do filantropo Sir Francis Galton. [...] O animal humano tem sofrido o mais cruel abandono, pois ao passo que para os outros animais se tomam todas as preocupações para que só se obtenham produtos vigorosos de raça pura, para o homem consente-se nas leis e nos costumes, a mais ampla liberdade dos degenerados, aos cretinos, aos tarados para propagarem a sua espécie doentia e as vezes criminosos [...] O norte americanos já resolveram o problema, pelo melhor método: esterilizam os

deficientes e degenerados, sem prejuízo algum ao operado. (*A noite*, Rio de Janeiro, 12 de setembro 1912, p.1, nº 363)

O Primeiro Congresso Brasileiro de eugenia não foi o primeiro evento brasileiro que abordou o tema eugênico, pois em 1923 foi divulgado no jornal o primeiro congresso brasileiro de “surdos-mudos” onde a eugenia foi pauta. Vale lembrar que eugenia para os atores do *A noite* tratava-se de uma ciência que ajudaria a sociedade a conservar os melhores tipos humanos para o futuro da nação, por isso podemos imaginar que eugenia e surdez podem ser relacionadas considerando que o conhecimento eugênico ajudaria a evitar uniões que gerassem seres deficientes no geral, e no caso do congresso, indivíduos surdos no futuro.

1º Congresso brasileiro de surdos mudos
o programa desse importante certâmen
Está assim organizado o programa geral do primeiro congresso brasileiro de surdos, mudos. A reunir-se nesta capital, em dias e local abaixo indicados: [...] As contribuições e moções dos ouvintes falantes versarão sobre qualquer assunto concernente aos surdos-mudos, como: educação e reeducação do ouvido: leitura da fala fonética acústica e fisiológica: eugenia; leis de acidentes no trabalho. Didática. Difusão do ensino; a surdez e a inspeção médica nas escolas comuns; a condições e moções dos surdos mudos, que se reúnem em sessão especial, como está no programa acima, versarão mais particularmente sobre suas condições atuais, mutualismo, melhoramento do seu preparo profissional, etc. (*A noite*, 14 de maio de 1923, nº 4113, p.4)

Podemos citar outro evento noticiado no jornal *A noite*, porém não veremos nenhum detalhe maior sobre o que tratava o evento, somente que era um congresso Pan-americano de eugenia e homicultura, que nas palavras do próprio jornal se dizia apto “a discutir assuntos relativos a raça humana”²⁰. Porém tratava-se apenas de um anúncio sem maiores detalhes sobre o que era o conhecimento abordado no evento.

A homicultura compõe uma ala da ciência eugênica em que se busca melhorar a genética humana, mas voltada para o público infantil e abrangia o conhecimento dos pais, pois acreditava-se que seria um meio de eliminar os “venenos sociais” da sociedade se os progenitores compreendessem sobre eugenia para praticá-la. Nancy Stepan (2005) explica o que é homicultura e nos mostra que havia um debate na área sobre puericultura e homicultura, duas áreas da eugenia que estavam sendo debatidas entre os intelectuais para compreender qual seria a mais adequada:

A palavra ‘homicultura’ como substituta para puericultura, uma vez que aquela se referia ao cultivo científico de todo o indivíduo, desde antes do nascimento até a idade adulta. Já a homicultura dividia-se em várias partes: ‘patrimatricula’ (a cultura dos pais), ‘matrificultura’ (o cuidado da mãe grávida e do feto juntos), a própria puericultura, a ‘progonocultura’ (cuidado

²⁰ *A noite*, 20 de dezembro de 1927, nº 5777, p.8

das gônadas) e a ‘pós-genitocultura’ (cuidado do indivíduo após o nascimento). [...] enquanto a ‘puericultura’ se referia ao cuidado das crianças, antes e depois do parto, a ‘homicultura’ abrangia o cuidado dos futuros pais do nascimento a ideia adulta e da saúde de suas gônadas (gonocultura) e do feto a partir do momento concepção. (STEPAN, 2005, p. 87)

Sendo assim, podemos mencionar que o *Boletim* de Maio de 1930 (nº 17, p. 5-6) publicou um texto com o título *puericultura e eugenia* extraído do artigo de Octavio Gonzaga, em que o autor explica que puericultura visa guiar o desenvolvimento da criança normal de forma saudável e afastar dos perigos exteriores da sociedade, usando a eugenia como princípio para definir o que é saudável. Na página seguinte, anuncia o curso de “eugenia e puericultura” que seria realizado pelo Instituto Maternal “Regina Elena” de Roma, sob a direção do Prof. Cesare Micheli, o objetivo das aulas seriam preparar médicos nas funções de propagandistas de higiene pré-natal e educar gestantes para melhor higiene da gravidez.

A partir disso é possível evidenciar que tanto no Brasil como em outros países, tal como na Argentina houve uma divulgação positiva da eugenia, tal como vemos reportagens sobre homicultura, que o movimento eugênico difundia a visão de ciência que cuidaria das crianças e do ser humano, o que geraria bons frutos para a nação. Isso era tão presente nos discursos médicos e eventos quanto nos nossos jornais, e, sobretudo, no debate de homicultura e puericultura percebemos que as ideias eugênicas estavam em constante mudanças, os intelectuais buscavam ampliar seus debates e aderir novas análises. Dessa forma, percebemos a mudança de uma eugenia que visava aperfeiçoar as crianças, puericultura, e após um debate sobre homicultura um conhecimento que tornava as ideias e projetos eugênicos mais complexos.

Por fim, vale destacar outro evento que citou eugenia: o II Congresso Brasileiro de Higiene, de 1924. No *A noite* consta que foi um trabalho sobre a evolução da higiene e afirmava que, nos últimos anos, buscava-se melhorar as condições físicas e sociais dos indivíduos e relacionava isso tudo à eugenia. Como averiguamos abaixo:

O segundo congresso brasileiro de higiene
Os problemas de saúde pública e a profissão sanitária
Uma crônica dos trabalhos feitos pelo Dr. J. P Fontenelle
(conclusão da 1ª página)

Nessa rápida resenha, cheguei, por fim a terceira fase da evolução da higiene, datando apenas de uns 20 anos quando lentamente começou a desenhar-se o movimento sanitário educativo. Passou a higiene, sobretudo nestes dez últimos anos, a não mais se contentar com a ação passiva de proteger a saúde, evitando a doença e entrou pelo campo construtivo de melhorar as condições físicas e sociais dos indivíduos, para aperfeiçoar a espécie humano, coma utilização cada vez maior do auxílio da fisiologia e da pedagogia. A luta contra a

mortalidade infantil. A puericultura, a eugenia e a higiene escolar, principalmente, passaram a constituir os complexos e decisivos problemas que se defrontaram ao profissional sanitário, já então bem afastado do médico clínico. Por sua técnica e por seus desígnios. Assim a educação tornou-se o centro do esforço da higiene pública, tendo sido progressivamente abandonada a ação compulsória, substituída, cada vez mais pelo esforço educativo que utiliza o jornal, o cinema, o cartaz, o folheto, e a conferência. Enquanto por essa forma, se transformava a significação da ideia de saúde pública, constituía-se definitivamente a profissão sanitária, num movimento a que fechamos por assim dizer, estranhos. Oswaldo Cruz representa para a nossa saúde pública a fase verdadeiramente científica da higiene, em seu segundo período, cuja ação se traduziu por uma baixa da mortalidade do Rio de Janeiro. (A noite, 21 de novembro de 1924, nº 4668, p. 3)

Além desses eventos devemos destacar que graças a Gustavo Kern (2017) podemos dizer que em termos de pioneirismo a primeira tese dedicada ao estudo da ciência de Galton foi escrita pelo médico Alexandre Tepedino tendo sido defendida na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, em 1914. E no ano de 1917, Renato Kehl foi convidado para proferir sua conferência de propaganda eugênica, na associação cristã de moços de São Paulo. O que, segundo Gustavo Kern (2017, p. 3), marca o primeiro passo de Renato Kehl que nesta conferência definiu a eugenia como a ciência que se dedica “a estudar as condições mais favoráveis para o levantamento da raça humana e a fixar as regras para a boa reprodução”.

Esse conjunto de informações sobre os congressos e conferências científicas nos permitem perceber que as ideias eugênicas estavam presentes e eram difundidas por meios diversos. A eugenia se fez constante através de congressos de áreas como medicina, surdez ou crianças. As propostas eugênicas eram convidativas ao público, pois prometiam melhorar o indivíduo e a sociedade, ou seja, era um conhecimento científico que faria bem e era apresentado nos jornais como principal forma de combater as causas da baixa mortalidade e do desenvolvimento social.

Com isso, podemos concluir que a forma como as propostas eugênicas eram apresentadas faziam com que o conhecimento por si se aparentasse sólido e que não precisava de esforços para penetrar os jornais da época. Contudo, podemos interpretar que a união da eugenia com outras áreas e eventos demonstra uma preocupação de estabelecer o saber na área ou de ganhar credibilidade na população e ser aceita como um conhecimento válido para o melhoramento humano.

Outro ponto fundamental para abordarmos é que o texto sobre eugenia, expostos nos congressos, sofriam alterações quando eram passados para os jornais. O *boletim* ainda consta alguns gráficos simples de forma resumida. Já o *A noite* não apresentou nenhum cálculo e dado na íntegra que comumente aparecia nas teses ou apresentação de pesquisas.

Até mesmo em um comunicado oficial que saiu para convocar os cientistas a participarem do evento, foram simplesmente copiados e colado no jornal. Vemos que a linguagem científica é adaptada para circular e cada periódico fez a sua própria chamada para o evento. Ou seja, queremos chamar atenção para o fato de que o texto e a linguagem sofreram alterações quando saíram do campo acadêmico para ser divulgado no campo midiático.

O *A noite* noticiava eugenia desde 1912. O *Boletim de Eugenia*, surgido depois, atendeu a demanda dos atores especializados, colocando-se como aberto a todos os públicos. Contudo, o saber eugênico percorreu na sociedade em geral, através da política, livros, nos periódicos e por conseguinte, no imaginário social que, por sua vez, possuía licença poética para interpretar e misturar o conhecimento eugênico com diversos assuntos do cotidiano social. Tornando até difícil de organizarmos por única categoria as pautas eugênicas como veremos a seguir, são múltiplas interpretações e uso da ciência para vários assuntos que se destacavam na época.

2.4 A hereditariedade e consanguinidade no *A noite* e no *Boletim de eugenia*

Podemos dizer que na primeira década do jornal *A noite* havia pouco debate sobre a eugenia e a maioria das notícias publicadas diziam respeito a congressos que estavam ocorrendo fora do Brasil e sobre a participação de alguns intelectuais brasileiros nestes certames. O termo eugenia, ao buscar nos indexadores da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, era associado ao nome feminino, essa realidade é alterada com o passar dos anos, pois a partir de 1920, o termo eugenia passa ser mais conectada a ciência e ganhar debates de grupos discutindo ideias contra ou a favor.

Uma questão que dividia os eugenistas era sobre a regulamentação dos casamentos. Havia aqueles que, como Renato Kehl, condenavam a mistura de raças por ser um dos fatores que degenerava a espécie humana. Octavio Domingues aceitava a miscigenação, principalmente entre brancos e negros, por ser um fator de clareamento da raça negra. Para um a união intraracial seria um fator de degeneração, para o outro a raça superior, no caso a branca, daria um jeito de prevalecer e assim clarearia a população.

Notaremos esse debate penetrando os jornais quando percebemos que alguns atores interpretavam que o melhor para o Brasil seria proibir determinados tipos de casamentos, a fim de evitar os disgênicos. Já outros acreditam que não havia provas

suficientes para impor à sociedade leis eugênicas. Em 1919, podemos destacar que a eugenia integra os debates sobre a reformulação do Código Civil quando foram chamados médicos para opinar sobre leis que proibissem casamentos consanguíneos:

O Dr. Moncorvo Filho tratará hoje, na Academia Nacional de Medicina, da pretendida revogação do texto do código civil que proíbe o casamento entre tios e sobrinhos. Abordando o interessante assumpto, sob o ponto de vista medico o Dr. Sustentará os modernos princípios da Eugenia. (*A noite*, 28 de agosto de 1919, nº 2769, p. 4).

Os debates não se encerravam e muitos davam continuidade em outras edições do jornal, como é possível apontar na reportagem de outubro em sequência ao debate de consanguinidade. Comunicando que seriam chamados outros médicos para comentar sobre essa lei, porém argumentando o contrário dos defensores da proibição do casamento entre consanguíneos. Sendo de suma importância destacar que foram chamados intelectuais renomados como Rocha Faria, Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Souza Lima, Nina Rodrigues, Pinheiro Guimarães, Alfredo Nascimento e Roquette Pinto, que defenderam que a consanguinidade não era prejudicial a prole, argumentando a desnecessidade da lei.

Casamento entre tios e sobrinhas

A questão dos casamentos consanguíneos continua a ocupar a atenção dos nossos cientistas. Na academia de medicina desta capital, após a leitura de uma nota, falaram os professores Fernando Magalhães, Dias de Barros e Eduardo Meirelles, continuando a discussão na sessão de amanhã que deverá ser muito interessante, visto que o Dr. Morcovo Filho, em resposta ao longo e muito fundamentada, demonstrará, em pareceres dos mais conspícuos próceres de medicina, entre os quais os eminentes professores Rocha Faria, Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Souza Lima, Nina Rodrigues, Pinheiro Guimarães, Alfredo do Nascimento e Roquette Pinto que a consanguinidade hígida não é prejudicial a prole. O orador irá ainda uma vez bater-se pela instituição do exame médico pré-nupcial como medida de elevado alcance de eugenia, devendo ser adotado para todos os matrimônios. (*A noite*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1919, nº 2824, p. 2).

A proibição de casamentos proposta pelos eugenistas nunca foi aprovado na constituição brasileira. Apesar disso ocorreram vários incentivos, apoio popular e campanhas não oficiais para que houvessem leis nesse aspecto. Apesar de não ter se tornado oficial, notaremos que temas como proibição de casamento eram debatidos na sociedade entre diversas categorias sociais sendo frequentemente abordada pelo movimento eugenista.

Segundo Luzia Castañeda (2003), os eugenistas participaram da elaboração do primeiro código civil, propondo em seu artigo 1º que ficariam proibidos de se casarem os irmãos legítimos ou ilegítimos e os colaterais legítimos ou ilegítimos até o terceiro grau

inclusive, salvo para estes dispensa ou licença judicial, desde que provassem motivo ponderoso e apresentassem atestado médico afirmando a sanidade dos nubentes. O projeto não esclareceu quais eram os motivos ponderosos, foi muito criticado, principalmente entre os médicos e eugenistas, e não pôde ser convertido em lei.

Apesar disso a questão envolvendo casamentos consanguíneos e exames pré-nupciais foi se definir somente em 19 de abril de 1941, com o decreto 3200. Nessa lei ordinária ficou permitido o casamento entre parentes de até terceiro grau, contanto que se submetessem ao exame pré-nupcial. Vale dizer que essa lei prevalece até os dias atuais.

O *A noite* nos mostra que nem tudo sobre a eugenia era absolutamente apoiado, existiam ideias que dividiam a categoria médica. Não havia uma unanimidade, assim o conceito de eugenia altera-se de acordo com as particularidades do cenário e atores. Como vimos, para o Dr. Morcovo era necessário leis e exames pré-nupciais enquanto que para outros intelectuais a consanguinidade não era prejudicial a prole. No *A noite* podemos perceber esse contrates e dualidade da ideia eugênica.

Ao analisarmos o tema consanguinidade e hereditariedade no *Boletim* podemos constatar uma diferença, o jornal não é imparcial e nem relata as notícias, trata-se de um periódico que promove campanha eugênica, por isso posicionou-se do início ao fim de maneira firme contra os casamentos consanguíneos e nada brando sobre questões da hereditariedade. Afirmando essa posição até mesmo com as republicações que faziam no jornal ao selecionar reportagens, tal como a carta de um pai lamentando que a lei do casamento tenha se tornado facultativa, enviada ao jornal *O globo*, e que o *Boletim* republicou:

Assignada por < Um Pai>, publicou < O Globo> a seguinte missiva sobre o projeto do exame pré-nupcial [...] Infelizmente tornando facultativo o exame, a lei que visa estabelecê-lo torna-se inócua, principalmente para aqueles a quem ela é mais necessária, aqueles que se esquecem dos prejuízos que sua cegueira pode causar á sua prole, a seu lar [...] Uma lei nesse sentido é dispensáveis, mas no nosso, onde só o amor e o amor elevado, é que decide e preside as uniões dos jovens, também só o estado tem autoridade para impedir as loucuras dos apaixonados. – (Um pae, Boletim de eugenia, março de 1929, nº 3, p. 2).

Nos atentando para a questão da hereditariedade e consanguinidade, o *Boletim de eugenia* posicionava-se contra, no entanto podemos ressaltar que o jornal abusou de uma linguagem um tanto dinâmica ou até mesmo panfletária para cativar o leitor e fazer a divulgação do saber eugênico. Em vários momentos, o *Boletim* fez uso de recursos textuais, tal como muitos contos e linguagens explicativas.

No decorrer do jornal podemos destacar títulos de efeitos que chamavam atenção

do leitor, tal como “os nossos avós quereis saber quem sois e o que sereis? Estudai a vida de vossos avós”²¹. No momento onde se decidia pelo exame, Coelho Neto publicou um livro *Os vencidos* e o *Boletim*²² fez o resumo do livro que tratava da história de uma família que não evitou um filho que nasceu com problemas de saúde, pois o interesse social em preservar a vida era maior que as razões científicas da eugenia. A moral da história era de que deveria haver leis que responsabilizassem e punissem os indivíduos, defensores dos interesses sociais, pelo mal que fizeram à sociedade, ao indivíduo e à nação. Conforme é citado, na mesma edição, o trecho do livro: "Que é aquilo, afinal? Uma posta de carne, que geme; uma deformidade hedionda que sofre e faz sofrer a quem o vê; um horror que os pais escondem envergonhados de o haverem produzido"²³

Em outros momentos conta-se uma curta história triste sobre o casamento de primos que tiveram filhos degenerados. Empregando-se o recurso da primeira pessoa conta-se como se fosse um relato onde o personagem aborda a experiência de ver uma família inteiramente desgraçada pelo casamento entre primos, ao mesmo tempo em que tornava o casamento um assunto que merecia atenção do estado:

Doloroso problema do casamento dos doentes e dos degenerados debateu-se no meu espírito. [...]A geração atual tem obrigação de proteger e de defender as gerações futuras. Criar a dor é um crime perante a humanidade; criar a monstruosidade é um crime perante a raça. [...] Se isolam os indivíduos perigosos para a sociedade, deveria isolar os indivíduos perigosos para a raça. (DANTAS, Julio. *Boletim de eugenia*, junho de 1930, nº 18, p. 1/5).

No *Boletim* observa-se um cuidado com a linguagem. Havia, por vezes, a preocupação de se escrever como se estivesse falando com o leitor, trazendo as aflições das famílias, como no exemplo abaixo, vemos o comentário sobre o casamento entre tios e sobrinhas. Havia uma preocupação em tornar as ideias eugênicas que estavam nos textos científicos em algo compreensível para os leitores que não eram da área. Outra hipótese que podemos sugerir é que forneciam texto para que os médicos pudessem passar para os seus pacientes. Sendo assim, o texto sofria modificações e o jornal não publicava trabalhos completos e na íntegra.

Abrindo as portas da lei para os condenáveis casamentos entre tios e sobrinhos. Os efeitos da propaganda eugênica fizeram se também sentir no seio de muitas famílias que já se preocupam seriamente, com o perigo dos maus casamentos como se preocupam com outros motivos eugênicos de preservação da prole. (*Boletim de eugenia*, fevereiro de 1929, nº 2, p. 3).

²¹ *Boletim de eugenia*, abril de 1929, nº 4, p. 3-4

²² *Boletim de eugenia*, fevereiro de 1930 nº 14, p. 8

²³ *Boletim de eugenia*, Abril de 1930, nº10, p. 8

A circulação de ideias eugênicas não se dava apenas por notícias acadêmicas, científicas, mas também por pequenos contos, resumos de livros e piadas. Podemos interpretar que histórias com enredos sobre casamentos consanguíneos e filhos degenerados ilustravam o pavor de ter filhos disgênicos que circulava no imaginário social da época. O *Boletim de Eugenia* utilizava diversos recursos de linguagem para expandir a sua causa e tratava de assuntos que adentrava na sociedade, nos lares e nas vidas de cada indivíduo, tal como a seguir:

Não existiriam senão raríssimas crianças e raros adultos cegos, se os indivíduos de ambos os sexos tivessem o cuidado de se submeter a exame médico, antes do casamento, — sobretudo os homens. Há, infelizmente, muitos jovens inconscientes, vítimas da repugnante infecção gonococcica que, aparentemente curados, contraem casamento, transmitindo a doença á esposa, a qual, por sua vez, a transmite aos filhos, expondo-os ao risco de perderem a vista. Eis a razão de existirem no mundo tantos milhões de vítimas da cegueira! (Boletim de eugenia, maio de 1930, p.6, nº17)

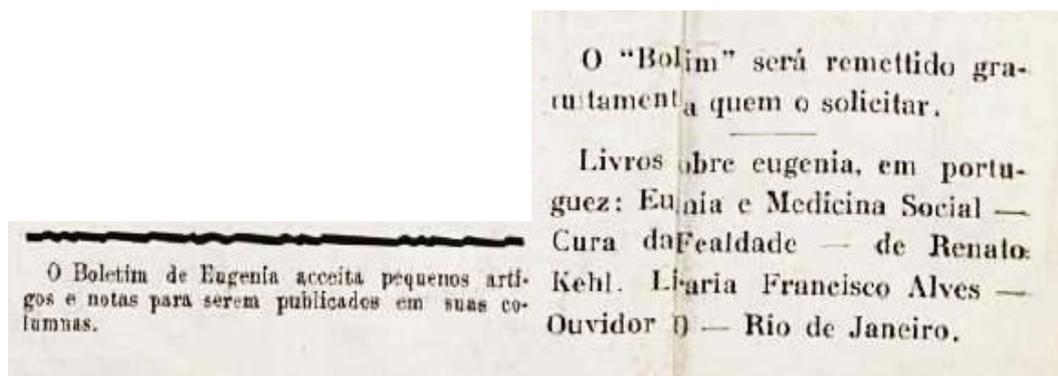
É notável que o *Boletim* lidava com a questão da hereditariedade de forma que buscava responsabilizar o governo por não impor leis que proibiam as uniões disgênicas e os indivíduos pela falta de compromisso com a eugenia, fazendo acreditar que coisas como deficiência visual era culpa dos casamentos realizados sem o exame pré-nupcial, assim como contos e livros, que eram editados no jornal, reforçavam esse pensamento. Já no jornal de temática livre vemos que o tema foi tratado a partir de cobrir eventos que ocorriam, assim noticiaram reuniões e votações sobre a proibição de casamento entre familiares e grandes figuras da medicina alertavam que os casamentos consanguíneos não representavam perigos genéticos.

Em suma, podemos refletir que a divisão de opinião sobre se o casamento era ou não significativo para a degeneração das pessoas nos sugere que haviam brechas no tema e que os leitores poderiam se alimentar dessas várias posições sobre eugenia e ter opiniões diversas e muitas interpretações sobre o tema.

2.5 Os livros eugênicos no *boletim* e no *A noite*

O jornal especializado em suas primeiras edições realizou chamadas para quem deseja-se receber o periódico de forma gratuita e assim como quem quisesse contribuir para as colunas o jornal aceitaria pequenas notas e artigos sobre questões eugênicas, como podemos averiguar abaixo

Figura 4: Informações sobre o *Boletim de eugenia*



Fonte: *Boletim de eugenia*, 1929, Volume 1, Número 1, p. 2

O *Boletim*²⁴ anuncia o livro do Renato Kehl, e podemos conferir que o leitor poderia solicitar a obra na livraria Francisco Alves ou ao jornal, sendo válido dizer que Kehl era o editor do jornal e teve seus livros anunciados no periódico, podemos presumir que possuía essa regalia de anunciar. Sendo possível conferir na imagem do anúncio a seguir:

Figura 5: Anuncio do livro *lições de eugenia*



Fonte: Rio de Janeiro, 1929, Volume I, Número 5, p. 4.

Apesar de Renato Kehl ser editor do jornal e anunciar seus livros desde a primeira edição, foi somente em setembro de 1929²⁵ que surgiu ao longo do jornal comentário sobre seu livro *Lições de eugenia*. Na verdade, foi um elogio feito pelo diretor do instituto de eugenia de Berlim, Prof. Eugen Fischer, o que nos mostra a aproximação do Kehl com eugenistas da Alemanha como podemos analisar abaixo:

²⁴ Edição 9 maio de 1929.

²⁵ Edição de 09 setembro de 1929.

A propósito de um livro

A propósito do aparecimento do livro “lições de eugenia” recebeu o seu autor o Dr. Renato Kehl a seguinte carta do grande cientista alemão Prof^o Eugen Fischer:

‘presadissimo colega.

Queira receber os meus mais sinceros agradecimentos pela amável remessa do seu belo livro ‘ lições de eugenia’. Absolutamente não há dúvida de que V.S acaba de prestar um grande serviço com este livro á Eugenia’ Justamente num país como o Brasil ele é extraordinariamente útil. Desejo que a sua campanha e que este seu belo compendio tenham merecido sucesso. Quanto posso julgar por uma rápida leitura, tratou V.S. com elevação e segurança a Eugenia. Com os mais elevados agradecimentos, o seu admirador.

Prof. E. Fischer – Diretor de Kaiser Wllheim Institut fuer Antropologic Eugenik (Berlim) (Boletim de eugenia, maio de 1929, nº 9, p. 2).

Desde o início do *boletim* havia a coluna “Livros Novos” dedicado a anunciar obras, porém não há uma frequência regular. Apesar disso, podemos dizer que era constante o anúncio de livros junto a um pequeno comentário sobre os temas centrais tratados, sendo válido dizer que as obras divulgadas eram de conteúdo eugênico. Sendo assim, podemos destacar a edição de abril de 1929, onde consta a primeira relação de livros enviados ao jornal que seguiam os seguintes títulos *Estudos Euclidianos*²⁶ do pseudônimo Paulo Terêncio, *A luta contra o alcoolismo* pelo autor Dr. Jadir Mayer e *Ueber die Gasehelechsrelation de Krankhelein*²⁷ pelo Dr. Heinz Wendt, todos os livros eram relacionados a temática eugênica.

Nessa perspectiva de anunciar obras para que o público pudesse ler sobre eugenia podemos apontar que o jornal anunciou a obra *Como e onde estudar eugenia?*²⁸ que indicava livros sobre onde podíamos obter conteúdo eugênico. Sendo frequente que o jornal especializado publicasse sugestões de obras para compreender melhores assuntos de eugenia. O *Boletim* constantemente se baseava em livros para realizar suas edições e indicava para os leitores, ou pedia até mesmo sugestões de leituras.

A relação do jornal especializado com os livros eugênicos tornou-se tão madura ao longo das edições que podemos apontar que em junho de 1930²⁹, as 2 últimas páginas do *boletim* tornaram-se exclusivas para anúncios de livros e revistas que estariam à venda na redação da Revista *Medicamenta*, que anexava o *boletim* como separata. As páginas

²⁶ *Boletim de eugenia*, abril de 1929, nº4, p.4

²⁷ Tradução: Sobre a relação de casamento de Krankhelein

²⁸ *Boletim de eugenia*, julho de 1931, nº 31, p. 4.

²⁹ *Boletim de eugenia*, junho de 1930, nº 18, p.7-8.

ganham uma melhor formatação na edição 20³⁰, pois sob o título *Escritório de informações e encomendas e Sessão encomenda e favores pessoais*, deixa claro ao público que os anúncios do jornal eram gratuitos para os assinantes, anunciantes e leitores da área médica, especificando médicos, farmacêuticos e estudantes. Não cobrando nada aos assinantes, a não ser as despesas do correio e toda carta que desejasse resposta deveria conter dois selos de 300 réis. Deixando claro que em casos de encomendas seria cobrado um valor de adiantamento e caso o leitor tivesse dúvida sobre o valor de qualquer serviço era só entrar em contato com a redação para consultar o preço da encomenda, a fim de evitar mal-entendidos entre as partes. Como podemos averiguar na imagem abaixo:

Figura 6: Encomendas e informações no *Boletim de eugenia*

ESCRITORIO
DE
Informações e Encomendas
DA «**MEDICAMENTA**»

TODA CORRESPONDENCIA, remessa de valores, etc., deverão ser endereçadas, uniformemente, para esta secção, Caixa Postal 2525 — Rio de Janeiro

TELEGRAMMAS E PESSOALMENTE: Rua Frei Caneca, 26-1.º andar — RIO — Telephone 2—4596

SERVIÇO INTEIRAMENTE GRATUITO PARA USO DE NOSSOS AMIGOS ASSIGNANTES, ANNUNCIANTES E LEITORES MEDICOS, PHARMACEUTICOS E ESTUDANTES

SECCÃO DE ENCOMMENDAS E FAVORES PESSOAES

| | |
|---|--|
| <p style="font-size: small;">NENHUMA COMISSÃO OU AGENCIA SERA COBRADA AOS NOSSOS ASSIGNANTES, A NÃO SER AS DESPESAS DO CORREIO OU FRETE. TODA CARTA QUE EXIGIR RESPOSTA, DEVERA TRAZER DOIS SELLOS DE 300 REIS.</p> | <p style="font-size: small;">SERÁ CONDICÃO INDISPENSÁVEL PARA SE ATENDER QUALQUER PEDIDO, O RECEBIMENTO, ADIANTADAMENTE DA IMPORTANCIA DA ENCOMMENDA E MAIS 18000, NO MINIMO, PARA PORTE E REGISTRO. SEM EXCEPCÃO.</p> |
|---|--|

SEMPRE QUE O PREÇO DE CUSTO DA ENCOMMENDA NÃO CONSTAR DOS NOSSOS ANNUNCIOS E DAS LISTAS DE PREÇOS QUE SAEM PUBLICADAS NESTA SECCÃO, O INTERESSADO, ANTES DA REMESSA DA IMPORTANCIA, NOS FARA O FAVOR DE CONSULTAR SOBRE O CUSTO REAL DA ENCOMMENDA. ASSIM SE EVITARÃO RECLAMAÇÕES E MAL-EXTENDIDOS, DE PARTE A PARTE.

Fonte: Rio de Janeiro, 1929, Ano II, nº 20, p.7-8.

Ainda na sessão de encomendas, a seleção dos livros anunciados no *Boletim* é explicada da seguinte forma: para abastecer a demanda dos leitores e assinantes, o jornal tinha acesso à lista de obras de medicina, farmácia e química que estavam disponíveis em todas as livrarias do Rio de Janeiro e poderiam ser adquiridos através do escritório de informações da “medicamenta”. Ainda se alguém desejasse livros nacionais ou

³⁰ De agosto de 1930.

estrangeiros deveria entrar em contato com a redação para consultar o valor e incluir 300 réis e dois selos para obter as respostas da consulta.

Figura 7: Anúncios de livros no *Boletim de eugenia*

LIVROS

Afim de melhor atendermos aos desejos e pedidos de nossos assignantes e leitores, obtivemos de todas livrarias desta Capital a relação das obras de medicina, pharmacia e química, edições nacionaes, com que vamos completando a nossa LISTA DE LIVROS QUE PODEM SER ADQUIRIDOS POR INTERMEDIO DO ESCRIPTORIO DE INFORMAÇÕES DA "MEDICAMENTA".

Além das obras constantes nas listas publicadas, qualquer livro, nacional ou estrangeiro sobre Medicina, Pharmacia ou Química, poderá ser obtido por este SERVIÇO, sendo, entretanto, exigido nestes casos que, antes de fazer encomenda e de remetter a importancia, se consulte a esta Redacção SI EXISTE O LIVRO no Rio e qual o PREÇO ACTUAL nas Livrarias. (Incluir \$600 réis, dois selos; para a resposta de taes consultas).

Condição indispensavel: Recebimento, adeantadamente, da importancia da encomenda e mais 1\$000 para registro e despesas. Sem excepção. Remetter o valor de preferencia pelo Correio, em vale postal ou registrado. Só assim serão attendidos os pedidos.

| | |
|--|--|
| <p>Manual de Dermatologia — Prof. Max Joseph O Medico como educador, Prof. Ad. Caerny, trad. dos Drs. Martinho da Rocha Jr. e J. Martinho da Rocha — 1927 25\$000</p> <p>Cartas ás Mães, pelo Prof. W. Stekel, trad. do Dr. Martinho da Rocha Jr. — 1930 12\$000</p> <p>Breviario das Mães e das Enfermeiras, pelos Profs. W. Birk e W. Meyer, trad. pelos Drs. Jorge Sant'Anna, Martinho da Rocha Jr e J. Martinho da Rocha — 1930 6\$000</p> <p>Propedeutica Infantil, Prof. H. Bruning, trad. do Dr. Martinho da Rocha Jr. e J. Martinho da Rocha — 1926 16\$000</p> <p>Higiene para todos, Prof. Barbosa Vianna, br. 5\$000</p> <p>Molestias dos Lactentes, Dr. Leoncio Quelroz enc. 40\$000</p> <p>Medicina Legal dos Accidentes do Trabalho, Drs. Afranio Peixoto, Flaminio Favero e Leonidio Ribeiro, 1 vol. br. 10\$000, enc. 12\$000</p> <p>Cartilha das Mães, pelo Dr. Martinho da Rocha Jr. — 1930 6\$000</p> <p>Auto-Osteoplastica, Dr. Jorge Gouvea, br. 5\$000</p> | <p>A apparecer Luz Ultra Violeta, pelo Prof. H. Bach, trad. pelos Drs. Martinho da Rocha Jr., Hugo Fortes e Og. de Almeida e Silva</p> <p>Preceitos e Conceitos, Dr. Antonio Austregesilo, br. 5\$000</p> <p>Regimens e Doenças, Dr. Barbosa (Adamaster) br. 10\$000, enc. 12\$000</p> <p>A Pharmacia, sua origem e evolução, J. Coriolano de Carvalho 10\$000</p> <p>Clinica Therapeutica Infantil, Dr. Cincinato Simões Correa, enc. 15\$000</p> <p>Guia das Perturbações Morbidas dos Lactentes, trad. do Dr. Martinho da Rocha Jr., 3ª edição — 1928 30\$000</p> <p>Doenças funcçionaes do estomago, Dr. Renato Souza Lopes, br. 7\$000, enc. 10\$000</p> <p>Colloidotherapy, Phco. Paulo Seabra, br. 6\$000</p> <p>Propedeutica Obstetrica, Dr. Arnaldo de Moraes, br. 25\$000, enc. 30\$000</p> <p>Elementos de Psycho-pathologia Forense, enc. . . 15\$000</p> <p>1ª vol. 1927, br. 15\$000, enc. 22\$000</p> |
|--|--|

TODOS ESTES LIVROS ESTÃO A' VENDA NA REDACÇÃO DA "MEDICAMENTA"

Fonte: Rio de Janeiro, 1929, Ano II, nº 20, p.7-8.

Compondo ainda a página de propaganda notaremos o anúncio dos *Anaes Brasileiros de Medicina, o livro do chefe de família*, por Renato Kehl e outras obras anunciadas, somente o título com o valor ao lado. Podemos interpretar que o tratamento, o destaque era dado de forma diferente, os anunciantes que quisessem mais espaço pagariam valores diferentes.

Romance dos tempos futuros, com a visão de um mundo rico e feliz graças a vitória final das grandes ideias da eficiência e da eugenia. Um notável crítico francês, Jean Duriau diz dele: “Il m’a amusé et interesse prodigieusement. C’est du Wells brésillien et c’est bien plus vivant que cet anglais”. Em todas as livrarias e na comp. Editora nacional, rua dos gusmões n. 33, S. Paulo (A noite, 17 de janeiro de 1927, nº 5445, p. 3).³¹

Ainda sobre o livro *Choque das Raças*, no mês seguinte o *A noite* publicou uma resenha simples comentando o livro de Lobato na coluna Mundana que geralmente abordava os casamentos que iriam acontecer, aniversários, nascimentos e notas de falecimento e era comum não ser assinada. Entretanto, a edição em que o livro de Monteiro é abordado há uma assinatura, porém devido a qualidade da imagem não conseguimos ler. Apesar disso, a resenha segue legível onde podemos observar os elogios feitos ao autor:

Monteiro Lobato não permite as forças misteriosas que nivelam as criaturas, o limitar sua aspiração infinita de artista, o descer sua arte ao serviço de paixões, o abrir seu espírito ao domínio do mais forte. [...] Esses apanágios de sua personalidade, seus livros nos revelam fascinantemente: nenhum, porém, com mais originalidade do que esse dinâmico ousada ‘O choque das Raças’, que estuda os dois poderes de triunfo, ora representado os esteios do progresso civilização norte americano: eficiência e eugenia. Os problemas do amanhã nos Estados Unidos, observado não como pátria isolada, mas como expressão máxima do mundo civilizado, exemplo e guia dos demais nações de evolução perigosa, porque responsável pelo harmonioso envolver em perfeição da humanidade futura, são apresentados com brilho atrevido. O livro está cheio de ideias novas e novas expressões fremindo em tragédias simples e implacáveis como a vida em si, nele os possíveis é tratado com tão inteligente entusiasmo que se torna o provável. Mais do que nunca se firma Monteiro Lobato, com esse trabalho, o maior escritor vivo do Brasil. (A noite, 22 de fevereiro de 1927, nº 05480, p. 6).

É necessário dizer que a obra *O choque de raças* atualmente mais conhecida pelo título *O presidente negro*, trata-se de um romance e de ficção científica. O enredo é baseado num Estados Unidos no futuro, após terem aplicados algumas ideias eugênicas para solucionarem os problemas raciais do país. No geral, o livro aborda o fim do homem negro como algo benéfico para a sociedade do futuro e no decorrer do conto vai embutindo as ideias sobre superioridade racial, degeneração e eugenia, substituído a raça branca na Europa.

Vale acrescentar que Monteiro Lobato é um autor que a historiografia vem destacado como íntimo das ideias eugênicas, tal como Paula Habib (2007) ao analisar cartas trocada por Renato Kehl e Monteiro Lobato por ocasião do lançamento de *O*

³¹ Ele me divertiu e me interessou tremendamente. Este é o Poço Brasileiro e é muito mais vivo do que este Inglês.

choque de raças, na qual o escritor se coloca a ajudar no que chama de “guerra pró eugenia”. Para a autora, a Literatura de Monteiro contribuiu para que a eugenia no Brasil fosse divulgada e conhecida do grande público.

Paula Habib (2007) nos mostra com Jeca, um dos personagens mais conhecidos do escritor, quando teve início no Brasil a campanha eugênica. A autora ainda acrescenta que inspirado pelo movimento, Lobato publicou pelo jornal o estado de São Paulo, as *Crônicas do saneamento* que apresentavam para o leitor o interior brasileiro doente. A preguiça do Jeca Tatu era um problema puramente racial. A melhor saída era sanear os Jecas Tatus, tarefa que deveria ser empreendida pelo Estados Brasileiros.

Assim como é apontado por Arlindo Junior, Renato Westphal e Roberta Meira (2020, p.71) sobre as *Crônicas do saneamento*, os autores consideram que os artigos eram compostos de concepções deterministas e pessimistas sobre o futuro do país, porém apesar de relacionados à mentalidade cientificista, não há menções diretas ao pensamento eugenista, diferente de *O presidente negro* onde as ideias eugênicas são evidenciadas pelo autor.

No *A noite*, Renato Kehl se fez presente várias vezes com os seus livros. Com apresentação da obra *Como escolher um bom marido* podemos salientar alguns comentários feitos, tal como a importância do autor dentro e fora do Brasil, por tratar-se da questão sobre o casamento a partir do ponto de vista galtoniano. O texto afirmava que o livro tinha uma linguagem fácil e voltada para leitoras, ou seja, o livro era direcionado a alcançar o público feminino, se livrarem do mal cupido. Ainda devemos pontuar que outros livros e autores diferentes foram apresentados juntos destacando o autor, ou a editora, a qual pertencia as obras, porém não sabemos o responsável por essa coluna específica.

Como escolher um bom marido – Dr. Renato – livraria Alves, rio 1923

Como escolher um bom marido, Dr. Renato Kehl (livraria Alves, Rio, 1923). – Em pequeno e elegante volume, acaba de aparecer nos mostruários das livrarias um novo trabalho do Dr. Renato Kehl, sugestivamente intitulado “como escolher um bom marido”. O autor bastante concebido no país e no estrangeiro, através de inúmeras obras medico sociais e de eugenia, estuda, no referido trabalho, a importante questão do casamento, encarado sob o ponto de vistagaltoniano.

Em linguagem leve, repassada, às vezes, de fina ironia. Como na parte onde se refere ao almofadinha, verdadeira praga nacional que ultimamente nos vem flagelando em crescente assustador – torna-se o livro do Dr. Kehl de agradável e proveitosa leitura. Digno, portanto, de entrar em todos os lares e ser lido e meditado pelas nossas jovens patricias que asseiam por um casamento feliz. Lê de, pois, leitoras amigas, porque assim talvez podereis livrar-vos das perfídias de algum mal cupido. (A noite, 2 de julho 1923, nº 4162, p.6).

Vale ressaltar que todos os livros de Kehl foram publicados pela livraria Francisco Alves. No ano de 1923 ainda temos um segundo livro sendo divulgado no jornal, porém ganha espaço maior, além disso o autor tem seu rosto divulgado na reportagem.

O dr. Renato Kehl, que se tem particularizado entre nós por curiosos e brilhantes trabalhos de eugenia social, acaba de publicar um livro em que a mais atraente especialidade do assunto e aquela de maior sugestão ao espirito público por isso que fascina as inteligências de todas as esferas, é larga e ilustradamente explanada e de jeito que **tornará seu livro dentro de poucos dias de presença forçada nas estantes de todos os médicos de todos os bacharéis e de quantos sentirem inclinação pelas artes.** E que o livro do Dr. Renato Kehl é um tempo um trabalho de eugenia medicina social e de estética. O título dispensa a fundamentação deste juízo porquanto é o seguinte ‘A cura da fealdade’ certo ninguém se acha tão feio que se queira melhorar, mas todo o mundo se interessa pela matéria, para verificar como se hão de corrigir os senões alheios. Sob este ponto de vista bem se pode dizer ainda que o volumoso trabalho do estudioso autor, editado por Monteiro Lobato & C. é também um livro de damas, que não há uma só que não tenha necessidade de le-lo. Menos por corrigir nada de sua beleza que por justificar cientificamente seus mais primorosos realces. Três longas partes dividem a “cura da fealdade” que é um trabalho de bases científicas, ou culpando-se a primeira, a mais brilhante sem dúvida, do homem e da mulher normais e do beijo na forma humana. Figurando nesta parte capítulos de muita curiosidade sobre o ambiente brasileiro. A segunda parte trata da fealdade como coisa evitável fixando regras de higiene física moral e intelectual e a todos enriquecendo de desenvolvida documentação. Finalmente a última parte versa sobre a cura da fealdade, apontando indicações terapêuticas e estudando as deformidades mais comuns.

Creemos que não é preciso dizer mais nada para focalizar o curioso livro do Dr. Renato Kehl e sua vibrante importância medica, social e literária. (A noite, 19 de novembro de 1923, nº 04302, p. 6, grifo nosso).

Nessa passagem já percebemos que houve uma apresentação do médico, a classificação de que estudava uma eugenia social e a partir das próprias informações dadas no jornal, como foi supracitado e destacado acima, podemos dizer que anunciavam como uma obra atrativa para “os médicos, bacharéis e de quantos sentirem inclinação pelo assunto” (nº 4302, p. 6). E, além disso, ressalta que o livro foi editado por Monteiro Lobato, um autor renomado ainda hoje e também na época.

A partir da própria descrição do jornal iremos abordar a divisão em três capítulos destacando sempre que o livro possui bases científicas para trabalhar a fealdade que podemos traduzir como indigno ou algo feio. No primeiro se expressa sobre o ambiente brasileiro, já o segundo trata da fealdade como algo evitável, fixando regras de higiene física, moral e intelectual e, por fim, aborda a cura da fealdade apontando métodos para atingir essa cura. No ano de 1926, Kehl ainda recebe um bom destaque no jornal ao divulgarem o livro *Bíblia da saúde* com um enorme comentário na coluna livros novos, uma análise feita por um pseudônimo chamado Tip. T.A.B. Vale dizer que no mesmo espaço foi apresentado outro livro, esse comentado por José Rangel, sobre a obra

Elementos para a educação moral e cívica e social. Sendo assim, aqui notamos que cada obra foi apresentada por pessoas diferentes.

Livros novos

Renato Kehl – ‘bíblia da saúde’ tip. T.A.B

Em um volume de perto de quinhentas páginas in. 4º o Dr, Renato Kehl, distinto medico e higienista acaba de reunir vários ensinamentos de medicina social e privada com utilíssimos conselhos e regras de higiene geral, demonstrações praticas do processos sanitários e deveres imprescindíveis para os que desejam uma longa existência ou saúde mais ou menos perfeita. Como mesmo define o autor, os seus capítulos são verdadeiras pílulas de saúde. Lendo-os assimilando-os, desde que se os siga devida forma os leitores serão por certo, isentos de males incuráveis, candidatos aos cem anos. Inicia a metódica divulgação das máximas da bíblia, a parte designada por ‘arte de conservar a saúde’ no qual cita a história grega referente a higia coberta por um veu no templo de esculario e sobre a qual Lacassagne assim se expressou: “ Se não pudemos expor a luz do dia o belo corpo da deusa esforçamo-nos, no entanto, para encerrar um canto do veú afim de desvendar alguns mistérios por ele encobertos. Os grandes problemas de profilaxia social, a eugenia, a tuberculose, a sífilis e o matrimonio, são abordados pelo Dr. Kehl em grande conhecimento de causa e explicados com clareza para serem compreendidos pelo menos versados em tais assuntos. [...] Dentro da parte ‘casamentos condenáveis’ existe um verdadeiro tesouro que muito deveria ser procurado pelos que desejam ou estão em vias de contrair núpcias. [...] Outra parte de grande utilidade é a que se denomina ‘ o que as mães devem saber’ e na qual se explicam as causas por que morrem as crianças, as qualidades do leite materno e as diferentes alimentações das crianças desde as lactantes as da segunda infância. Enfim a bíblia da saúde por ser um manancial precioso das regras caseiras, preceitos higiênicos, de eugenia de medicina geral e social, é um livro indispensável aos lares onde prestará os melhores serviços não só como preventivo das doenças, mas ainda como um tesouro de ensinamentos necessários as mães de família. (A noite, 20 de julho de 1926, nº 05276, p. 8).

Hoje compreendemos que é um livro importante para entender o pensamento de Kehl sobre eugenia, segundo o historiador Vanderlei Souza (2006) a data de publicação da obra é similar com a fase que Renato Kehl estava adotando um discurso da eugenia negativa.

Em 1930, temos apenas um comunicado de que na revista *Arquivo Brasileiros de Higiene Mental* ocorreria algumas publicações, entre elas a resenha do livro lições de eugenia, escrito por Renato Kehl. Nota-se que passou a ser resenhado na revista direcionada aos médicos e deixou de ser resenhado no *A noite*, porém ainda ocupou espaço nas páginas do jornal.

Publicações

‘Arquivos brasileiros de higiene mental’ acaba de aparecer o número 4 desta revista científica trazendo o seguinte sumario: Ernani Lopes – “ As psicoses infantis sob o aspecto medico social”. Nicolau Cortat Frossard – “ Os tests de Binet em nossos escolares”. “ Trabalhos de anti-alcoolismo” (a educação anti-alcolica pelo exemplo nas escolas). Seção de informações bibliográficas

(bibliografia psicanalítica) ‘Resenhas e análises’ – A. gesell “ A organização das clínicas psicológicas infantis e da vigilância, no período evolutivo e da vigilância, no período evolutivo” R. Allendy - “ A psicologia inconsciente e as aptidões profissionais” G. Muggia - “ Os dispensários de higiene mental, por E. Lopes; Renato Kehl – “Lições de eugenia”, por M. Caldas. Noticiário – Atas e trabalhos da liga (reuniões da seção de assistência social e dispensários e da seção de medicina legal e delinquência). (A noite, 1923, edição 06618)

Vale pontuar que Renato Kehl publicou todos os seus livros de eugenia pela livraria Francisco Alves, onde podemos dizer que os títulos principais foram *Eugenia e Medicina Social* (1920); *Melhoremos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem* (1923); *A cura da fealdade de 1923*; *Como escolher um bom marido* (1924); *Como escolher uma boa esposa* (1924); *Bíblia da saúde* (1926); *Fórmula de beleza* (1927); *Lições de eugenia* (1929); *Sexo e civilização* (1933); *Por que sou eugenistas? 30 anos de campanha eugênica* (1937); *Pais, médicos e mestres: problemas de educação e hereditariedade* (1939) e *Psicologia e personalidade* (1959).

Diante da relação dos livros publicados percebemos que parte das obras de Kehl foram mencionadas pelo *A noite*. E outro ponto que vale a nossa atenção é a livraria Francisco Alves, pois compõe uma parte importante da história do editorial no Brasil. Sendo uma editora de destaque, desde o século XIX, tem e sua trajetória associada com o mercado de livros para ensino, buscava educar os seus leitores sobre algumas ideias. Dessa forma, podemos identificar que a editora buscava associar aos livros didáticos a produção de Kehl, que era um autor com a missão de propagar os conhecimentos eugênicos pelo Brasil.

Aníbal Bragança (2004) e Marcia Razzini (2004) indicam que a implantação da República no Brasil gerou um período com grandes modificações influenciando o mercado editorial. A ampliação da rede escolar pública, a urbanização, o progresso econômico tornou a leitura mais democrática. Esses foram os principais pontos para a profissionalização da escrita e da leitura, o que, para os autores, possibilitou que a Livraria Francisco Alves se tornasse uma editora voltada para a educação e fez com que seu editor lançasse as bases modernas da edição escolar no Brasil. Esse não foi um movimento exclusivo do Brasil, pois Marcia Razzini (2004) aponta que o crescimento do consumo de livros didáticos representa um marco no acesso a educação ligado a consolidação dos sistemas nacionais de educação pública em curso na Europa e na América, no final do século XIX.

Apesar de elementos que evidenciam uma ascensão dos leitores isso não significa

que toda população compartilhava da cultura de letras. Os dados fornecidos por Carlos Henrique Carvalho e Ana Emilia Ferreira (2014, p. 3) ao analisar as estatísticas do analfabetismo do Brasil, indicam que “82,3% analfabetismo punha o Brasil em posição desconfortável nos fins do século XIX. Mais que isso, fundamenta qualquer esforço em prol da escolarização para sanar o problema”. Sendo importante apontar que para Aníbal Bragança (2004) apesar de iniciativas que buscavam reduzir o número de analfabetos, ainda assim o número alto significava uma grande limitação que tornava o mercado editorial frágil no Brasil.

Segundo Carlos Henrique Carvalho e Ana Emilia Ferreira (2014) os censos desses períodos são questionados, devido as dificuldades em realizá-los, porém para os autores ainda sim é um documento elaborado por instituições oficiais e que devemos tomar como parâmetros para compreendermos sobre a alfabetização, para isso os autores elaboraram o seguinte gráfico sobre o período estudado.

Figura 10: Tabela de analfabetismo

**Analfabetismo entre pessoas de
5 anos de idade (1872–1920)**

| ANO | % |
|-------------|-------------|
| 1872 | 82,3 |
| 1890 | 82,6 |
| 1900 | 69,4 |
| 1920 | 71,2 |

Fonte: CARVALHO; FERREIRA, 2014, p. 5

Conforme o censo, o analfabetismo possuía uma taxa constante entre 1872 e 1890 e nos censos seguintes percebe-se uma mudança significativa dos números que se afastam, em 1900 diminui consideravelmente e em 1920, aumenta. Esses valores indagam os pesquisadores sobre o que houve na época para os dados sofrerem tal alteração, há algumas explicações que apontam que o censo de 1900 negligenciou muitas localidades e a forma de contar não contemplou a realidade.

Apesar disso, percebemos que os dados não fogem do contexto analisados, notamos que o nível de analfabetismo era alto e corroborando com outras fontes do passado que evidenciam que tal problema era de conhecimento dos políticos. Houve durante a república uma busca de reverter o cenário e logo notamos que o índice de analfabetismo reduz. Apesar do erro no censo de 1900, é notável que houveram iniciativas

que buscaram solucionar e, provavelmente, o índice de analfabetismo cai devido essa mudança social, o que vai de encontro com a eugenia como ciência que buscaria melhorar a humanidade se fundiria ao propósito de auxiliar essa evolução da população. Por isso, notamos a presença dos eugenistas nas políticas públicas, na elaboração de livros escolares eugênicos e sua associação a editoras em crescimento que se aliavam ao governo para promover campanhas educativas.

O editor no Brasil encontrava-se numa situação difícil. Aníbal Bragança (2004) afirma que muitos editores eram movidos por dois objetivos que são, ao mesmo tempo, econômico ou cultural. Muitos se sentem com responsabilidade políticas diante de sua sociedade. O cenário no brasileiro era carente e buscavam melhorias na educação e saúde. Ao mesmo tempo eles precisavam vender, por isso tinham que ter aptidão empresarial para mobilizar recursos, além de organizar o livro, vender e ter boas relações para ganhar espaços nas páginas de jornais, por exemplo. Tinham que ter um conhecimento de mercado de bens culturais para criar e estabelecer uma política editorial.

A editora publicou diversas obras que caminhavam junto com as pautas de melhoria e progresso social do Brasil. Além dos livros clássicos que abordam eugenia, tal como os de Monteiro Lobato ou do Renato Kehl, haviam mais pessoas escrevendo obras eugênicas. Em 1923 a Livraria Francisco Alves lançou uma tabela com suas obras publicadas e os valores que deveriam ser vendidas. Consta aí o livro *Melhoremos a nossa raça*.

Figura 11: Anuncio de livros

A NOITE — Segunda-feira, 9 de Abril de 1923

“A Conversação Inglesa”

POR CHARLES W. ARMSTRONG (FUNDADOR DO GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO)
(QUINTA EDIÇÃO — AUGMENTADA E MELHORADA)

Com este livrinho poderá qualquer pessoa chegar, com o mínimo esforço e em pouco tempo, a FALAR correntemente o inglês, sem mestre. Preço 3\$000.

Outros livros do mesmo autor:

| | |
|--|--------|
| “CONTOS PARA MEUS DISCIPULOS” (Historias com gravuras), preço..... | 3\$500 |
| “MAIS CONTOS PARA MEUS DISCIPULOS” (Historias com gravuras), preço | 2\$500 |
| “LIÇÕES DE MORAL” (Narrativa com instrução), preço..... | 4\$500 |
| “ESBOÇO DE HISTORIA UNIVERSAL”, preço | 3\$500 |
| “ESBOÇO DO CURSO DE LOGICA”, preço | 3\$500 |
| “MELHOREMOS A NOSSA RAÇA” (Elementos de Eugenia), preço..... | 2\$000 |

A. venda na LIVRARIA FRANCISCO ALVES — Rio de Janeiro e S. Paulo.

Fonte: A noite, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1923, nº 4079, p. 4.

A partir dos estudos de Vanderlei Souza (2015) sabemos que Charles W. Arminstrong era um eugenista inglês, que residiu no Brasil por alguns anos, e publicou um opúsculo de 30 páginas intitulado *Melhoremos a nossa raça*. Nesta obra procurava apresentar um resumo sobre a ciência eugênica e um apelo para a sua imediata aplicação no Brasil. Associando a eugenia aos estudos de Charles Darwin sobre a seleção natural e as ideias de Gregor Mendel sobre a hereditariedade, Arminstrong compreendia que a eugenia deveria estender a seleção natural também à “seleção do homem”, com o intuito de cuidar da regeneração e do progresso social. Para esse eugenista, a função da eugenia seria, portanto, apressar a lenta seleção natural.

Outra obra que ganhou destaque no *A noite* foi mencionado em 1925 por uma editora diferente que é a Braz Lauria e o autor J.J. Vieira Filho. Na divulgação vemos fortes elogio ao autor onde destaca que é médico. Enfatiza-se que seu “precioso livro científico”(1925, nº 04876, p. 8), *Amor e casamento*, trata do casamento como uma instituição importante para o progresso da nação. Menciona o divórcio como algo legítimo, pois a união deveria durar até onde fosse a vontade do casal. A vergonha seria maior ao se preservar uma união sem interesse e o divórcio seria a solução natural para resolver uma experiência mal resolvida. Para o autor, para termos uma nação bem resolvida é necessário remodelar a política e o bio social. A divulgação do livro concluía, afirmando que somente uma eugenia nacional seria capaz de fazer.

Livros Novos

‘Amor e casamento’ do Dr. J. J Vieira Filho. Edição Bras Lauria O Dr. J. J Vieira Filho, médico clinico nesta capital, diplomado pela faculdade de medicina da Universidade do Porto, **vem a publicar um precioso livro científico, Amor e casamento, escrito em linguagem clara e fluente**, o livro se inicia com uma rápida síntese sobre a evolução dos seres e a gênese do amor para estudar em seguida a constituição da família através das idades, outros assuntos ainda são abordados pelo autor tais como a intervenção do medico em a solução dos problemas que interessam a grandeza e a felicidade humana. A educação sexual, da situação dos filhos bastardos e da mulher solteira-mãe. Referindo-se ao divorcio o Dr. Vieira Filho exprime-se deste modo: “ ainda que o ideal do matrimonio seja a indissolubidade, a razão esclarecida pela historia natural e social do casamento reconhece que a união deve durar enquanto durar a vontade dos interessados, pois é absurdo preservar o amor obrigatório e vexatório conceber o dever conjugal sem o desejo que o justifique. Só a ignorância, o desprezo, a prevenção e o preconceito defendem ainda hoje a indissolubidade do casamento e resistem a instituição do “divorcio” a solução natural para corrigir o erro duma experiência mal sucedida, salvo os direitos dos filhos e até os dos próprios desvalidos” Cumpre notar que o conhecido clinico prefacia o seu livro com as seguintes palavras: “ A matéria deste livro que trata da origem da própria vida para a tornar melhor e mais perfeita sugestiva de tantas questões concernentes a economia nacional, precisa de extremos defensores que não o autor, pela mingua de qualidades

combativas. Para ela chamamos a atenção da nossa promissora mocidade. Faz-se mister não uma remodelação política, mas uma renovação bio-social que transforme o íntimo de cada cidadão brasileiro, o que só uma eugenia nacional, física e moral bem orientada é capaz de produzir. O livro do Dr. Vieira Filho é digno de ser lido. (*A noite*, 20 de junho de 1925, nº 04876, p. 8, grifo nosso).

Dessa forma, podemos analisar que a eugenia se fez presente na nossa sociedade, nos jornais e através de obras que não eram restritas a um autor só. Diversos intelectuais reconheciam a importância da eugenia para a humanidade. O conteúdo das obras eram reflexos da pesquisa que ocorria entre os eugenistas, mas a linguagem científica era traduzida tanto nos jornais como nos livros para ser direcionado ao grande público. E, sobretudo, o lançamento de obras eugênicas estava interligadas ao cenário social brasileiro, ou melhor, demandas sociais do século XX que eram refletidas tanto no jornal de temática livre como no especializado.

2.6 Ensinando a “eugenia” no *A noite* e no *Boletim*

Dentre as preocupações eugênicas como o casamento, ciência e educação, ao analisar os periódicos podemos comparar uma questão em comum entre os jornais que era a preocupação em fazer com que os leitores soubessem distinguir quando se falava do nome feminino Eugenia e diferenciar da ciência eugênica e seus conhecimentos, que eram colocados como relevantes para a nação. Devido a isso, intelectuais brasileiros começam a produzir textos explicando o que era a ciência eugênica.

Tal como o escritor, político e professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, Coelho Neto, que chama a atenção por explicar como se pronuncia a palavra eugenia “a bela e harmoniosa e pronuncia-se” (*A noite*, 10 de junho de 1924, nº 4504, p. 1):

EUGENÍA!
Eugenia! Eugenia!

A palavra é bela e soa harmoniosa como estribilho de um hino heroico. Pronunciam-na os homens com a mesma alvoroçada confiança com que Ali babá, senhor do segredo da caverna, bradou diante da porta saxea a senha maravilhosa. Melhor, porém, do que os tesouros desvalorizados que se acumulavam na estância dos ladrões é a riqueza que aos homens proporciona o prestígio da palavra Eugenia. Em verdade que valem pilhas de moedas, gemas, baixelas, alfaias, armas e tapeçarias, ainda as mais ricas, comparadas aos dons divinos da saúde, da força, da beleza e da alegria? Pois estes são os dons que oferece a quem a invoca a palavra mágica – eugenia. Onde foram os homens busca-la? Na Hellade. De quem a ouviram? Da gente prestimosa e altiva de Lycurgo. E para que pudessem tirar proveito do encantamento

refazendo as forças perdidas readquirindo a beleza e a alegria, hoje tão raras levantaram ginásios construíram piscinas, gramaram campos, balizaram arenas e, contrataram profissionais de atlética, pretenderam renovar os dias áureos, como se chamassem ao céu, no plaustros luminosos, o mesmo sol que iluminou Olympia e as demais cidades onde eram celebrados com as representações de todos os povos gregos, os quatro grandes agons, ou jogos sagrados. Agora mesmo, em Paris, reproduzem—se festivamente os espetáculos enérgicos, outrora decantados por Píndaro. E a volta ao antigo, o homem refaz-se no passado como Anteu adquiria forças novas se tocava no solo de onde sabira, filho da terra, que era. [...] Nós, que nos pretendemos inscrever no rol das nações que apuram o tipo humano, esquecendo as lições primárias do pareedro espartano, entendemos que só nos devemos preocupar com a “espécie” depois que ela chega ao seu desenvolvimento pleno sem nos lembrarmos de que o homem, sendo argila deve ser afeiçoado enquanto tenro. A criança, matéria prima é entre nós o que vemos: refúgio social, rebotalho das ruas. Os infantes, em Esparta, eram pupilos do Estado – criavam-se sob as vistas do educador e do irene, submetidos a higiene física e moral, robustecendo-se com alimentação e com exemplos e lições de moral a amar a pátria e a cumprir com heroísmo inquebrantável os deveres que tal amor lhes impunha. E como vive a criança entre nós, o pequeno filho do povo? Vive em sordiele, quase famintos, rota, descuidado, correndo as ruas em vagabundagem, apandilhada com a escumalha, com a qual se norteia ao civio e do vício, que é resvaladio, se precipita no crime [...] E é tratando assim as crianças que esperamos formar um povo sadio e ativo trabalhador e honesto, amoroso da pátria e que por ela corra a dar o sangue como fazia a mocidade espartana educada na escola de lycurgo. Pois sim! Não basta bradar como por ai bradam: Eugénia! Eugénia! Melhor, de certo, seria que cuidássemos menos de jogos que apenas divertem e pensássemos mais nas crianças fortalecendo-as, educando-as para que no futuro, dem ao Brasil aquilo que mais lhe falta – homens.

Coelho netto

(Da academia brasileira)

Nesse texto é de nos chamar atenção para a explicação de Coelho Neto sobre a eugenia que é muito dita e pouco praticada. Não adianta falar sobre, era preciso pensar em práticas efetivas que moldariam o futuro da nação e fariam homens, que segundo o autor, é o que faltaria para o país.

O *Boletim* também tem as suas contribuições em ensinar como se pronuncia a palavra eugenia e saber diferenciar de nome de moça. Renato Kehl e o autor soletram para maior compreensão do leitor, o que nos faz pensar sobre o público do jornal especializado, uma reportagem que ensina a falar e o que tratava, talvez, estivesse tendo acesso de públicos não especializados.

Que é eugenia? Em todo o mundo. Inclusive no Brasil. Fala-se muito, ultimamente, de uma ciência denominada Eugenia. Mas, - que é Eugenia? A palavra é simpática, parece até nome de moça. Mas não o é. Pronuncia-se euge-nía, com acento agudo sobre a sílaba ní. Esta palavra significa “boa geração” ou “nobreza de nascimento”. Assim foi designada esta nova ciência, que tem por fim melhoramento físico, físico e mental do gênero humano. Como conseguir esse melhoramento? Respondemos: - da mesma forma, mais ou menos, por que fazem os criadores para melhorar os seus rebanhos e os agricultores as suas plantações. (Kehl, *Boletim de eugenia*, outubro de 1929, nº 10, p. 2-3).

Nessas passagens evidenciamos que tanto o *A noite* como o *Boletim* haviam em comum o tópico que era fazer o leitor entender que eugenia não é uma pessoa e sim um ramo científico que intervém/deve intervir nas suas vidas. Como os próprios textos sugerem, além dos outros que no decorrer do jornal ensina sobre a ciência eugênica. Nos textos que ensinando a pronunciar e apresentando a ciência como algo positivo melhoraria não somente o indivíduo, mas toda a nação. Com suas técnicas de aperfeiçoamento que apenas buscava melhorar o futuro e evoluir.

Além desses destaques, podemos citar uma piada que consta no jornal de estudantes que publicavam crônicas e piadas o, *A alvorada*, de novembro de 1919. A anedota demonstra que os homens da época confundiam o nome da ciência eugênica com o nome de pessoas. Horácio, um pseudônimo narra:

“- Ouvi dizer que Vilhena vae se apaixonando pela Eugenia?
 - Não: ia ...
 - Ah! É verdade, ele está escrevendo sobre < Eugenia>.”

A eugenia era associada a diversos os setores sociais. Veremos que os eugenistas diferenciavam a prática esportiva, dos benefícios que o esporte trazia ao praticante seguindo técnicas eugênicas. A primeira seria apenas o prazer pessoal, enquanto a segunda traria noções sobre a importância do corpo sadio para benefícios do ser e da sociedade. A educação básica, ministrada nas escolas, também era diferente da educação eugênica. Enquanto a primeira visava ensinar o indivíduo a exercer atividades profissionais ou uma formação profissional, a educação eugênica daria ao indivíduo uma formação intelectual e física voltada não para a própria pessoa, mas que contemplaria a nação. Sobre os concursos de beleza, os eugenistas afirmavam que não avaliava nada de importante, enquanto que o concurso eugênico era mais completo, pois premiava o conjunto genético, estético e elementos que engradeceriam a nação.

Dessa forma, a eugenia era apresentada para os leitores como uma ciência que daria o diferencial para temas que eram antigos no cotidiano, tal como esporte, educação, saúde e casamento, mas que, segundo os intelectuais, mereciam umas repaginadas em favor da eugenia tornando mais significativos ou relevantes da forma como era apresentado aos leitores a importância da eugenia como ciência que modificaria o meio social e daria valor para práticas do cotidiano como jogar bola, ir a escola, etc.

2.7 Concursos de eugenia nos jornais

Congressos, palestras e outros eventos ocorriam com certa regularidade, mas estavam focados em um público mais especializado, um grupo que já se apropriava dos discursos eugenistas. No entanto, considerando a população humilde, desejávamos compreender como a eugenia chegava para as mães, crianças e envolvia os atores comuns. Identificamos cursos e concursos que foram direcionados para esses indivíduos que não possuíam nenhuma formação na área de eugenia.

Sobre os concursos, vale destacar que havia compreensões diferenciadas. Acreditava-se que concursos de belezas deixariam as pessoas arrumadas e premiaria conquistas efêmeras como o corpo e o físico. Já o concurso eugênico, buscava contemplar a formação geral do indivíduo analisando o corpo e o patrimônio genético, as heranças do candidato.

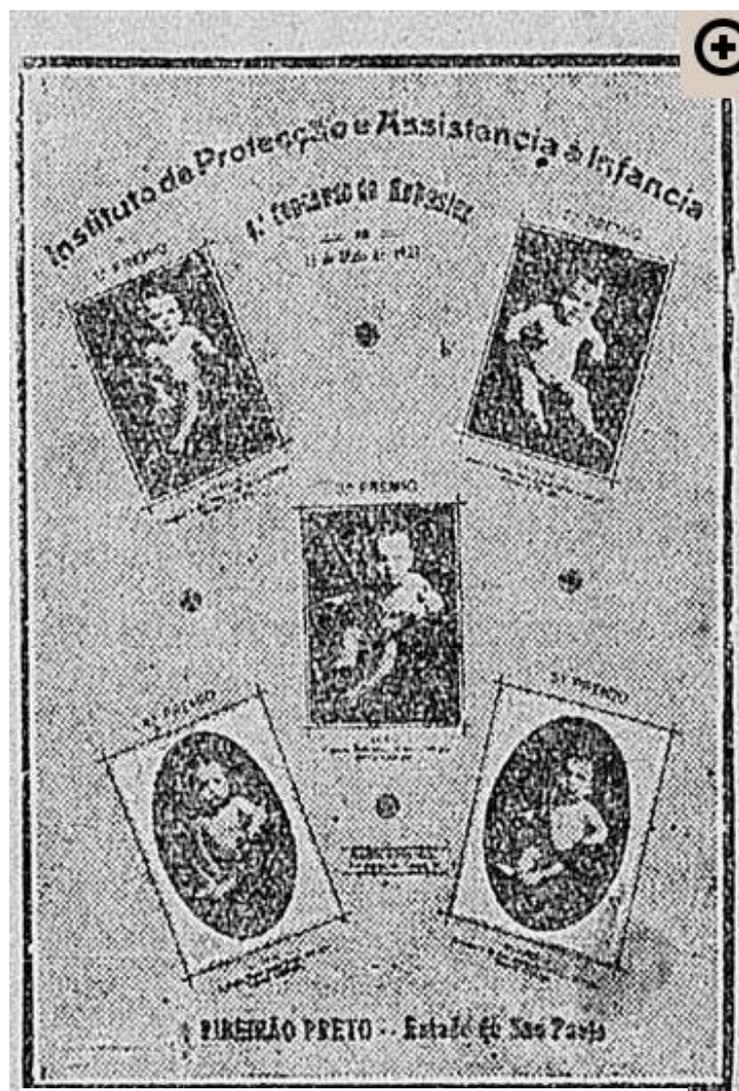
Em 1923, o *A noite* publica um concurso que havia sido promovido pelo Instituto de Proteção à Infância em São Paulo. O jornal destacou em letras grandes a frase “Procurando o melhoramento da raça”, ou seja, evidenciando que o evento tinha uma intenção positiva e de cuidado com a sociedade. Além disso, outro elemento que vale salientar são as fotos das crianças publicadas como modelos de crianças eugênicas. Registravam-se os seus nomes e peso, gerando assim um prestígio não apenas para os seus pais, mas para a família. Havia a recompensa financeira em prêmios de dinheiro para os selecionados.

Procurando o melhoramento da raça

Concurso de robustez infantil, em Ribeirão Preto
Os esforços do Dr. Antonio E. Gouveia, diretor da filial do Instituto de Proteção a infância, daquela cidade paulista

Graças aos esforços do Dr. Antonio Gouveia, diretor do instituto de proteção e assistência a infância de Ribeirão Preto, filial ao do Rio de Janeiro, realizou-se naquela cidade paulista, no dia 13 de maio ultimo um concurso de robustez infantil, o 4º levado a efeito pelo mesmo instituto. As crianças premiadas foram: em 1º lugar, Adercio, com 7 meses e 9 dias, peso 10 quilos e 300 gramas, em 2º lugar Vinicio, 7 meses e 9 dias, peso 10 quilos e 100 gramas, Ivo, 9 meses e 15 dias, peso 9 quilos e 550 gramas. Foram distribuídos os seguintes prêmios em dinheiro ao 1º 250\$, ao 2º 200\$ ao 3º 130 aos 4º e 5º 100\$ cada um. O Dr. Antonio Gouveia é um incansável batalhador em prol do melhoramento da raça tendo inúmeros trabalhos sobre eugenia. Perante o 3º congresso americano da criança, S.S leu um conferencia subordinada ao titulo “ a fissão social do medico e da mulher no Brasil, em face da eugenia”, a qual mereceu justos ecomios. (*A noite*, 18 de julho de 1923, nº 04148, p. 6).

Figura 12: Crianças vencedoras do concurso



Fonte: *A noite*, 18 de junho 1923, nº 04148, p. 6.

Concursos como esses foram promovidos em diversos momentos e por várias instituições que argumentavam que era para promover a eugenia. Conforme podemos ver no trecho abaixo (*A noite*, Rio de Janeiro, 1925, edição 4783):

A grande festa da criança pobre

Vão ser distribuídos prêmios aos concorrentes ao 26º concurso de robustez

Na festa da criança pobre, que em 20 do corrente, as 3 horas da tarde, será levada a efeito pelo Instituto de proteção e assistência a infância do Rio de Janeiro, no seu grande edifício social, em construção á rua Moncorvo Filho, antiga do Areal, número 90, efetuar-se a entrega dos prêmios consagrados aos pequeninos classificados no 36º concurso de robustez. [...] Ao 36º concurso de robustez da serie inaugurada há cerca de 25 anos pelo Dr. Moncorvo Filho com o intuito de

concorrer beneficemente para a emulação das mães em prol da boa higiene e sobretudo das inconcussas vantagens do aleitamento materno, compareceram. 36 lactantes, até a idade de um ano [...] Os prêmios que destinou a administração do Instituto de proteção e Assistência a infância do Rio de Janeiro e que serão distribuídos por intermédio das abnegadas damas de assistência a infância constam do seguinte: 1º prêmio – “Marechal Hermes” 200\$, 2º “Souza Cruz” 100\$; 3º “Arthur Alvim” 50\$; 4º “Floriano Peixoto” uma libra esterlina, ouro, oferecida pelo grêmio beneficente Floriano Peixoto 5º - General Thomé Cordeiro também uma libra oferecida pela Exma. Sra. D. Alzira T. Cordeiro Araripe de Faria; 6º e 7º Almiro Mendes e Benvindo Vianna de 30\$ cada um; 8º, 9º e 10º Assistência a infância, higiene infantil e eugenia de 20\$ cada um; 11º a 30º prêmios de consolação a todos de 10\$ em dinheiro. Importam todos os prêmios em 770\$000.

O concurso de robustez, pelo texto do jornal, apresentava-se destinado a atrair famílias humildes, tal como vemos no título “A festa da criança pobre” e fazer com que a eugenia caísse no cotidiano popular até mesmo premiando com dinheiro a todos os participantes.

Vale salientar que a prática de concurso eugênico não era restrita ao Rio de Janeiro e São Paulo, duas capitais importantes para o movimento eugênico. Sendo assim, o *A noite* publica o evento patrocinado pelo Instituto de Proteção a infância, que nos sugere uma relação entre o jornal e a instituição. O evento iria ocorrer em Curitiba que não traz no título a palavra eugenia, mas no corpo de apresentação do concurso que destacamos a diferença entre robustez e eugenia. Pelo texto aparenta que robustez é apenas a beleza física e eugenia algo mais completo.

Figura 13: O concurso do bebê



Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1929, nº 06225, p.5

Em comemoração ao dia da criança teriam vários eventos na capital, Rio de Janeiro, e nas cidades do país, como o concurso de maternidade e concurso de eugenia. Ao longo do texto é citado o alto número de inscrição nos eventos que seriam direcionados para eugenia, como vemos a seguir:

As grandes festas de amanhã

Celebra-se amanhã, nesta, capital, o “dia da criança” desde que foi instituída, em 1926, tal festa, que se realizada em 12 de outubro, tem registrado um exílio crescente e assas animador, evidenciando o interesse que **a população começa a ligar ao assunto.** [...] **Basta dizer que as inscrições elevaram-se ao sobro das do ano passado, sendo levadas a inscrição crianças verdadeiramente belas e sadias, muitas das quais se aproximando do padrão requerido.** Isto prova que **a nossa população começa a compreender a importância de tais certames que visam a perfeição física, a saúde do indivíduo, como meio de se obter o mais elevado grão de eficiência de uma raça.** Dentro de breve os concursos de robustez – a exemplo do que sucede nos países onde a questão da eugenia é tomada na sua devida conta – se realizarão, não só na capital federal, mas em todas as cidades do Brasil. (A noite, 11 de outubro de 1926, nº 06432, p. 6, grifo nosso).

Nessa edição o *A noite* destaca o alto número de inscrição do público aos concursos eugênicos e destacando os requisitos contemplados no evento, que eram as crianças belas e sadias. Aqui destacamos que a reportagem além de divulgar o evento que estaria para acontecer, instrui a importância da ciência eugênica e aproxima o leitor da causa nobre que seria elevar a raça humana. Os eventos contemplavam os participantes com premiações e homenagens por estarem compactuando com o saber eugênico ou buscarem estar no padrão. Notamos isso ao tomarmos conhecimento sobre a sessão final do concurso:

A sessão final do congresso de eugenia

Foram entregues os prêmios

S. Paulo 3, (Havas) Realizou-se, ontem, a tarde, no anfiteatro do jardim da Infancia a sessão final do Jardim da infância a sessão final do II congresso de eugenia. Abrindo a sessão, falou o sr. Sarmento, que disse da significação do certame, ao qual concorreram este ano 37 crianças. A seguir o orador oficial Dr. Teixeira de mello pronunciou um eloquente discurso. Após as aclamações que se seguiram as palavras do orador, o Dr. Nuno Guerner leu a ata da sessão e, a seguir, a menina Sonia Sampaio Pinto fez entrega de prêmios as classificadas que foram: 1º premio, 500\$ Neusa Ribeiro de Souza; 2º premio 100\$ Heda Armirante; 3º premio 100\$ Reynaldo Pasqual Russo; 4º premio, Nylsa Soares; 5º premio Ausca di Riezo. O serviço sanitário ainda conferirá prêmios aos outros participantes do certame e anuncia que aos 37 concorrentes, daqui por diante, oferece assistência medica e sanitária. (A noite, 3 de dezembro de 1929, nº 06485, p. 8).

É necessário dizer que o *Boletim de eugenia* possuía um posicionamento único em relação a concursos de belezas, de forma como podemos ver estabelecia diferença entre o concurso de beleza e o de eugenia, numa tentativa de torná-lo mais sério do que o de beleza, pois “no concurso de eugenia avalia-se as qualidades físicas, mentais e os antepassados dos candidatos”³². Assim, como no *boletim* de novembro de 1929³³

³² *Boletim de eugenia*, janeiro de 1929, v.1, p. 3.

³³ *Boletim de eugenia*, novembro de 1929, nº 11, p. 4.

anunciava-se o segundo congresso de eugenia para crianças de 3 a 5 anos, enfatizando que foi devido ao sucesso do primeiro concurso que ele ocorreria.

No entanto, essa interpretação não ficou de fora do *A noite*. O jornal também publicou um texto do “Diário de Notícias”, de Porto Alegre, em que o autor dava a entender que não bastava avaliar somente a beleza física dos participantes era necessário conferir a moral e social. Ao longo do texto cita como exemplo um mis da Europa que, segundo o autor, é de origem de uma família espartana.

O espírito eugênico do torneio de beleza

No ‘diário de notícias’ de Porto Alegre, angelo Guido escreve longamente sobre a expressão do torneio de beleza notadamente da sua espiritualidade eugênica. Citamos o seguinte trecho: ‘nem se pode admitir o contrário: porquanto, além do rigor estético observado nas deliberações dos júris, a beleza moral e o brilho intelectual das candidatas são postas igualmente a prova, como requisitos complementares indispensáveis a perfeição plástica. Assim é que as artistas de teatro e cinema, os ‘modelos’ e profissionais da beleza, não podem disputar o título de ‘misses’ por mais belas que sejam. Isto prova que, além do critério estético, há outro moral e social presidindo a esse certame, onde não só as qualidades plásticas são tidas em conta, mas todos esses requisitos de inteligência, de distinção, de espiritualidade que concorrem, com a beleza dos traços, para formar o tipo feminino apurado representativo da perfeição a que a espécie pode aspirar. [...] Haja vista a senhorita Alice Diplakou “ mis europeia” que pertence a uma família spartana, cujo sangue se conserva sem misturar a cerca de dois mil anos. Ela é o exemplo magnifico, deslumbrantes, de que a perfeição plástica é o resultado de um lento trabalho de eugenia e que não resulta só da preocupação pela beleza exterior, mas também, da educação moral e intelectual, da pureza de costumes e do esforço continuo das famílias para atingirem a um ideal de perfectibilidade. Se há um país onde esses exemplos fulgurantes esses expoentes de perfeição racial precisam ser postos em evidencia, é precisamente o Brasil, onde nada se faz, nada absolutamente, para defender a raça contra os elementos de degenerencia e para conduzi-la na direção de um ideal de perfectibilidade física, moral e intelectual. (A noite, 7 de abril de 1930, nº 06605, p. 8).

Compreendemos que os jornais lidavam com a temática concursos de formas semelhantes, pois a maior parte deles eram organizados por órgãos médicos e institutos de proteção a criança, ou seja, iniciativas públicas em prol dos conhecimentos eugênicos. É de percebermos que há diferença entre o concurso de beleza e o concurso de eugenia, enquanto um contempla a beleza física, o outro premia a composição eugênica do candidato. Eles se constituíram em uma estratégia que tornava o saber eugênico mais próximo da realidade dos atores, que não eram médicos, além de ser um meio de sair do mundo escrito dos trabalhos científicos, livros, congressos eugênicos e levar os conhecimentos até as camadas populares.

2.8 A disputa intra profissional no *A noite* e no *Boletim*

Ainda na temática da beleza física podemos ressaltar mais um elemento do *Boletim* que nos leva a crer o posicionamento do jornal. Trata-se de uma crítica aos higienistas, considerando que no início da campanha eugenistas e higienistas eram aliados, logo depois vemos ataques e uma divisão nas opiniões.

Sendo assim, no décimo oitavo volume, o *Boletim* tomou a liberdade de criticar duramente os higienistas, o que pode nos mostrar que o jornal tinha força, coragem ou solidificação para atacar outros ramos. A crítica ao higienismo revela uma disputa intraprofissional, ou seja, evidencia a divergência de posturas dentro de uma mesma categoria socioprofissional, já que ambos eram pertencentes à categoria médica. O *Boletim* se posicionava de forma que a higiene não era eficaz, pois com a higiene o feio ficava arrumado, mas no final tratava-se de uma conquista efêmera que permitia que os degenerados permanecessem na sociedade. A Higiene cuidava do que a seleção natural queria eliminar.

A higiene quanto mais se aperfeiçoa, mais parece trabalhar contra as conquistas da eugenia. Eu me explico. Só se passa aos descendentes o que se herdou dos antepassados: inteligência, equilíbrio mental, beleza ou feiura, resistência ou debilidade orgânica, e assim por diante. [...] A higiene, com todos os seus esplendidos recursos, é capaz de enrobustecer tal indivíduo, e torná-lo praticamente um homem de saúde. Mas desgraçadamente essa conquista preciosa é efêmera, porquanto os caracteres que se adquirem não passam á descendência. [...] o homem transmitiria sexualmente á sua prole, não o que a higiene lhe deu, mas o que ele herdou, isto é, uma constituição orgânica débil. [...]. Sem a higiene o que aconteceria? Todo indivíduo hereditariamente débil, condenado a ser vítima da primeira enfermidade, sucumbiria, e assim extinguir-se-ia sua linhagem e não mais nasceriam indivíduos mal constituídos para a vida. Seria o que DARWIN chamou a seleção natural. E, o que cada hora, cada momento se passa na natureza viva. Seres fracos, ou mal conformados organicamente para a vida, morrem, e sua linhagem desaparece, enquanto prosperam e se multiplicam os seres robustos ou bem adaptados á vida. (DOMINGUES, Octavio. Boletim de eugenia, junho de 1930, nº 18, p. 3).

A crítica da intervenção das pessoas nas vidas humanas se estendia até mesmo ao trabalho filantrópico, que na visão dos eugenistas deveria amparar os que possuíam potencial para se desenvolver, por isso expõe o texto dizendo que a filantropia deveria se seletiva com as pessoas que quer ajudar, pois ajudar um indivíduo disgênicos estaria prejudicando a nação:

A sociedade esforça-se para defender a vida dos medíocres, dos débeis e degenerados; descuida-se, entretanto, de amparar e de estimular os indivíduos normais e capazes [...]. Pode-se calcular que cada homem valido arca com o peso morto de quatro indigentes [...] impõe-se que a sociedade deve de orientar

melhor sua filantropia, afim de não agravar a mediocrinização do gênero humano. Cabe-lhe dedicar mais atenção aos filhos sadios de pais empobrecidos, amparando-os, educando-os, favorecendo-os na luta pela existência, bem como aos jovens animosos, mas desamparados, que desejam estudar ou aperfeiçoar-se numa profissão que lhe faculte construir um lar prospero e feliz. Os médiocres infelizmente são muito mais prolíficos do que os normais superiores. [...] Como medida fundamental – tornar a filantropia seletiva e não contra-seletiva, como ora se apresenta. (Renato Kehl, Boletim de eugenia, agosto de 1931, nº 32, p. 1).

A análise dos jornais nos mostra que para o *A noite* eugenia era noticiado por tabela, ou seja, republicavam informações, tal como a questão do concurso de beleza eugênica que havia posicionamento crítico de alguns e apoio de outros. Enquanto que, no *Boletim*, vemos apenas uma vertente do que é ciência eugênica. Existe uma diretriz a ser publicada. Não veremos ao longo do jornal publicações de posições contrárias a eugenia e nem teorias que tirem a credibilidade da ciência.

Desse modo, analisamos que o *boletim* nos mostra uma realidade em que os concursos não eram tão apoiados e já no *A noite* notamos a existência de muitos concursos que se diziam levar eugenia, porém trata-se da pergunta: qual eugenia? A eugenia no *A noite* se mostra relacionada com múltiplas visões, ora saúde, ora bem-estar e ora ciência de melhoramento genético dos indivíduos e, até mesmo, conectada aos assuntos eugênicos da Alemanha.

2.9 Ideias eugênicas estrangeiras no Brasil e do Brasil no exterior

Haviam diversos canais de informar o público sobre o que era eugenia, apesar de existirem muitas definições para eugenia, podemos considerar que os leitores também tiveram acesso às ideias fora do Brasil, assim como puderam refletir o movimento brasileiro em outros locais.

É possível analisar que o *A noite* divulga ideias ocorridas fora do Brasil e que países estavam pondo em prática algumas ideias eugênicas que se inclinavam para a linha dura, autoritária. Uma passagem que chama atenção é o elogio que se faz à política de Mussolini por adotar medidas eugênicas para restaurar a nação. A reportagem aborda que o governo encaminhou um grupo de meninos para um navio que os curaria. A experiência é relatada pelo comandante do navio. Concluiu-se a reportagem, com críticas aos países que apenas falavam de eugenia e não a praticavam. (*A noite*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1928, nº 5844, p. 1):

O problema da raça na política de Mussolini

Uma leva de 450 pequenos italianos em excursão no 'Giulio Cesare'

A política de Mussolini é essencialmente renovadora e abrangente. Atende a todos os departamentos da atividade italiana e a todos imprime a sua vontade transformadora. [...] Procurou o comandante do navio Sr. Romulo Chiesa, que nestes termos lhe explicou a singularidade: - Isto representa a realização de uma das muitas ideias com que o ministro Mussolini vai restaurando a nação. Ele tem um programa formidável visando o fortalecimento da Itália. Fortalecimento moral, material e político [...] O ministro resolveu, então, que os maiores navios italianos conduzam levadas desses infantis proporcionando-lhes uma excursão magnífica de cura e de recomposição física. [...] Crianças que embarcaram com evidentes sinais de anemia, embarcaram peso o cores e ai saltaram e cantam como pássaros. Entre os 450 garotos do pombal que conduzo a Genova [...] O sentido prático é o seu forte e essa tendência pessoal de Mussolini influem miraculosamente sobre a Itália que nele percebe e estima o seu legitimo salvador.

Ainda sobre a temática, para corroborar com a ideia de que o jornal vem publicando notas sobre uma eugenia e muda o conteúdo de forma gradativa. Hora a eugenia é um termo usado para referir-se a melhoramento físico e hora surge como meio de controlar e intervir no corpo do outro. Nessa direção, o jornal ressalta que, nos Estados Unidos, havia uma política de divisão de praias para brancos e praias para negros e aponta o papel de instituições como Fundação Rockefeller na importante ação com o melhoramento da raça. (A noite, 24 de dezembro de 1928, nº 6144, p. 1):

Como os Estados Unidos resolvem os problemas da eugenia

Os norte-americanos não são, apenas, como se sabe, um dos povos mais ricos do mundo. [...] São, também, criaturas sensíveis ao sofrimento e a dor alheios, e provam-no a saciedade os fabulosos donativos entregues por multimilionários como Rockefeller, Morgan, wanderbill, ford e outros, a estabelecimentos de caridade e de instrução e científicos. Os mais famosos laboratórios são auxiliados por esses homens que, diariamente, ganham milhares de dólares e tão poderosamente influem no comercio, na indústria e nas finanças internacionais. [...] A eugenia, portanto, fazendo parte da educação infantil e sendo a ciência que procura melhorar as condições étnicas do povo, merece-lhes especial atenção. E como esses homens de negócios dispõem de uma influência indiscutível no meio político e social dos Estados Unidos, não admira que as autoridades, que o governo que os dirigentes da grande nação em qualquer ramo de atividade, dediquem a máxima atenção carinho pelo robustecimento da raça.

Com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos que não poderiam ir à praia, é criada a seguinte solução mostrando que não há obstáculo que não possa ser removido:

Em Nova York, as classes pobres não podem dar-se ao luxo e ao prazer de frequentar as praias elegantes. Isso custaria somas que os trabalhadores não possuem, principalmente quando se trata de uma família numerosa. [...] foram instalados principalmente nos bairros pobres, simulacros engenhosos de praias para dar, á pequenada, a ilusão de que se encontram numa autentica praia

beijada pelas ondas. O pavimento é vestido de areia e um empregado espargue sobre os pequeno sem trajes de banho a agua de um chuveiro colocado no teto. Não será prático e inteligente? Querem assim os americanos afirmar que, com boa vontade, não há obstáculo que se não remova neste mundo. (A noite, 24 de dezembro de 1928, nº 6144, p. 1).

No ano de 1929 o jornal nos mostra que havia uma presença eugênica negativa. O *A noite* realiza um inquérito sobre as práticas de eutanásia na França em caso de doenças incuráveis. A reportagem que ocupou a primeira página do jornal nos trouxe a imagem do ministro Bento Faria e o seu posicionando dizendo que ninguém tem o direito de matar e critica outros jornais brasileiros que haveriam publicado “*matar por compaixão*”³⁴. Alguns periódicos escreviam sobre a prática de eutanásia como uma forma de matar por amor à pessoa e ao país, evitando o nascimento de pessoas que não correspondiam o padrão de saudável. Dessa forma, veremos o posicionamento do ministro:

O direito de matar em caso de moléstia incurável

“Ninguém, absolutamente ninguém, tem o direito contra vida” – diz a Noite, o ministro Bento de Faria.

Continuando o nosso inquérito, há dias iniciado. Sobre o direito de matar, no caso de moléstias incuráveis- objeto de recente decisão do júri providencial de França – e ligando a complexa questão a uma outra de natureza correlata – a ‘eutanásia’ ouvimos, a respeito, a autorizada palavra do ministro Bento de Faria [...] Mais recentemente, em publicação feita no jornal comercio, sobre o titulo – matar por compaixão a qual foi reproduzida pelo ‘arquivo judiciário’ a e pela ‘revista de direito’ também achei oportuno tratar do mesmo assunto para contestar a opinião, aliás não adotada, mas simplesmente referida pelo Dr. Edmond Perrier, em proficiente dissertação sobre a qual consoante a pretensão do seu autor cujo nome foi discretamente silenciado, deveria ser suprimida toda criança que não parecesse fisicamente perfeita assim de evitar as taras hereditárias e libertar a sociedade de uma inutilidade. Não pude me conformar, sem protesto, que contra esse conselho que conta aquele julgamento, [...] reconhecer que alguém tem o direito de aniquilar a vida alheia fora dos casos de defesa própria de outrem como também a lei civil para transformar a pessoa em coisa [...] Ninguém, absolutamente ninguém tem o direito contra a vida ainda que seja a sua própria não valendo o consentimento autorgado para extingui-la por traduzir desse fato um necessário desequilíbrio físico. (A noite, 9 de novembro de 1929, nº 6461, p. 1).

Nessa reportagem acima, de 1929, o *A noite* havia solicitado um inquérito que avaliava a prática de eutanásia ocorrida na França e apoiada em outros países. O jornal se posiciona contra qualquer prática que elimine o indivíduo e aproveita para fazer críticas ao *Jornal do Comercio*, *Arquivo Judiciário* e *Revista de Direito* que haviam publicado

³⁴ A noite, 9 de novembro de 1929, nº 6461, p. 1

ideias que, claramente, apoiavam uma eugenia negativa. A historiografia sobre eugenia constantemente aponta que é comum a ideia de eugenia negativa na área do direito e nos estudos da criminologia. Os jornais criticados no *A noite* são da área que se influenciavam da eugenia negativa.

Se o jornal de temática livre republicava informações vindas do exterior no *boletim*, havia a constante divulgação de que a imprensa mundial citava o *Boletim de Eugenia* e traduzia as suas publicações. Em outubro de 1929 há o seguinte título: “*O eugenismo na imprensa mundial*”³⁵ na qual a conceituada revista *La race et les moeurs* publicou uma lista das principais publicações mundiais sobre eugenia, dentro das quais o *Boletim* estava ao lado de outros importantes jornais. Isso leva a crer que os leitores recebiam a informação de que a eugenia era uma prática mundial, pois os países estrangeiros estavam praticando e, sobretudo, referenciando o Brasil por praticar.

Assim como o artigo escrito totalmente em inglês com o título, *Brazil is Sun*³⁶, por Renato Kehl, publicado no *boletim de eugenia* Este era voltado aos leitores estrangeiros, com a seguinte orientação acerca dos objetivos dessa publicação “este boletim circula também no estrangeiro para que se faça, nos países de língua inglesa, melhor juízo do nosso clima, publicamos o presente artigo naquele idioma”³⁷. O artigo voltado aos leitores estrangeiros aborda o clima do Brasil que, no ponto de vista dos intelectuais estrangeiros, não é um dos melhores. Por isso, Renato Kehl elabora o texto apresentando pontos de vista favoráveis ao clima do Brasil, abordando que os brasileiros agradecem os benefícios do sol forte, pois é essa quentura que nutre o organismo das pessoas e protege contra doenças, tipo verminose e sífilis, além de ser ótimo para a pele e fortalecer os ossos.

Já no ano seguinte, em abril de 1931³⁸, nos deparamos com 4 textos em inglês onde podemos destacar *Brazilian Institute of eugenics*³⁹ que aborda a importância do instituto de eugenia para colocar em práticas ideias eugênicas que pudessem se tornar realidade em um futuro próximo. Para isso, o texto aponta seis pautas que ajudariam

³⁵ *Boletim de eugenia*, outubro de 1929, nº 26, p. 8

³⁶ Tradução: Brasil é sol

³⁷ *Boletim de eugenia*, novembro de 1930, nº 23, p. 8

³⁸ *Boletim de eugenia*, abril de 1931, nº 28, p. 5-7.

³⁹ Tradução: Instituto Brasileiro de Eugenia.

contra a degeneração física social do país, as quais seriam defendidas pelo Instituto.

No mesmo ritmo temos a *Eugenics in Brazil*⁴⁰ que trata do movimento eugênico como algo promissor e aborda eventos ocorridos no Brasil: em São Paulo, pelo professor Domingues, na cidade de Piracicaba para alunos do ensino médio e da Escola de Agricultura; na capital pelo professor Fernando Magalhaes, presidente da Academia Brasileira de Letras; e no Recife foi organizado um 5º Congresso de Higiene que tratou dos assuntos eugênicos.

Outro texto que foi direcionado aos leitores estrangeiros e que abordava a organização da eugenia no Brasil foi *Uma nova associação científica organizada* em que esclarecia que no Brasil uma comissão brasileira central foi fundada para promover a propaganda eugênica. Ela era composta por 10 membros e possuíam os seguintes propósitos: a) Interesse de estudar a hereditariedade e eugenia da nação; b) Propagar a difusão física, psicológica e moral do homem e; c) Ajudar a ciência humanitária a funcionar. Ao fim do estudo era comunicado aos institutos internacionais e órgãos brasileiros as considerações finais para serem adotadas ou simplesmente registradas. Segue a lista publicada no jornal com nome dos membros:

EFFECTIVE MEMBERS:

- President: Dr. Renato Kehl, Director of the 'Boletim de eugenia'
 - Dr. Belisario Penna – General Director of the National Department of Public Health.
 - Dr. Gustavo Lessa – Assistant of the National Department of Public Health
 - Dr. Ernani Lopes – President of the Brazilian League of mental Hygiene -
 - Prof. Porto Carrero – Professor of public Medicine of Rio de Janeiro University
 - Dr. Cunha Lopes – Of the National Assistance of Psychopates genealogist
 - Prof. S. Toledo Pizza Jr. – Professor of zoology of the Higher Agricultural School of Piracicaba.
 - Prof Octavio Domingues – Professor of genealogy and zoology of the Higher Agricultural School of Piracicaba.
 - Dr. Achilles Lisboa – Hygienist and Eugenist.
 - Phco. Caetano Coutinho – Inspector of Apothecary of the national department of public Health eugenist.
- (Boletim de eugenia, 1931, Ed. 28, p. 7).

Outra publicação com conteúdo interessante é a *The first eugenics movements in Brazil*⁴¹. Ao abordar sobre o movimento eugênico, diz que o congresso que ocorreu em Londres, no ano de 1912, foi fundamental para a expansão dos ideais eugenistas, pois os ecos do evento impulsionaram muitos intelectuais a aprofundar suas análises sobre a eugenia. De forma que o texto destaca momentos importantes do movimento eugênico no

⁴⁰ Tradução: Eugenia no Brasil.

⁴¹ Tradução: Os primeiros movimentos eugênicos no Brasil

país. Iniciando com o ano de 1913 houve uma forte influência dos estudos de Weisman's, porém só em 1917, segundo o texto, ocorreu em São Paulo a primeira conferência sobre eugenia feita para a associação de moços que foram publicados no jornal do comércio em que estudamos a hereditariedade de Galton e, no final do evento, conclui-se que os princípios de Galton deveriam ser colocados em prática para o bem da raça.

Uma data que é destacada foi 15 de janeiro de 1918 quando fundaram a sociedade de eugenia de São Paulo, dirigida pelo professor Arnaldo Vieira de Carvalho, destacando como a primeira associação da América com quase 140 membros, muitos deles cientistas que possuíam influências na sociedade, como Oscar Freire. Segundo o texto, o primeiro artigo de eugenia no Brasil foi de Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho, na Bahia. Já o primeiro congresso de eugenia foi realizado em comemoração do Primeiro Centenário da Academia de Medicina, no congresso 200 membros estavam presentes e publicaram trabalhos que somaram 342 páginas. Em relação ao *boletim de eugenia* foi o primeiro desse tipo no Brasil e foi distribuído tanto no país como para eugenistas de países estrangeiros.

A comparação entre os jornais nos permite refletir sobre as ideias eugênicas que estavam se fazendo presente nos periódicos e como os leitores os recebiam, vemos que há assunto, livros, debates e participação da população nos assuntos eugênicos. A análise dos textos nos leva a considerar quais informações eram passadas para o exterior sobre o movimento eugênico. Também nos leva a indagar sobre o imaginário do leitor nacional que obtinha nas páginas do jornal informações sobre outros países. Construía-se imagens como a de que no Brasil pouco se fazia e também que o país se destacava no exterior por suas ações e publicações, sendo citado ao lado das maiores revistas eugênicas.

Os jornais cobriram o tema até mesmo nos eventos mais restritos, tal como congressos científicos. Em suma podemos concluir que a imprensa noticiava e circulava informações para que os seus leitores consumissem. Ou seja, os periódicos se aproximam ao alimentar sobre o tema, mas se diferenciam acerca dos seus objetivos em que um propunha ser campanha da ciência eugênica, com notas de intelectuais e científica, e outro noticiava o que estava ocorrendo no cotidiano, acompanhava e registrava ações que aconteciam. Sendo assim, no especializado notamos mais teorias e no de temática livre percebemos mais ações que ocorriam no Brasil que buscava melhorar e modernizar-se, em que as ideias eugênicas se encaixaram de forma eficiente para as necessidades do contexto da época.

2.10 A coluna médica do *A noite*

O *A noite* possuía uma coluna de medicina a cargo do médico Nicolaus Ciancio, poucas vezes foram abordados assuntos sobre eugenia. Essa coluna que, geralmente, era motivada por cartas dos leitores que enviavam suas dúvidas e o médico respondia como se fosse um consultório, a eugenia se fez presente, em alguns momentos. Ela apareceu mais diretamente no período em que ocorreu a ascensão de Hitler e o endurecimento das ideias eugênicas. A coluna médica existia desde 1915, contanto com Nicolaus Ciancio desde esse momento, porém só em 1930 vemos menção à eugenia na coluna médica.

Numa ordem cronológica, podemos destacar que a primeira aparição do tema na coluna foi em 1931⁴², em que o médico responde ao pseudônimo “collega” sobre livros que abordaram a o domínio dos médicos no governo:

Consultório medico

COLLEGA- Foi publicado já, há anos, um curioso livro, ‘Um remédio para o mundo’ ou ‘Iato cracia’ oferecendo o exemplo de ‘um país’ (uma ilha pacífico) ‘governada por médicos em pleno século XX’. É interessante ver como nesse curioso país os médicos foram se ensinando pela higiene, pela profilaxia e pela eugenia, até tomarem conta do governo. Governaram.. por concurso! Sim, senhor. Quem governa é uma comissão que se deve entender com muitas outras comissões; mas todos esses lugares são preenchidos por concurso! Dr. Nicolau Ciancio. (*A noite*, 23 de novembro de 1931, nº 7184, p. 8).

No ano de 1933 percebemos uma mudança no padrão da coluna, pois deixa de ser consultório médico e torna-se seção médica em que não responde dúvidas, mas realiza comentários sobre temas médicos e a eugenia fez se presente em poucos momentos, apesar disso vale apontar a reportagem um tanto longa em que aborda um livro chamado *Um país governado pelos médicos*⁴³, segundo o Nicolaus a leitura fazia as pessoas sonharem com a perfeição.

Seção médica

‘Um país governado pelos médicos’

A classe medicina está agora preocupada com um livro cujo título é “um país governado pelos médicos” e que deve constituir um motivos de orgulho para a classe dos esculápios. Mas esse país é real ou imaginário? Garante-nos o seu autor, o Sr. Lucien Ocianie, que esse país existe. É uma pequena ilha do grupo das Ilhas de Cook. É a ilha do resumo situada a Oeste de Greewich. Segundo o autor esse país curioso chegou ao governo dos médicos, depois de ter passado por todas as formas de governo já conhecidas: patriarcado, monarquia absoluta, monarquia constitucional e até comunismo. Depois da desordem do comunismo, veio a reação e uma forte ditadura, que, querendo acertar no

⁴² *A noite*, 23 de novembro de 1931, nº7184, p.8

⁴³ *A noite*, 2 de janeiro de 1933, nº 7582, p. 11

governo, apelou para a ciência : exames periódicos de saúde, higiene do casamento, higiene pré-natal, higiene infantil, higiene escolas, higiene da adolescência (masculina e feminas), higiene do domicílio, higiene e psicologia do trabalho. E com tanta higiene, o país tornou-se, insensível, um domínio dos médicos.

Não é interessante? E, mas, ainda mais interessante seria, se esse país não existisse! Nesse caso o autor teria sustentando a mais bela das teses: A da perfeição humana! Lendo o livro de Licien, somos transportados para uma Ilha, cuja população não é das mais santas, pois, compõe-se de uma promiscuidade de piratas, de emigrantes clandestinos, de náufragos e de criminosos de toda espécie. E, contudo, o trabalho a eugenia e todas aquelas higiens, conseguem transforma-la cientificamente, em uma população perfeita! O autor demonstra que a medicina. Graças ao conhecimento das glândulas de seção interna, já está tão adiantada que, modificando (em tempo oportuno!) ora os ovários, ora as capsulas supra reanais, ele. A medicina já poderia dar ao mundo uma sociedade psíquica e moralmente perfeita. Não haveria, nessa sociedade, nem gente magra, nem gente gorda, nem alta e nem baixa, nem mulheres com peitos superficiais, nem homens imberbes. Não haveria gente brigona. Não haveria criminosos, a polícia seria desnecessária. E pela limitação dos nascimentos, a população não argumentaria e todos teriam trabalho. Todos ganhariam dinheiro, Todos seriam felizes! Na ilho do resumo, por exemplo, sob o ponto de vista demográfico, o país é considerado “ um teatro de lotação completa: não pode entrar mais ninguém! Mas os que lá se acham, cada um tem a sua cadeira e está confortavelmente instalado na vida”. Eis um pais ideal, que se não tivesse a lotação completa... Dr. Nicolau Ciencio (A noite, 2 de janeiro de 1933, nº 7582, p. 11).

Assim, como mais a frente, em 1933 fez uma breve menção a ações realizadas na Alemanha:

Seção médica
A eugenia nas escolas alemãs

S. Ex. o Sr. Frick, ministro do Interior da federação germânica, deu ordens para que se ministrem, em todas as escolas, públicas ou particulares, noções eugênicas aos alunos, procurando, tanto quanto possível, prestar a máxima atenção a ciência da herança, no campo da higiene social. E o comissário da saúde pública da Baviera criou a Cadeira de eugenia nas escolas de medicina. (A noite, 26 de outubro de 1933, nº 7875, p. 9).

Com isso, podemos observar que o próprio jornal possuía o acompanhamento de um médico que noticiava temáticas eugênicas, vale salientar que a coluna médica não abordava a eugenia como pauta principal, mas mencionava o tema justamente no ano de 1933, ou seja, data próxima ao Congresso Brasileiro de Eugenia e lançamento do *Boletim*. Isso significa que precisamos interpretar que a ciência estava ganhando espaço em locais que antes não era vista. Vale dizer que apesar de não ser mencionada com frequência na coluna médica outras sessões do periódico abordavam a ciência de várias formas, tal como em anúncio de livros, associando a esportes, congressos e concursos que, em resumo, eram eventos que ensinavam sobre os conhecimentos eugênicos e seu diferencial transformador, pois práticas simples e do cotidiano das pessoas, através do conhecimento

eugênico tornariam-se investimento no futuro da humanidade e, por isso, defendiam a ideia de que se todos os setores sociais adotassem os conhecimentos eugênicos sanariam os problemas sociais do país.

A eugenia defendida como uma prática necessária para o Brasil não foi uma visão firmada na sociedade por acaso ou de forma simplificada. É necessário entendermos que ocorreu devido a uma complexidade da época que envolveu ação dos intelectuais e acompanhou um tempo de mudanças sociais e políticas, que priorizavam pautas que melhorariam a nação solucionando problemas, como o atraso social. Nesse cenário, a eugenia era a solução e interpretada como sinônimo de bom, positivo e saudável.

Dessa forma, percebemos que apesar das dificuldades sociais imposta pelo contexto da época, tal como o analfabetismo, não impediu que os diversos públicos, do intelectual ao leigo, conhecessem a eugenia. Por isso, vemos investimento na divulgação de eventos tal como congressos e, principalmente, concursos eugênicos foram fundamentais para ensinar a população que a eugenia servia e ajudaria a sociedade a conservar os melhores tipos humanos para o futuro da nação.

Houve várias investidas dos intelectuais eugênicos para validar o conhecimento na sociedade tornando o tema nas páginas de jornais para que fossem popularizados, seja jornais especializados. Percebemos que o conhecimento eugênico estava na sociedade e era algo que poderia ser acessado por todos os públicos. Múltiplas interpretações poderiam ser dadas a esse conhecimento, já que bom e positivo é conceito variável de pessoa para pessoa.

CAPÍTULO 3 - O consumo dos múltiplos sentidos eugênicos na sociedade

Os periódicos analisados foram comandados por donos, equipes e possuíam objetivos diferentes. O *A noite* buscava abordar assuntos do cotidiano da vida carioca, enquanto que o *Boletim* declarava a missão de expandir e fazer campanha para a causa eugênica no Brasil. Apesar disso, os periódicos tinham a ciência eugênica como pauta, divulgaram os mesmos eventos, livros e autores e assim articulavam temas em comum.

A palavra eugenia era evocada no decorrer do discurso do *A noite*, às vezes de forma mínima sem muito envolvimento com a questão científica, ou seja, sem esmiuçar as complexidades dos cálculos e debates que envolvia o campo. O que nos permite associar, como indica Vanderlei Souza (2012), que as propostas eugênicas eram para os

atores da época um símbolo de modernidade cultural. A pessoa que demonstrasse saber o que era eugenia era vista como um indivíduo atualizado e moderno. Aplicando essa lógica para analisar o jornal de temática livre, voltado para os assuntos gerais, é possível interpretar que o uso dessa ciência era voltado para vender uma boa imagem das campanhas, instituições, autores e livros.

A palavra eugenia era uma vitrine tornando alguns textos mais sofisticado. Dava uma sensação de credibilidade científica para os atores e, principalmente, nas reportagens que a mencionavam de forma superficial, pois o foco eram temáticas que não estavam envolvidas com a ciência, tal como eventos do cotidiano – entrega de troféus ou brigas de torcidas.

Já o *Boletim* era um jornal científico e por isso não encontraremos a palavra eugenia de forma vaga, para agregar vocábulo. Apesar de se dizer para todos os públicos interessados nos assuntos de melhoria da raça e nação, seu público-alvo eram os médicos e profissionais de áreas em que a eugenia pudesse intervir.

Devido as possibilidades do uso da mesma palavra, sendo empregada de forma diferente nos jornais e ganhando vida no cotidiano, o conceito enraizava-se. A partir de agora iremos comparar colunas e reportagens do *A noite* e do *Boletim* com a intenção de interpretarmos a eugenia exposta nos jornais e refletirmos como os seus leitores poderiam receber as informações sobre temáticas cotidianas.

3.1 Coluna Sports do *A noite*

A relação da eugenia com esporte é algo que merece nosso destaque, pois conforme Dirceu Gama e Lamartine da Costa (2019) influenciados pelos estudos da Sociedade Francesa de Higiene – que defendia que a ginástica melhoraria as qualidades físicas e morais dos indivíduos, - alguns intelectuais brasileiros acreditavam que a ginástica correspondia a prática humana capaz de acelerar o equilíbrio fisiológico, moral e intelectual dos indivíduos. Isso explica que, ainda no Império, o jurista, político e filósofo Ruy Barbosa determinou a obrigatoriedade da prática do Turnen⁴⁴ nas instituições de ensino militares brasileiras e nas escolas primárias, por considerá-la a mais apropriada

⁴⁴ Método gímico de origem alemã onde os movimentos corporais deveriam ser executados com o auxílio de aparelhos do tipo cordas, barras, plintos etc. (GAMA; DA COSTA, 2019, p. 94).

para o treinamento físico de cadetes e fundamental para o desenvolvimento dos futuros homens que formariam a corte. O Ministro Ruy Barbosa defendia que essa ideia se baseava numa ciência moderna:

No documento denominado '*Projeto de Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública*', apresentado à Câmara dos Deputados em 1882, Ruy Barbosa justificou seu ponto de vista considerando que a biologia moderna ratificava, por meio de métodos empíricos, a ideia aristotélica de que a saúde derivava da harmonia do corpo com o espírito. A vigência de tal harmonia era sentida no cérebro, levando-o a ter emoções nobres e pensamento lógico. [...] Em decorrência, Ruy Barbosa apregou o seu papel civilizatório de elevar o homem a atingir a circunstância de 'bom animal' (GAMA; DA COSTA, 2019, p. 94).

Dessa forma, podemos identificar que pensamentos eugênicos estão presentes no Brasil desde o Império e que não seria uma novidade na República, afinal queria-se construir um novo sistema de governo e os conhecimentos eugênicos possuíam argumentos que ajudariam na formação de uma nação purificada racialmente. Nesse ponto, podemos relacionar a eugenia com o nacionalismo. Segundo Dirceu Gama e Lamartine da Costa (2019), o auge da relação entre eugenia e nacionalismo converteu-se num dos eixos norteadores da política educacional brasileira entre 1937-1946, período esse denominado de Estado Novo.

Os autores apontam que durante esse período ocorreram a criação da Escola de Educação Física do Exército, em 1933, pelo Ministério da Guerra, assim como a fundação de agremiações esportivas e associações de classe. A partir disso podemos interpretar que surgiram setores educativos em instituições que já existiam há anos e a novidade era a proposta de educar conforme os moldes e filosofias pretendidas do governo, ou seja, contemplando e influenciando as políticas nacionalista de elevar o padrão da nação através das ideias eugênicas. Sendo assim, podemos mencionar que educar os indivíduos de baixa patente, tal como marinheiros, soldados, e apelar para agremiações esportivas foi uma forma de popularizar os desejos eugênicos que se passavam no governo entre indivíduos de todas as etnias, classes sociais, níveis educacionais e faixas de renda no Brasil.

Um aspecto significativo de então foi o rápido processo de estruturação de clubes onde se praticava o futebol: em 1901 e 1904 foram inauguradas a Liga Paulista de Futebol e a Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro, tendência essa que se repetiu nos meios militares em 1913 e 1914, com as fundações da Liga Militar de Futebol e da Liga de Esportes da Marinha. (GAMA; DA COSTA, 2019, p. 95-96).

O contexto abordado acima nos ajuda a compreender que o *A noite* refletia o cenário da década de 1920 em que abriram setores educativos baseados nas ideias eugênicas e vimos como os esportes foram relacionados com esse conhecimento. Isso justifica a eugenia sendo mencionada na coluna *Sports*, reflexo de um contexto e porque os periódicos também eram meios de educar e informar a sociedade.

Assim veremos a eugenia sendo empregada ao longo do jornal no sentido de que era um conhecimento moderno que ajudaria de forma positiva o desenvolvimento, uma ciência que daria qualidade humana e social. Ou seja, não dismiuçavam aos leitores da coluna *Sports* o objetivo científico da eugenia e apresentava ao leitor como um conhecimento bom a ser praticado por todos. À primeira vista, podemos considerar que o jornalista apenas está cobrindo a fala do diretor do clube, jogadores, etc. Ao notarmos que se torna comum, fica sugestivo que era escolha do autor da reportagem inserir a palavra eugenia no contexto da notícia.

Um exemplo é a reportagem com título *Fluminense X Paulistano*⁴⁵ no qual abordava um jogo entre os times onde o paulistano venceu e, para homenagear o fluminense, organizou um jantar. A parte que quero destacar é o momento que a eugenia é evocada no discurso do diretor da delegação paulistana, Dr. Mario Cardim: “reafirmando ainda uma vez as inquebrantáveis cadeias de amizade esportiva que unem o Paulistano ao Fluminense, no ideal comum da eugenia da raça, agradecem em nome do seu clube, as homenagens”⁴⁶. No trecho podemos interpretar que o termo científico é empregado no contexto de amizade e não há maiores explicações ao longo do discurso sobre o que seria o ideal comum da eugenia da raça para os times.

Nesse ritmo, podemos indicar outras reportagens, tal como em outubro de 1927, uma matéria⁴⁷ que abordava o campeonato brasileiro em que a delegação brasileira da Paraíba do Norte homenageou a imprensa carioca oferecendo um almoço. No texto parece que se quis agradar a imprensa e no discurso abordam: “recordar a missão eficiente e patriótica da confederação brasileira de desportos reunindo num conclave de eugenia racial, moços brasileiros de todas as partes do Brasil”. Compreendemos que o termo eugenia foi utilizado para substituir a palavra “melhor” como se fosse a reunião da melhor equipe brasileira de futebol ou dos melhores jovens para compor o time.

⁴⁵ *A noite*, 15 de julho de 1925, nº 4901, p. 7.

⁴⁶ *A noite*, 15 de julho de 1925, nº 4901, p. 7.

⁴⁷ *A noite*, 12 de outubro de 1927, nº 5708, p. 7.

Precisamos salientar que essas palavras do discursante não foram descritas na íntegra, pelo menos o texto não aponta, o que nos sugere que o jornalista da coluna que inseria a palavra eugenia no contexto da reportagem, mas como podemos notar o autor não explicava o sentido da eugenia a ser citada, apenas mencionava o termo sem muitas explicações para os seus leitores, como se fosse algo comum e previamente conhecido por seu público.

Em 13 de outubro de 1927, com título *Volleyball* ao cobrir a notícia sobre um jogo entre as equipes do São Cristóvão e do Fluminense destacaremos a seguinte frase “O ‘sic’ imediato foi mais fácil para os campeões. A eugenia do conjunto sanchistovense evidenciou-se mais ainda, a despeito da atuação de Preguinho, Gavião, Flavio e Helio do Fluminense”⁴⁸. Mais uma vez o jornalista empregou a palavra eugenia para dizer que os jogadores do time S. Cristóvão jogaram melhor devido a sua boa performance. Apesar de não citar aptidão física, medições cranianas e nenhum princípio eugênico notamos que a palavra eugenia é incorporada mais uma vez como sinônimo de “bom”, e não no sentido científico ou técnico.

A coluna não foi assinada, por isso não temos informações sobre o jornalista, porém podemos associar que havia uma conexão entre eugenia e o jornalista. Não se tratava da eugenia que vemos circulando nos meios científicos e no *boletim de eugenia*, o que ocorria era a substituição da palavra melhor e bom.

Apesar de algumas reportagens estarem fora do contexto científico, há algumas notícias que vão de encontro com a eugenia, no caso quando se trata das mulheres como peças fundamentais de um projeto de nação eugênica, pois são responsáveis pela prole e transmitir qualidades positivas para os seus descendentes. Essa visão era bem debatida no meio dos intelectuais eugênicos e podemos conferir que, segundo o jornal, tal pensamento é uma das motivações para que o Flamengo inaugurasse uma ala feminina no ano de 1928. Esse fato foi noticiado com a reportagem “a eugenia a serviço da raça inaugurou-se a grande seção feminina do flamengo”⁴⁹ contando com profissionais médicos e apoio da comunidade. Vale ressaltar que ao decorrer do texto é ressaltado a diferença do público masculino e feminino. O primeiro grupo praticaria esporte para ser mais vigoroso, enquanto que a atividade física para mulher possuía uma finalidade para serem saudáveis e assim, transmitir boas características para os futuros brasileiros.

⁴⁸A noite, 13 de outubro de 1927, nº 5709, p. 7.

⁴⁹A noite, 15 de agosto de 1928, nº 06013, p. 7.

Não se discute mais o valor dos exercícios físicos regular e metodicamente conduzidos. Se esse é hoje um axioma, porque de um modo geral deles só participam os representantes do sexo masculino? Em tese se convém a um sexo, esse fato, convém também ao outro, no ponto de vista das utilidades gerais da saúde. Mas, certo, podemos dizer que se aos homens os exercícios físicos convém como meio de lhes dar o vigor e a resistência para o trabalho, para a guerra, as mulheres as vantagens dos exercícios físicos se projetam num alcance mais elevado, mais distante e mais prolongado na criação de uma prole robusta, de um povo vigoroso, de uma raça forte. De fato, é no corpo feminino que o nascituro permanece os longos meses da gestação e se o organismo materno é robusto, está em condições melhores de transmitir aos descendentes as qualidades de vigor e fortaleza de que tanto necessita cada um para vencer os embates da vida, como a pátria para organização de seus obreiros na paz e de seus soldados na guerra. [...] Dedicada e competentemente dirige essa seção a senhorita Lucia Joviano, docente de educação física da escola normal da nossa capital dando à direção uma base científica, a senhorita Joviana estabeleceu como parte fundamental os exercícios ritmados, ou respiratórios [...] Trouxemos de nossa visita a impressão de que algo útil e de grande alcance higiênico, eugenico e patriótico se está fazendo pela iniciativa de benemérita falange feminina do clube das regatas do flamengo. [...] Nesse particular já muita coisa interessante e utilíssima tem sido feita, com apoio oficial, em países estrangeiros, como a Checoslováquia [...] Suíça (que anualmente realiza uma festa nacional de um interesse popular notável) como na Alemanha nos países escandinavos, na América do Norte. Que os nossos dirigentes, enfim, dirijam as suas vistas para essa importantíssima questão e terão realizado uma obra digna da admiração e benemerência pública. (*A noite*, 15 de agosto de 1928, nº 06013, p. 7).

Vale destacar que a reportagem sobre a questão feminina ganha uma página inteira e com direito a fotos das atividades realizadas em que notamos o nome do flamengo sendo evidenciado, e no texto a ação do clube é exaltada na coluna como algo positivo para o país. Além disso, percebemos que é destacado a base científica da iniciativa que conta com profissional da educação física e argumentos que respalda o texto. Podemos destacar que a reportagem inclui fotos das moças praticando exercício físico e temos que ter em mente que o jornal era um dos maiores meios de comunicação da época, estar em destaque no periódico popular da época era prestigioso não somente para as estudantes do curso, mas também para o clube que foi elogiado ao longo do jornal.

que mulheres saudáveis e ativas teriam filhos geneticamente melhores e superiores. Segundo a autora, havia muitas críticas a mulheres que não demonstrasse controle sobre seu corpo: excessos na alimentação, preguiça para as práticas esportivas, desleixo e falta de cuidados consigo mesma. O descontrole e a falta de cuidados das mulheres com seu corpo poderiam acarretar fraqueza e doenças. De acordo com os discursos médicos que vigoravam, o corpo feminino deveria ser forte e saudável porque era útil à sociedade.

No âmbito dessas medidas eugênicas a boa aparência e a boa forma se tornou lei. Com isso, a autora destaca o crescimento da indústria da beleza, os remédios para beleza e as pomadas que prometiam afinar a cintura, branquear a pele, melhorar características raciais, tirar pelos ou escurecer os cabelos brancos. No final do século XX, as pomadas foram substituídas por géis que podiam ser usados a qualquer hora, sem comprometer a aparência. Sandra Andrade (2003, p. 15) destaca que o objetivo principal desses cuidados era manter os laços conjugais e os cuidados com a beleza além do corpo feminino. A residência deveria ser tão bela quanto a mulher, pois era considerado uma extensão do corpo feminino.

É válido ressaltar que haviam fortes preocupações de que a prática de atividades físicas pudesse masculinizar a mulher e o termo “masculinização da mulher” indicava, não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas também no seu corpo cuja aparência deveria evitar o estigma da excessiva musculatura e a implícita lesbianidade.

Em alguns momentos notamos a eugenia sendo usada como parâmetro para arrecadar elogios a algumas instituições, como vimos no caso do Flamengo e dos jogadores de futebol. Podemos destacar que a ciência será utilizada como recurso para condenar outros também. Em 28 de maio de 1929, sobre o título *Circular do Presidente*⁵⁰ que aborda a briga entre torcidas comuns no contexto da época, o presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) lança a seguinte nota de repúdio: “O público esquece de cursinho deveres sociais disciplinares, esquece que defende, com o esporte, a causa da eugenia, da raça e em gestos impensados, tudo quanto se faz durante tanto tempo e com tanto sacrifício”.

A partir desse fragmento notamos associações que os atores faziam entre a eugenia e o esporte, como algo disciplinar, bom e, no geral, o termo eugenia era algo civilizado, moderno, positivo e não necessariamente utilizado com o termo científico. No caso do

⁵⁰ *A noite*, 28 de maio de 1929, nº 6295, p. 7.

trecho acima refere-se ao comportamento incivilizado da torcida que arruinava a campanha de eugenia, ou seja, melhorias que o esporte defendia.

Outro exemplo de modelo de reportagem que usa o princípio de eugenia é evocado para protestar contra uma ação que foi publicada no ano de 31 de outubro de 1928 (nº6090, p. 7). A associação de jogadores amadores queria que ocorresse um campeonato de futebol no turno da noite, porém o jornal se posiciona contra o jogo noturno usando a eugenia como base para defender a sua opinião, ou melhor, a palavra, pois afirmar-se que a ação iria contra os princípios eugênicos, visto que não teriam qualidade no jogo, já que muitos jogadores chegariam cansados após a sua jornada de trabalho e não teriam condições de jogar bola à noite. Dessa forma, mais uma vez a eugenia é citada e não empregam o estudo científico em si, não explicam ao leitor sobre as “técnicas eugênicas” que o próprio jornal cita. Vejamos:

Sob o ponto de vista técnico e prático porém tudo aberra de encontro aos mais comensuráveis princípios de equidade e eugenia. Vejamos os argumentos com a mais recente prova de impraticabilidade da medida:

a) o selecionado carioca não pode ser organizado eficientemente porque o final do campeonato afastou, pela fadiga o por sacrifício físico, numerosos jogadores. Isto não indica a necessidade de repouso?

b) depois de um período de atividade grande, a “surmenage” o esgotamento não estão a contrariar à medida que prossegue tal campeonato noturno? E essa falta de interrupção para o repouso que refaz as forças despendidas, não virá posteriormente estragar definitivamente dizer os jogadores amadores do futebol carioca? Por certo.

c) a realização dos jogos entre os fundadores não vem desviar os interesses sobre os demais clubes que passam a ficar afastados das atenções gerais, constituindo os seis fundadores sempre o motivo curiosidade e do interesse gerais chamando para seus jogos noturnos as assistências cujo dispêndio dobrado forçará o abandono econômico dos menores e desafortunados, nos jogos regulares? **A medida, pois, não é ampla e justa está em completo desacordo com os princípios de técnica eugênica.** Seria muito mais justo, então, que esses fundadores organizassem um grupo ou uma liga de profissionais para os períodos de férias, uma vez que consideram necessário prender sempre as grandes assistências nos campos de futebol. [...] dobrar o serviço dos amadores é que não é razoável nem técnico nem justo. (A noite, 31 de outubro de 1928, nº 6090, grifo nosso).

A reportagem afirma que Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) é criticada por querer fazer jogos à noite e isso ia contra os princípios eugênicos. Veremos que em 1929 sobre o título “*Dois fatos do esporte carioca*”, o jornalista diz que o posicionamento do *A noite* é imparcial e não favoreceria nenhuma iniciativa, sendo a prática do jornal não beneficiar ninguém, mas ressalta que o a associação Amea e Clube do Remo mereciam destaque e elogios, pois estariam fazendo aniversário. Ao longo do texto destacam o bem que essas entidades fizeram a sociedade, pois quando era comum a prática de exercícios sem métodos a associação já implementava esportes bem

orientados pelas técnicas eugênicas. No entanto, não explica o que seria eugenia e nem as técnicas adotadas pelas instituições que, segundo o redator do texto, estariam promovendo a ciência eugênica.

O esporte oficial do Rio – terrestre e aquático – estará em festas amanhã. Nos mastros das ruas da Alfandega e sete de setembro, serão suspensos os pavilhões das entidades Amea e F. do Remo, respectivamente, registrando aquela cinco anos e esta 32, de existência, **ambas empenhadas no sentido de que os esportes da cidade se desenvolveram em favor da eugenia brasileira**, já melhor orientada, do que nos tempos do simples exercício sem método, de que já vamos adastando pelo caminho das brilhantes hegemonias. Não há dúvida alguma que estas duas entidades aniversariantes, são credoras das simpatias gerais. Seus trabalhos tem culminado nas provas de eficiências verificadas, restando-lhes somente – e nesta data lembrarmos, como apelo patriótico – [...] O a noite não favorece a quem quer que seja com simpatia gratuitas, nem dá por barato, encômios que regatea, mas distribui justiça inteira sem que para tanto seja solicitada. (*A noite*, 30 de julho de 1929, nº 6359, p. 7, grifo nosso).

Em outras reportagens vemos que não era apenas a Amea que o jornal dizia possuir compromisso com a eugenia, dessa forma em 12 de agosto de 1929⁵¹ sob o título “*Atletismo*” se aborda a cerimônia do Olaria Atlético Clube em que resume o evento de entrega de troféu e diz que o Ministro de Guerra ressaltou o compromisso do esporte com a eugenia da raça. Vale ressaltar que nessa reportagem o jornalista diz que são palavras do Ministro, e não dele, o acordo e compromisso com a eugenia foi firmado pela própria figura pública. Dessa forma, destacamos que nessa passagem no *A noite* nos mostra o compromisso de uma representação do governo com os ideais eugênicos:

A primeira disputa da corrida rústica do troféu ‘Oscar da Costa’ teve lugar, ontem, na sede do Olaria. [...] A entrega do aludido troféu ao clube detentor, o Botafogo D.C [...] Sob uma salva de palmas, o sporsman patricio leu uma saudação bem expressiva ao clube local, aos vencedores. Onde salientou a necessidade de intensificação da pratica do atletismo entre nós, perorando por fim em apelo ao ministro da guerra, para a conjugação de seus esforços no sentido de prosseguir a obra que se propôs no tocante à Eugenia da Raça. A seguir, passou a fazer a entrega do troféu ao Botafogo.

A coluna Sports nos mostra mais uma passagem em que o Ministro de Guerra, que segundo o jornal era Coelho Neto, estava se posicionando a favor da eugenia ao apostar que as escolas de educação física era uma maneira de praticar a eugenia, tal como o *A noite* apresenta aos leitores o título para abordar o evento “*A reunião de ontem, no M. de Guerra, marcará época, na eugenia nacional*” e pode ser visto a seguir:

Não é de hoje que nos batemos no sentido dos sports no Brasil merecerem melhores atenções das autoridades, tendo por vezes até reproduzido detalhes e gravuras dos exercícios ao ar livre, nas praças publicas de sport, distribuídas nas cidades principais de países que, antes de nós compreenderam bem a

⁵¹ *A noite*, 12 de agosto de 1929, nº 6372, p. 7.

verdadeira finalidade dos esportes. No Brasil, onde os esportes vão culminando em conquistas internacionais de vultos, até hoje só se tem conhecido o esforço particular [...] As escolas de educação física, básicas desse desenvolvimento que se busca e se encontra afinal com esforço máximo, foram esquecidas entre nós e estão a merecer agora, do governo, com o empenho das autoridades máximas do distrito e referendadas pelo próprio governo da união, conforme se viu ontem, na reunião memorável, que há de marcar época e levada a efeito, na sala principal do ministro de Guerra [...] Para que se orientem todos, porém, será designada uma comissão que fará um projeto do programa de atividades. Eis o melhor presente que se pode fazer no momento à raça que vamos aperfeiçoando com sacrifícios ingentes. (A noite, 11 de junho de 1929, nº 6309, p. 1).

Precisamos pontuar que a coluna do *A noite* noticiando essa associação entre uma figura importante da política com a eugenia, destaca que essa ciência atingiu setores da nossa vida política e discorda da crença de que o Brasil não houve apoio a ciência eugênica.

Contudo, a eugenia apresentada na coluna *Sports* não seguia um padrão exato, sendo comum que o leitor que se baseasse apenas nessa coluna para ter a sua opinião sobre eugenia e esporte estaria associando a palavra eugenia a sinônimos de bom, saudável, civilizado e disciplinado. Considerando que o número de pessoas que não sabiam ler era alto e alguns possuíam uma leitura de boca a boca, onde um lia e contava a informação de forma oral fazendo o conteúdo da informação circular no “disse-me-disse”, podemos compreender que a eugenia apoiada pelos leitores dessa coluna não é a eugenia científica que buscava melhorar a raça humana através de técnicas científicas e segregação dos indivíduos, através de práticas restritivas casamentos, proibição de direitos aos grupos considerados inferiores, etc.

3.2 A palavra eugenia no discurso do jornal *A noite*

A eugenia como sinônimo de bom e abordando a ciência como algo relacionado às práticas esportivas não foi exclusiva da coluna *Sports*, por isso podemos destacar que no decorrer do *A noite*, em momentos diversos, foram publicados conteúdos eugênicos nesse sentido e que não foi destinado a coluna já que encontramos solto nas páginas diversas do periódico. Por exemplo, em 1928, na primeira página com o seguinte título *O trabalho consciente de aperfeiçoamento da raça*, com imagem de homens praticando atividades físicas, na reportagem aborda que a marinha brasileira adotou um discurso eugênico na educação física dos seus marinheiros:

Encerrava-se esta manhã. Com grande sucesso e excepcional brilhantismo, nas dependências do departamento técnico da escola naval, na ilha das enxadas, com prova do concurso de monitores de educação física, que a liga de esportes da marinha criou a escola para preparar instrutores para os diferentes pontos do país e oferece-los as guarnições, como elementos capazes de ministrarem, com base científica e conhecimentos completos, os ensinamentos da verdadeira eugenia aos marinheiros e alunos das diferentes escolas subordinadas ao ministério. O intuito principal dos esforçados oficiais que se empenham pela melhor condição física da maruja, entendida por grumetes, marinheiros, sub- oficiais, alunos e oficiais, observando o princípio de que o valor do atleta está na sua capacidade de concorrente e não somente nas possibilidades de vencer; verificado, ainda, o de que sem o preparo inicial, com base científica previamente estudada – sem os exercícios ginásticos e conhecimentos preliminares, portanto – não deve nem pode o sportman dedicar-se, com sucesso para seu próprio físico a qualquer ramo de atividade esportiva, foi a de evitar o contato do registro do amador com a sua imediata inscrição em provas atléticas e proporcionar ao candidato para conseguir aquele fim, os meios de se fazer conscientemente atleta, com conhecimento exato de seu valor eugênico, seu coeficiente físico, sua capacidade respiratórios, etc. (*A noite*, 18 de janeiro de 1928, nº 5806, p. 1).

Nessa reportagem devemos destacar que o texto foi redigido por uma jornalista, não é um texto oficial da marinha, logo quem faz a associação do curso de educação física com a marinha é o autor do texto. No entanto, sabemos que a eugenia para os nossos atores se trata de uma ciência moderna, devido a isso era prestigioso dizer que a marinha do Brasil aplicava uma formação baseada em princípios científicos e o curso dos oficiais não era sem conteúdo ou amador.

A imagem de uma eugenia como ciência com credibilidade era algo recorrente, vendida no *A noite*, assim podemos citar uma reportagem que foi importada de Los Angeles para o jornal mostrar aos seus leitores no ano de 1932 sob o título “*A mulher forte nas competições olímpicas de Los Angeles*”⁵². No texto da reportagem aborda o sucesso da eugenia nas olimpíadas sobre os super-homens e mulheres fortes produzidas pela eugenia.

Los Angeles (especial para A NOITE – o elemento feminino, tal como se apresentou nas competições olímpicas [...]) Somente o concurso do encantamento, a colaboração da graça, o tudo. Foi também o exemplo, como tudo nesta última olimpíada, do preparo, do capricho, da tenacidade, do valor físico, nos aspectos que nos foi permitido ver e aplaudir a ‘mulher forte’! Tal como entre os homens olímpicos – melhor, os super-homens das grandes provas mundiais da eugenia – as ‘sportswomen’ surgiram na área e impressionaram agradavelmente. (20 de agosto de 1932, nº 7449, p. 6).

Tal como outra reportagem que segue o mesmo estilo sobre o título “*A educação física e os tempos antigos*”⁵³ aborda que antigamente os esportes eram praticados de forma amadora e sem muito conhecimento. E associa os esportes praticados no período

⁵² *A noite*, 20 de agosto de 1932, nº 7449, p. 6.

⁵³ *A noite*, 26 de janeiro de 1931, nº 6885, p. 7.

com as práticas e conhecimentos eugênicos, ou seja, podemos afirmar que o *A noite* noticiou e auxiliou para que os leitores associassem educação física e esportes à eugenia. Como podemos perceber, no trecho abaixo em que o jornal destaca a diferença da educação física e as atividades físicas do passado que não cativavam os jovens, no entanto a ciência eugênica aplicada a educação física estaria atingindo as massas populares:

Os jornais de hoje, como entusiasmo e vigor se entregam se dedicam aos diversos desportos, julgam que estes pertencem ao século em que vivemos, são resultado da campanha de eugenia moderna, finalmente um espírito novo nas diversas camadas contemporâneas [...] A educação física pode até dizer, se era mais cuidada, pelos métodos geralmente adotados, da ginastica sueca, em grande voga então. Não havia ainda despertado o profundo irresistível entusiasmo das massas, da mocidade pelo futebol ou pelo box. (A noite, 26 de janeiro de 1931, nº 6885, p. 7).

Notamos que não foram economizados dinheiro e nem propaganda para associar esporte e eugenia, por isso destacaremos o relatório da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em que nos mostra a quantia investida em esportes e eugenia racial.

O relatório da C.B.D

Temos em mãos o relatório da C.B.D sobre o ano findo, apresentado e aprovado na assembleia geral de 21 deste mês. São 372 páginas com o retrospecto estatístico de todas as partidas regionais, internacionais e competições náuticas e atléticas. Esse trabalho evidencia a ação apreciável que vem sendo desenvolvida pelo seu presidente, o sportsman Dr. Renato Pacheco, que promove a realização e de um programa altamente patriótico de um programa altamente patriótico e de grande alcance para a eugenia racial, e faz ressaltar a ação colaboradora dos sportsmen brasileiros que de norte a sul vem com grande devotamento se empregando no mesmo sentido. [...] Na realização do 1º campeonato mundial de futebol despendeu a entidade 206:123\$131. Tendo porém apurado em receita 118:631\$325 essas despesas. No campeonato sul-americano de basketball despendeu 23:845\$690 que com uma receita de 6:400\$ e restituições reduziu a 16:315\$690. O campeonato sul-americano de remo deu a despesa de 20:239\$400, não havendo renda. O campeonato latino-americano de atletismo deu uma despesa de réis 23:592\$650 ficou reduzida a 87:855\$190. (A noite, 29 de julho de 1931, nº 7067, p. 1).

Nesse propósito as instituições privadas não ficaram de fora, e através do *A noite* podemos evidenciar que se tratava de práticas em instituições brasileiras, como aponta a reportagem *A eugenia da nossa raça – O Tijuca Tennis Club inicia a prática dos sports cientificamente. – Palavras do diretor do serviço médico*⁵⁴. O clube se dizia promover atividades eugênicas e com base científica, no entanto ao analisarmos, percebemos que não há teorias ou dados na reportagem que aborda a troca do diretor. O novo diretor dizia que “os sports, meio agradável de conservar ou melhorar a saúde e colaborar

⁵⁴ *A noite*, 12 de dezembro de 1931, nº 7203, p. 5.

indiretamente para o grande problema nacional da eugenia”⁵⁵. O título da reportagem poderia ser sobre a troca do diretor do clube, no entanto, ao escolher mencionar em letras grandes *Sports scientificamente* nos sugere que era uma prática da época citar a ciência, principalmente a eugenia, para ter credibilidade ou prestígio, para atingir aceitação e respeito do seu público, apesar de quase não explicarem quais ideias científicas realmente consistia na reportagem, mas utilizavam das palavras para chamar atenção.

Assim, como podemos apontar, em 5 de agosto de 1933 – *O dia da “creança tijuicana”*⁵⁶ o jornalista aborda o evento que ocorrerá, mas destaca o compromisso do clube em não apenas na vaidade, mas no projeto de reconstruir a nação com base nos valores eugenistas:

O Tijuca Tennis Club tem sido uma organização modelar, fértil em iniciativas de vulto em favor da eugenia da raça. Apresenta de quando em vez, surpreendendo pelo ineditismo, certames interessantíssimos, preocupando-se mais a quantidade ao invés da seleção de valores, trabalha realmente por um grande e útil ideal. Sua demonstração tem sido assim, com crianças de ambos os sexos, com senhoras, senhoritas, rapazes e senhores [...] E esta a mais recente e louvável iniciativa do Tijuca Tennis não faz por vaidade. Exuda-se no interesse e na satisfação de mostrar ao governo que as instituições daqueles gênero tem finalidade largamente patriótica, auxiliando a obra da reconstrução nacional sob base eugênica. (A noite, 5 de agosto de 1933, nº 7793, p. 13).

Sendo importante dizer que no caso do Tijuca Tennis Club tomamos conhecimento através do *A noite* que havia ala e departamentos para lidar com as questões eugênicas, sendo assim podemos deduzir que teria um setor de eugenia responsável em promover concursos, eventos, palestras e divulgando chamadas nos jornais que atraísse o público. Como podemos analisar abaixo o comunicado na coluna mundana que noticiava eventos noticiados no *A noite*:

O departamento de eugenia do Tijuca Tennis Club fará realizar no dia 23 do corrente, às 23.30 horas uma festa de Educação Física Estética (ginastica e dança clássica) sob a direção dos professores Vera Grabinsk e Pierre Michailowsky e com o concurso das alunas do curso que o grêmio “cajuti” mantém com regularidade. (7 de junho de 1934, nº 8092, p. 6).

Em 20 de setembro de 1926, sob “*Club dos Diabos – A extravagancia servindo a eugenia – No paiz das maravilhas*”⁵⁷ veremos que o clube estava mais preocupado com uma eugenia que premiava a aparência física do que os princípios eugênicos. Ao longo do texto percebemos que não é um concurso eugênico que o clube estava divulgando, mas

⁵⁵ *A noite*, 12 de dezembro de 1931, nº 7203, p. 5

⁵⁶ *A noite*, 5 de agosto de 1933, nº 7793, p. 13).

⁵⁷ *A noite*, 20 de setembro de 1926, nº 5327, p. 7).

sim uma prática de aprovação, segundo o jornal, não tem maiores informações sobre a participação, somente a forma da admissão. Chegou até o *A noite* que a admissão das mulheres era medindo os corpos das mulheres e já os dos homens não. No entanto, vale dizer que para os cientistas eugênicos não se tratava da beleza das pessoas, mas uma análise da família, da hereditariedade e vários outros atributos que podemos julgar que não são pontuados no concurso e seleção feita pelos clubes, porém se diziam tomando medidas eugênicas. O título enfatizava que se tratava de uma ação eugênica, mas segundo palavras do jornal:

Dessas simples disposições podemos deduzir que tal sociedade não é senão mais uma das que se dedicam, no estrangeiro, a selecionar o tipo feminino, tornando-o apto para o esporte e para arte, e para enlouquecer a outra metade do gênero humano, dentro das normas do bom gosto. (*A noite*, 20 de setembro de 1926, nº 5327, p. 7).

Podemos apontar que tal aspecto de associar a beleza física das mulheres com eugenia não era incomum. Nos concursos de beleza que ocorreram na cidade muitos eram circulados como se fossem de eugenia, no entanto mais uma vez vale salientar que os concursos de eugenia, para os cientistas eugênicos, deveriam analisar muito mais do que a beleza aparente, mas o histórico de boa linhagem total dos participantes. Sendo assunto pauta até mesmo no *boletim de eugenia* em que o jornal critica os higienistas por arrumar os disgênicos e camuflados na sociedade.

Contudo, se queremos compreender como os leitores do *A noite* compreendiam o que era eugenia, podemos presumir a partir das seguintes reportagens que relacionavam o concurso de beleza com o concurso de eugenia, tal como a edição nº 6269 *Concurso de Mis Brasil*, do ano de 1929, podendo ser registradas em 1930 outros números, por exemplo a edição nº 6701 *Conferencia de Beleza e Eugenia*; a de nº 6756, *Concurso de Mis e*; a de nº 6763, *Mis Antilhas*. Por fim, no ano de 1931 é possível continuar achando edições que mencionem a relação dos concursos de beleza com a eugenia, tal como a edição de nº 6952, de 1931 – *Os Concursos de Beleza*. Tais chamadas anunciavam os concursos que subentendiam para os seus leitores que eugenia era algo relacionado a beleza.

Podemos apontar outra reportagem que é a palavra eugenia sendo usada no discurso da Associação dos Padeiros, associada a causa em prol da “*eugenia dos Panificadores*”, que por uma qualidade de vida lutavam pelos fechamentos das padarias aos domingos (*A noite*, 7 de março de 1932, nº 7283, p. 4). Ou seja, na reportagem dos

padeiros eugenia estava relacionada a uma qualidade de vida que era ter folgas aos domingos. Tal como podemos evidenciar no trecho abaixo:

O fechamento das padarias aos domingos, representa para os empregados o ideal máximo, a ‘aspiração maior com que querem atingir o grau social a que tem direito, perante a civilização. Representados por uma associação, onde o império da união formou a eugenia dos panificadores, querem o direito de viver com o conforto de homens, que pela sua boa organização de serviços, podem gozar a delícia de seus lares’. A comissão era constituída pelos Srs. José do Nascimento Filho, presidente, Francisco Mello, diretor de beneficência e Manoel Mendonça, diretor de interesses sociais.

Ainda vale destacar alguns elementos da reportagem, tal como a imagem da reportagem que pode ser vista a seguir:

Figura 15: Eugenia dos panificadores



Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 7 de março de 1932, nº 7283, p. 4.

Ao analisar a imagem podemos apontar que a reportagem nos apresenta os padeiros seguido de uma legenda “*a comissão dos empregados de padaria de Niterói, em visita a redação do A noite*”, o que nos sugere que a redação do jornal era acessível e que os padeiros tiveram o seu lado da história ouvido. No entanto, nos chama atenção o fato de ser uma reportagem que cobre duas cidades metropolitanas do Rio de Janeiro, mostrando que o *A noite* cobria ocorrências para além da capital. Esse fato nos permite dizer que a eugenia não ficou presa a cidade e nos aguça os questionamentos sobre como

a eugenia foi recepcionada e divulgada em outras regiões. Considerando que o jornal era o maior meio de comunicação e informação da época e se o maior contato da população com a eugenia era passado por jornais, compreendemos que a eugenia que chegava para os leitores possuía variações conforme o local e atores que o conhecimento chegava.

Em geral, podemos reunir reportagens em que a palavra eugenia é retirada do seu sentido científico e nos passa a interpretação de que o jornal estava repassando ao leitor a palavra eugenia como sinônimo de “bom” e, sobretudo, a eugenia que notamos nessa parte do jornal é relacionada ao bem-estar do corpo e da aparência dos indivíduos. Vale dizer que isso não é uma realidade apenas do “*A noite*”, mas do contexto da época associar a eugenia a temas que não eram suas premissas científicas. A eugenia tal como sabemos hoje toma sentido negativos após a explanação do Holocausto.

3.3 A ciência eugênica no *A noite*

Apesar de reportagens que nos levam a crer que o público do *A noite* entrou em contato com uma ciência eugênica positiva, que foi simplificada para os leitores em um nível que podemos duvidar em alguns momentos se o jornal sabia o que era a eugenia. No entanto, podemos afirmar que o jornal não era passivo de não ter conhecimento do que era a ciência eugênica na íntegra, podemos reunir uma série de passagens em que a eugenia é interpretada e encarada a partir do seu caráter científico.

Na imagem abaixo vemos o curso geral de criminologia sendo anunciado na coluna “3º edição”⁵⁸. Como podemos analisar buscavam qualificar médicos para a prática da criminologia e na descrição do curso cita a eugenia como um dos elementos fundamentais a ser ensinado no curso. Isso representa que o periódico também circulava informações semelhante a que os intelectuais eugênicos seguiam.

⁵⁸ *A noite*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1932, edição 7466, p. 7

Figura 16 – Curso geral de criminologia



Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1932, edição 7466, p. 7.

Sendo válido pontuar que a criminologia foi uma ciência fundada por Lombroso que baseou as teorias raciais de medições dos corpos e dos crânios. Hoje sabemos que os saberes da criminologia não possuíam base científica, apenas preconceito dos cientistas que manipulavam dados para obter os argumentos que queriam, tal como os grupos marginalizados, como prostituta, negros, etc. serem mentalmente inferior e incapazes de evoluírem tendo sua existência fardada ao fim.

Outro ponto que vale refletirmos é o jornal *A noite* nos servindo como uma leitura dos cursos que os médicos brasileiros poderiam estar frequentando. O que nos mostra que não somente a política, os leitores comuns do jornal, mas diversos setores da sociedade estavam bebendo das ideias eugênicas e circulando em eventos, livros, cursos e gerando uma rede eugênica no Brasil. Com isso, podemos chamar atenção para o fato de que apesar do Brasil não ter desenvolvido uma eugenia linha dura, tal como hoje conhecemos a história do Holocausto na Alemanha, vemos que isso não deixou o país isento de produção eugênica, tanto nas instituições privadas quanto nas públicas.

Dessa forma, podemos destacar que na primeira página do jornal na coluna “Ecos e Novidades”, abordava a notícia de que Hitler estava no poder e as reformas que o mesmo pretendia fazer, por isso podemos destacar o trecho abaixo:

Ecos e Novidades

A Alemanha, sob o domínio de Hitler, é agora uma fonte permanente de curiosas ou interessantes notícias. Evidentemente o governo nazista não se resigna a simples funções de um governo rotativo qualquer em regime parlamentar. Propõe-se, pelo contrário, a reformar radicalmente tudo que encontrou, para criar, se não uma sociedade nova, ao menos um tipo novo de sistema político e social. Todas as esferas da vida alemã são, pois por ele atingidas. Enquanto por um lado pugna pela pureza da raça germânica, estatuidando regras de eugenia, e estimula a formação das famílias, pelas facilidades ao casamento dos pobres, por outro prepara a reforma da constituição de Weimar, que criou a república Alemã

, como uma das curiosas experiências dos tempos presentes. Conseguirá Hitler, como vem conseguindo Mussolini, de algum modo, seu modelo, chegar ao fim de seu programa de ação? Vivemos no regime das surpresas que parece ter eliminando para sempre a lógica dos fatos. Tudo é possível: o mais completo triunfo como o mais ruidoso fracasso. Por enquanto, devemos limitar-nos ao comentário diário das inovações hitleanas. (A noite, 26 de junho de 1933, nº 7753, p. 2).

Em seguida, percebemos que reportagens acompanharam as crenças eugênicas alemãs como uma opção para o Brasil também, o que nos leva a indagar que os contemporâneos não sabiam sobre o Holocausto ou as práticas de exclusão que a eugenia da época impunha. As reportagens, após Hitler no poder, passaram a evidenciar mais ainda a ligação da ciência eugênica com as ideias de uma raça ariana superior e associações de cuidados com crianças, pois viam o futuro da geração e a sua robustez.

O jornal publicou outras informações de campanhas oficiais que ocorriam, tal como na “*CAMPANHA PRO HYGIENE MENTAL*”, que além de defender a campanha nos mostra que o redator da notícia explica de forma didática os benefícios da eugenia na infância e, no caso da ciência, para o sistema nervoso o que é eugenia. Informa-nos o Dr. Mirandolino Caldas sobre a necessidade para a infância, das clínicas de euphrenia. Na reportagem, o seguinte texto:

A Liga brasileira de Hygiene Mental está realizando, durante esta semana, uma campanha social, em benefício dos vários serviços que ela tem organizados. Entre essas criações originais, no nosso meio, destaca-se a “clínica de euphrenia” a primeira fundada na América do Sul [...] Euphrenia como sabe o amigo que dizer ciência da boa celebração da boa formação mental. Clínica de euphrenia é, portanto, uma clínica onde se procura assegurar a hygiene neuropsychica, isto é, bom funcionamento o equilíbrio e domínio perfeito do sistema nervoso. Há duas modalidades de clínicas de euphrenia: uma, que abrange toda parte de eugenia mental e constitui a chamada euphrenia genotípica, que tem por fim realizar, através de exames prenupciais e por outros meios, a seleção psicologica dos procriadores de modo que os futuros cônjuges tenham probabilidade de constituírem proles sadias e mentalmente normais a outra modalidade constitui a euphrenia phenotypica, ou euphrenia infantil que atua, depois do nascimento no primeiro período da evolução nervosa e mental da criança. Pertence a esta ultima modalidade a clinica que a liga brasileira de hygiene mental inaugurou o ano passado em nosso meio. (A noite, 25 de outubro, 1933, nº 7874, p. 4).

Percebemos que em 23 de dezembro de 1934 sob o título “Pelo vigor da raça- No lactário de Campo Grande”, concurso infantil realizado pela associação de damas, destaca-se a diferença entre o concurso de eugenia, por avaliar o conjunto do indivíduo e não premiar apenas a beleza estética. Ou seja, notamos que havia conhecimento entre a diferença da eugenia como a ciência que queria remodelar a nação, e os indivíduos de forma hereditária, e a apreciação da beleza física. Sendo importante destacar que tal ação foi financiada por iniciativas públicas que buscavam um aperfeiçoamento da raça e

promover essa noção para as mães em Campo Grande, ou seja, mais uma vez o jornal nos mostra que a campanha eugênica atingiu o interior da cidade do Rio de Janeiro.

Pelo vigor da raça

concursos infantis de robustez e eugenia, a prêmios no lactários – promovidos pelo Dr. José Savarese, da saúde publica, o chefe dos lactários do Distrito Federal, auxiliando eficazmente pelas associações de Damas protetoras da infância, vem se realizando, pela primeira, nos mesmos lactários, concursos de robustez e eugenia, completando assim o seu programa de assistência, dietética e aperfeiçoamento da raça. **Não são simples concursos físicos exteriormente, são certames científicos, valendo por uma verdadeira parada de saúde.** Tem, por isso despertado, grande emulação entre as mães e as senhoras patronas. (A noite, 23 de dezembro de 1934, nº 7933, p. 4, **grifo nosso**)

Com a campanha da eugenia, como algo bom para a infância, e a comemoração da clínica eugênica que apoiaria a sociedade brasileira numa evolução, perceberemos que o exame pré-nupcial não fica de fora das páginas do *A noite em 1934* aborda algumas deliberações que ocorreram na conferência internacional de eugenia, mas o jornal destaca uma das pautas em letras grandes. Por considerarmos que é a mais impactante e relevante para o jornal ou que chama mais atenção que o exame pre-nupcial, segundo palavras do jornal, foi decidido que “A questão da esterilização e reconheceram que essa operação não devia ser obrigatória porque não está comprovado que todas as moléstias sejam hereditárias”⁵⁹. Entre alguns outros temas para *o A noite* o exame valeu o destaque para os seus leitores, o que nos mostra que o jornal possuía contato com uma eugenia que buscava esterilizar, ou seja, era de conhecimento do jornal os princípios brandos e duros da ciência que noticiava.

EXAME PRE-NUPCIAL

As deliberações da conferência internacional de eugenia Buenos aires. 26 (A.P) – A conferencia Internacional de eugenia, antes de encerrar os trabalhos votou uma moção recomendando aos governos que se fizeram representar na assembleia que instituam os exames pre nupciais e mandem construir alojamentos higiênicos para os operários. Os delegados discutiram a questão da esterilização e reconheceram que essa operação não devia ser obrigatória porque não está provado que todas as moléstias sejam hereditárias. Ficou também decidido que as futuras conferências se reúnam no mesmo lugar em que se realiza a conferencia pan americana de higiene. A sede da conferencia de eugenia de 1938 será, a cidade de Bogotá. (A noite, 26 de novembro de 1934, nº8265, p.3)

Há temas corriqueiros quando abordamos eugenia, tal como casamento, hereditariedade e ciência dos genes. Mas em no ano de 1931 podemos apontar a eugenia sendo abordado no assunto peculiar, pois evidenciamos assuntos velhos conhecidos

⁵⁹ A noite, 23 de novembro de 1934, p. 7, nº 8265.

quando tratamos de eugenia o texto tem a palavra eugenia sendo destacado a cultura do “corpo livre”⁶⁰, da autoria de D. G. Coimbra e aborda a questão da roupa de banho relacionado ao tema eugenia. Como pode ser visto abaixo, o título da reportagem possui o seguinte destaque “Eugenía! ”, e nos aponta um tema que até então não tinha sido exposto em nenhum dos dois periódicos.

Figura 17 - Eugenía ! A cultura do corpo livre



Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1931, edição 6876, p.10.

No decorrer do texto, podemos mencionar o seguinte trecho que explica a intensão da publicação:

Se discutem na imprensa carioca as vantagens da roupa de banho coberta com roupão. Ocorreu-me a ideia de fazer esta narrativa singela do movimento que domina hoje a Alemanha. [...] As leis alemã permitiram “livremente” a expressão do “freicaspakultur” em propriedades particulares sendo que há hoje dezenas de roteiros dessa natureza espalhados pela confederação germânica. O movimento sob bases científicas propriamente ditas, tem mais de 10 anos.

As reportagens sugerem uma aproximação dos jornais com a Alemanha e associações diretas com acontecimentos estrangeiros, práticas alemã sobre melhor condições de vida. Somando a essa questão, podemos destacar outra reportagem do ano de 1933 que possuía o título “*Teremos nudismo no Brasil?*”⁶¹, como pode ser visto na imagem abaixo:

⁶⁰ *A noite*, 16 de janeiro de 1931, n°6876, p.10

⁶¹ *A noite*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1933, n° 7599, p.9.

Figura 18 - A noite: teremos o nudismo no Brasil ?

Teremos o nudismo no Brasil ?

O Dr. Hernani Gitahy pensa ser o naturismo integral a unica fórmula de tornar-se a vida mais bella, mais digna e mais feliz

“Ninguém pôde mais contestar o prestígio moral desfrutado por quantos, hoje, exemplificam a volta á Natureza”



— Trata-se, então, de uma nova Renascença ?
— Perfeitamente, trata-se da terceira Renascença, como ha pouco falci: é a de aspecto moral, ou espiritual.

Como ninguém ignora, o movimento conhecido sob o nome de Renascença inaugurou-se ha alguns seculos, no Occidente. Havia necessidade de reagir contra o obscurantismo dominante. Coube aos artistas a primazia neste trabalho de inestimavel valor para o genero humano.

Chefes do movimento regenerador libertaram-se da pressão ambiente, sentiram a grandeza artistica da Grecia, e transmittiram este sentimento á alma popular.

A Renascença, sob seu primeiro aspecto, foi, pois, de caracter artistico e representou uma victoria do paganismo. A architectura, a escultura, a pintura provocaram a admiração de quantos eram sensiveis á mensagem da Belleza.

Depois, tivemos uma Renascença scientifica e philosophica. Ainda desta

Dr. Hernani Gitahy

Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1933, nº 7599, p.9.

A reportagem que possui um título que nos chama atenção ocupa um espaço de duas colunas e apresenta a foto do Dr. Hernani Gitahy, antigo secretário da sociedade vegetariana brasileira. O advogado defendia o nudismo como uma forma racional dos indivíduos se reconectar a natureza e viver de forma mais digna. Comprendemos que para o intelectual isso é evoluído e conforme defende a sociedade, estava vivendo uma renascença comparando com outros momentos da história que o homem quebrava as tradições e realizava mudanças enormes na sociedade. Assim, apresenta que o nudismo era visto como algo condenável por muitos que eram ignorantes, mas como os gregos, muitos povos estavam no processo de evolução, para isso cita o uso de esportes, que assim como os gregos antes de chegar ao máximo da sua aspiração adotaram os esportes.

Baseados em princípios da melhor moral, afirmam que podemos ser todos felizes, porém, entre outras condições, é indispensável respeitar a vida, fazermos as pazes com o Sol, o ar, a água, a terra, enfim, e tudo quanto de belo, útil e agradável ela amorosamente nos oferece. A questão interessa, e muito, ao nosso país. Trata-se, na verdade, da terceira Renascença: a Renascença moral, que. Como as outras, é uma volta ao paganismo [...] O nudismo era o habito geral e natural dos que povoam o continente e continua a ser ainda hoje o que sempre foi entre as populações não contaminadas pelos preconceitos degeneradores dos que conseguiram impor violentamente esta maléfica inovação em consequência da qual somos todos hoje obrigados a cobrir o corpo, privando-nos dos benefícios da ação direta do ar, da água e do Sol sobre a nossa epiderme. Os gregos, em seus insultos educativos, quando no apogeu espiritual da sua extraordinária civilização, organizaram exercícios atléticos onde tornavam parte todos os alunos (rapazes e moças) em completa nudez. Ninguém se vestia, para tomar banho fosse onde fosse. O mesmo sucede hoje, felizmente, entre muitos povos como, por exemplo , na Suécia e Noruega, Japão. (*A noite*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1933, nº 7599, p. 9).

Seguindo o argumento, o Dr. Hernany Gitahy encaixa a eugenia no seu argumento em prol do nudismo. Cita que o uso de roupa esconde as imperfeições dos corpos e indivíduos, se o nudismo fosse uma prática muitas uniões poderiam ser evitadas. Por isso, só é contra o nudismo os que temem e que são disgênicos ou os que faltam cultura para evoluir e compreender que se trata de uma prática que o autor nos dá como referência a Alemanha, país que segundo ele, era líder do renascimento moral.

[...] Com o vestimento que nos infelicita, torna-se frequentes os casamentos de pessoas portadoras de moléstias inconfessáveis. E, assim, tem muitas vezes sucedido que moças puras se unem com indivíduos, contraindo deles imediatamente doenças próprias de infelizes. Se todos fossem habituados ao banho de mar, de rio, ou simplesmente de sol, em conjunto, essas infecções pelo casamento seriam quase impossíveis. Eis uma questão de eugenia. Todos os contaminados figuram naturalmente entre os inimigos do nudismo. Há também entre esses inimigos pessoas muito bem intencionadas e moralmente muito respeitáveis. Para estas, basta simplesmente mais uma pequena dose de cultura, afim de que possam dar o passo a frente. [...] A Alemanha é uma líder deste renascimento moral. E este vespertino, embora mantendo-se neutro, trará grande benefício ao Brasil, concorrendo para divulgar por meio de reportagens imparciais o que é naturismo e quem são seus adeptos. (*A noite*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1933, nº 7599, p. 9).

O debate sobre o nudismo mais uma vez é abordado, no entanto o *A noite* publica uma nota em que o nudismo não é exaltado, pois segundo a reportagem o costume de utilizar roupas é algo forte que vem de anos e não conseguiríamos abrir mão tão facilmente, para isso chega a argumentar que a moda preserva características desde a Idade Média e o uso de roupa trata-se de questão de charme e elegância. Tal como podemos observar a seguir:

A moda não se liberta da influência do séculos e costumes que vão muito longe. [...] Agora predomina a tendência de aligeirar-se o vestuário, e isso é

sem dúvida, uma decorrência salutar do culto à eugenia, que aconselha movimentos desembaraçados, ginástica, higiene, fazendas leves e póros a respirar melhor. Todavia, mesmo no apuro dos figurinos em voga, a moda ainda conserva muita coisa de outro tempo. Podemos dizer que, até a Idade média, continua influenciando nas criações que tornam mais lindas as mulheres formosas, decorando com a sua beleza, elegância e “charme” pessoal nossas avenidas, salões e pontos seletos de reunião de elite. (A noite, 11 de novembro, 1933, nº 7591, p. 1).

A temática nudismo e eugenia não teve um posicionamento único, ora veremos o *A noite* com uma reportagem de alguém defendendo, outra teremos discordando. E em 1936 podemos pontuar que sob o título “Vida infantil ao ar livre”⁶² notamos as crianças como alvo do nudismo. O Estado Unidos adotou uma eugenia negativa, sendo visto como referência para a adoção de tal prática no Brasil.

A vida ao ar livre, tão preconizada pelo higienistas afim de preparar a criança para o futuro dando-lhe robustez física e moral, tornando-a forte para seu proveito e da raça vai cada dia se tornando mais praticada pelos grandes povos. Daí as colônias nudistas, criadas como experimentação de resultados iludíveis para a eugenia, nas quais a vida o seu plano transcorre alegre e sem cuidados, enquanto o corpo adquire agilidade e fortaleza. Explica-se, desse modo, o desenvolvimento rápido das colônias nudistas nos Estados Unidos, onde existem várias, exclusivamente para crianças [...] Hoje são várias escolas americanas, principalmente particulares, que estão adotando os princípios nudistas para meninas e moças até dezesseis anos, afirmando-se com o maior proveito para a saúde e o desenvolvimento físico dos educandos. (A noite, 28 de janeiro de 1935, nº 8725, p. 6).

O texto se prolonga e encerra fazendo indagação sobre quando o Brasil iria promover um espetáculo, tal como os Estados Unidos.

No Brasil, onde a natureza também convida ao ar livre ainda não se cuidou de dar divertimentos as crianças, nas praias e nos parques. Nossa gravura mostra um grupo de lindos e robustos bebês em pleno ar livre e desprovido de qualquer abrigo e indumentária, durante uma manhã de sol de inverno, quando o termômetro marcava apenas 52 graus Fahrenheit, quase tanto quanto um de nossos rigorosos invernos. Quando crianças brasileiras animarão o mesmo espetáculo? (A noite, 28 de janeiro de 1935, nº 8725, p. 6).

Ainda sobre essa reportagem queremos destacar a capa que demonstra as crianças e o subtítulo “preparando hoje a geração de amanhã”. A associação da eugenia com o corpo perfeito, indivíduo perfeito e perfeição no geral tornou-se mais repetitivo no *A noite*, após a ascensão de Hitler, dessa forma destacamos o seguinte trecho que mostra a intenção sobre a eugenia e os corpos que foi publicado em Paris e republicado no Brasil pelo jornal *A noite*:

PARIS, setembro (Serviço especial d’ A NOITE) No estádio Elizabeth realizou-se a festa anual das jovens que fazem parte da associação ‘feminina Sports’. [...] Há de se reconhecer que através da pedagogia e eugenia se procura

⁶² *A noite*, 28 de janeiro de 1935, nº 8725, p.6.

criar, nas almas moças, nas almas infantis, sublimes recptaculos de sensações, o culto da harmonia, pela graça, pela beleza imortal. A nossa gravura mostra uma fase pela alunas da “feminina sports” de encantadora dos exercícios executados França. O CULTO A DANÇAS MODERNAS CLASSICAS (A noite, 25 de setembro de 1933, nº 7843, p. 6).

Tendo como objetivo interpretarmos como a eugenia chegava aos leitores podemos ter a imagem como um elemento crucial, as imagens retratam crianças alegres, meninas felizes, ordem, progresso e princípios positivos. Reforçando para o leitor a ideia de que eugenia é sinônimo de “bom”.. Notamos que a eugenia é colocada como algo positivo que resgata as danças clássicas, nessa imagem e texto não expõe o caráter negativo da ciência eugênica, o que nos faz refletir sobre como os leitores recebiam tal ciência. Dessa forma, segue a imagem da reportagem:

Figura 19 – A noite: Pela eugenia moderna



Fonte: *A noite*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1933, nº 7843, p. 6.

Através de duas edições da coluna Mundana, percebemos que a eugenia venceu no jornal, pois em tom de vitória, veremos que mudanças ocorreram na sociedade brasileira, as mulheres estavam tornando-se mais belas ou adquirindo características físicas ideais ao padrão eugênico, e segundo o texto da coluna, devemos atribuir essas mudanças a ação da eugenia no Brasil.

Mundana

Geração moderna

A eugenia da raça brasileira melhora sensivelmente, de ano para ano. Sem duvida, para isto muito concorrem o 'sport' o verão nas praias, o hábito de caminhar, a dança, etc. E o fato mais se acentada em relação ao sexo feminino. Até certa época, por exemplo, o tipo clássico das cariocas, cujo 'dengue' um grande escritor cantou em cintilante página, era baixo, roliço, trigueiro. Agora, tudo se transformou. Basta atentar na geração que ora surge e de que fazem parte as senhoritas Yvonne Lopes, Francisca Saboya, Maria da Penha e Maria Léa. E de tipo alto, esguio, alvo. Sob, o fato não tem significação maior. A mulher, sendo formosa, não importa o padrão: tanto pode pesar 100 como 50 Quilos, medir 2 metros ou 60 centímetros, ser alva como uma grafa da antiguidade ou morena como a Virgem Macarena. Além disso, gosto não se discute... O que torna, porém, notável a transformação do físico da mulher carioca é o seu esplêndido estado de saúde e otimismo funcionamento dos nervos. A geração feminina de 1934 é sábia e controlada. Não tem ataques histéricos nem fuge espavorida á vista de uma borboleta negra ou de uma barata cascuda. (A noite, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1934, nº 8168, p. 6).

Dessa forma, percebemos que o jornal apresenta ao leitor que o progresso de anos deixou a mulher mais forte, sem ataques histéricos, e não é critério a beleza física, mas sim a constituição eugênica do indivíduo. Com isso, podemos compreender que o *A noite* estava antenado no que era eugenia e possuiu um papel relevante para disseminar a eugenia como sinônimo de coisa boa, sinônimo de ciência que pretendia esterilizar o indivíduo disgênico e como significado de elegância e higiene, como pode ser visto abaixo:

Mundana

Desta vez, vae...

Periodicamente, os saltos altos dos sapatos femininos sofrem uma ofensiva mais ou menos violenta, no sentido do seu desaparecimento. Nessa oportunidade, lança-se mão sempre, como supremo argumento, dos prejuízos que o seu uso acarreta a saúde. A higiene e a eugenia vem a baila. Ora, é possível que tudo isso esteja certo. Entretanto, a julgar pela evidencia, a hipótese deve ser bem outra. Há por ali uma infinidade de damas que contam mais de sessenta anos de idade, que já mais deixaram de usar saltos altos e, no entanto, desfrutam de uma saúde de ferro. Em compensação, mocinhas que sempre andaram de sapatos sem salto, não saem dos consultórios médicos... Portanto, é um caso a apurar esses dos proclamados males causados pelos saltos altos. Mas não temos a menor duvida de que eles agora, vão mesmo desaparecer. Até hoje essas ofensivas eram feitas pela ciência. Neste momento, porém, quem age é a moda. Logo, não haverá mais discussão a respeito. E com isso, todos ficarão satisfeitos – a higiene e a elegância. Bendita iniciativa. (A noite, 11 de março de 1935, nº 8366, p. 6).

Interessante é que há reportagens no *A noite* que vai ao encontro com os pensamentos científicos, em outras percebemos que são tiradas de contexto. Ou seja, o *A noite* utilizava a eugenia como bem queria. À medida que vemos o *A noite* explicando a ciência eugênica, percebemos que o próprio jornal a utiliza de forma diferente da

definição dada, talvez os leitores comuns da coluna *Sports* vissem a eugenia que queriam ver ou que conseguiram no momento. Mas nada nos possibilita descartar que a eugenia foi apresentada e acolhida por muitos indivíduos como uma ciência que iria esterilizar, modelar os corpos, disciplinar as pessoas e impor uma ideia. Dessa forma, os leitores do *A noite* entraram em contato com diferentes tipos de eugenia, ora ciência, ora sinônimo de diversas palavras que na prática, não se relacionavam com a origem da eugenia.

3.4 O boletim de eugenia e as impressões do público sobre o tema eugenia

O *A noite* abordava a ciência eugênica de forma que possamos compreender que nem todos os leitores entendessem a totalidade das intenções do conhecimento científico defendido pelos eugenistas. Porém, quando analisamos o *Boletim*, apesar de ser voltado para os especialistas da área da saúde, é possível destacar que uma participação do público e o que os leitores estavam achando do assunto, a partir de algumas edições. Além disso, vale mencionar que o jornal era anunciado de forma gratuita para todos que desejassem compreender mais sobre a eugenia. Sendo assim, poderemos averiguar se os leitores do jornal especializado entraram em contato com qual tipo de ideia eugênica.

Poderemos analisar as impressões dos leitores e a comunicação do jornal ao público através dos inquéritos, solicitando sua ajuda. Dessa forma, conseguiremos apresentar as cartas enviadas ao jornal pedindo aconselhamento médico sobre determinados casamentos, tal como no volume dezenove, quando foi requisitado ao público que enviassem suas opiniões e respondessem ao questionário sobre educação sexual destacando que não precisariam explicar a importância e nem o que é educação sexual, já que era de conhecimentos de todos.

AOS NOSSOS LEITORES INQUÉRITO SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL DA INFANCIA E DA MOCIDADE

Não é necessário justificar a importância da educação sexual. Todos os nossos leitores a reconhecem e a proclamam. Só um ponto (e que ponto!) Mantém-se ainda em discussão: é o que diz respeito ao modo de se fazer esta educação. Eis o motivo por que organizamos este inquérito, pedindo aos leitores do Boletim de Eugenia que nos enviem, resumida ou detalhadamente, sua opinião a respeito. Afim de tornar o inquérito mais simples e a concatenação das respostas mais fácil, estabelecemos as seguintes perguntas, que podem ser total ou parcialmente respondidas:

- 1º) Conhece livros sobre educação sexual que possam ser indicados as mães e aos professores? Quais?
- 2º) Será mais conveniente que as mães tratem da educação sexual das crianças, de acordo com as perguntas curiosas e inocentes que elas fazem sobre o

assunto, ou deixar aos mestres a incumbência de ensinar-lhes de um modo didático?

3º) No caso dessas incumbências caber as mães, poderá V.S dar um esquema ou exemplo do modo de proceder a educação?

4º) Na escola depois de qual idade devem os professores iniciar o ensino das questões de reprodução vegetal, animal e humana?

5º). De que forma? (Conferências, projeções luminosas, apresentações de imagens, visitas aos museus, leituras?)

6º) Deverá este ensino ser ministrado aos meninos e as meninas separadas ou conjuntamente?

7º) A quem confiar o ensino? Ao professor, a uma professora ou ao médico inspetor escolar?

8º) Deve a educação sexual fazer parte obrigatória do programa de ensino aos professores (ensino normal)?

As respostas deverão ser assinadas ou trazer um pseudônimo. Dirigir-se ao Dr. Renato Kehl – Caixa postal nº2;926 – Rio de Janeiro. (Boletim de eugenia, julho de 1930, v. 19, p. 4).

Algumas observações podem ser feitas sobre o inquérito, pois notamos que o público não iria tratar do assunto de forma aleatória, já que o jornal direciona as perguntas do interesse da pesquisa para o público explicando quais informações seriam relevantes e podemos destacar que o jornal aceita receber as respostas com identificação verdadeira e por pseudônimo, ou seja, queriam que as pessoas participassem com nome verdadeiro ou falso, almejava-se saber a opinião dos leitores sobre a educação sexual que, para os eugenistas, era de extrema importância, já que para alguns intelectuais eugênicos era resumida como controle do casamento, e um ótimo mecanismo para evitar uniões que gerassem indivíduos disgênicos, mas somente se desde criança o indivíduo tivesse ensinamentos e auxílio, seja pelos professores ou por mães.

Podemos pensar que nem todos os leitores poderiam ter ideia do que é educação sexual, porém após o pedido do Inquérito notamos que algumas edições buscam explicar a importância do matrimônio e da educação sexual, sendo notável que o periódico coloca a reprodução sexual como responsabilidade dos indivíduos e diz que a ignorância das pessoas e a falta de conhecimento levaria a degeneração da pessoa e da espécie humana no geral. Tal como veremos abaixo:

A disseminação assustadora dos males venéreos no seio da mocidade e a crescente desorganização matrimonial tem por causa principal a ignorância sobre questões do sexo. Quase todos senão todos rapazes e moças fazem ideia errônea sobre o assunto, quando não desconhecem, completamente, as consequências desastrosas que tal ignorância acarrear a própria saúde e para a espécie. [...] Torna-se mister uma imediata e inteligêcia campanhas popular, intensa e continuada que propague as pais menos instruídos os ensinamentos de que carecem. (Boletim de eugenia, outubro de 1930, nº 22, p. 1-3).

Dessa forma, é possível dizer que o casamento era entendido para o *Boletim* como um mecanismo de controle social para impedir determinadas uniões, ou seja, os leitores

que acompanhavam o jornal e participaram do inquérito possivelmente estavam cientes disso ou se nutriram dessa percepção, por isso as respostas do inquérito caminharam para esse modelo de resposta. Dessa forma, no *Inquérito sexual*⁶³, é exposto que foram recebidas 30 respostas sobre o inquérito de educação sexual, porém quase nenhuma delas poderiam ser aproveitadas, já que, segundo o editor, muitos não compreendiam o que era a real missão eugênica, o que para os intelectuais da área era preocupante:

Encerramos o inquérito com um número diminuto de respostas. Na América do Norte teria provocado uma aluvião de cartas, subscritas por especialistas e por pais e mães de todas as classes sociais. Recebemos pouco mais de 30 respostas, muitas delas inexpressivas ou inaproveitáveis, o que demonstra a lamentável descaso sobre o problema que, entretanto devia merecer mais atenção dos nossos patrícios e patrícias.

Por isso, Kehl solicita a opinião de um amigo J. Porto Carrero que escreve:

Resposta de um especialista

Respondo com prazer á sua honrosa solicitação para responder ao inquérito sobre educação sexual do 'boletim de eugenia' O que me cumpre dizer sobre o assunto já escrevi em um dos trabalhos publicados no meu [...] Educar sexualmente é observar, desde o nascimento, as tendências sexuais da criança (sexuais no sentido lato, de Freud) [...] Dessa maneira, a instrução sexual deve ser dada pelos pais ou quem os representes, a proporção das perguntas, as crianças que frequentam o jardim de infância, naturalmente a professora deverá responder. [...]. Em resumo, meu caro Kehl, o modo de pensar do seu colega e amigo certo J. Porto Carrero (Boletim de eugenia, dezembro de 1930, nº 24, p. 6).

Enquanto há momentos que Kehl precisaria recorrer aos seus contatos para obter uma opinião para publicar nas páginas do *Boletim*, teremos outros que, ao que tudo indica, alguns intelectuais irão voluntariamente enviar suas impressões. Em 1931, na reportagem que Sylvia Serafim comenta o tema, apesar de já ter sido encerrado o inquéritopois considerava que o tema era importante para a sociedade no geral e assim acaba por elogiando o inquérito de educação sexual realizado pelo *boletim*:

Um inquérito interessante por Sylvia Serafim

Há város domingos passados, sob o mesmo titulo, referi-me nesta pagina ao inquérito levantado pelo Dr. Renato Kehl em otrno desta questão delicada e importantíssima para o moderno e sadio ideal de vida: a educação sexual. [...] Dizendo eu também ao Dr. Renato Kehl o que penso a respeito da educação sexual, não quis falhar ao compromisso [...] Livros sobre educação sexual, tenho-os lido alguns. Recordo-me bem do ultimo que manuseei ' A inquietação sexual' do Dr. Pierre Vachet. E um ótimo trabalho, aconselhável, sem duvida, as mães e professores. [...] Não hesito em declarar que devem, por certo, iniciar as mães a educação sexual de seus filhos sem esperar pela idade escolar, e isso simplesmente porque tão pouco não a espera a curiosidade infantil.

⁶³ *Boletim de eugenia*, dezembro de 1930, nº 24, p. 6.

Não é exagero dizer-se que nas mãos dos noivos se acham as luzes e as trevas da prole. São eles que, no consorcio de caracteres ótimos, dão nascimento a filhos fortes e belos, como os portadores de taras e degenerações dão nascimento a idiotas, a aleijões, a monstriparos de toda sorte. R.K (Boletim de eugenia, janeiro de 1931, nº 25, p. 8).

Apesar das respostas terem sido insatisfatória no ponto de vista do editor do *Boletim de eugenia*, ainda sim, destaca a opinião de uma mãe que parecia estar conectada com os valores eugênicos que Kehl queria publicar e ouvir que se tratava de uma mãe que diz não conhecer livros sobre o tema. Na opinião dela, os temas que dizem respeito a questões sexuais deveriam ser tratados pelas mães e que o ensino sexual jamais deveria ser ensinado de forma impressionante e por pessoas de sexo oposto às crianças, como poderemos ver a seguir:

Resposta de uma mãe ao inquérito sobre educação sexual

Sendo mãe de um interessante menino, como são todos os meninos que tem mães, vi com satisfação reluzir a ideia de V. Ex. [...] 1) Não conheço nenhum livro educativo sobre o assunto, adaptado ao manejo de pessoas que possam transmitir seus ensinamentos aos alunos ou as seus filhos 2) o que seria o ideal, pois a mãe é a providencia natural de seus pequeninos e tudo que concerne a sua infância, deveria emanar naturalmente das mães; 3) Deveria cada mãe ser excessivamente escrupulosa na escolha das amas secas de seus filhos [...] 6) para terminar direi que o ensino sexual nunca deve ser administrado de maneira viva e impressionante como projeções luminosas, mas em exposições claras e concisas, incubidas especialmente a uma professora especializada no assunto para meninas ou um professor especializado no assunto para meninos. (Boletim de eugenia, fevereiro de 1931, nº 26, p. 5).

Nas outras edições há o retorno de pais e casais noivos escrevendo para o jornal. Com isso, o periódico queria mostrar que estava aberto para responder perguntas dos leitores. Objetivava-se afirmar que os leitores entravam em contato com a redação pedindo conselhos, em estilo de consultas médicas, sobre qual melhor casamento poderia ser feito e os riscos que corriam ao fazer uniões sem consultar os antecedentes das famílias. Dessa forma, podemos observar um resumo desses aconselhamentos médicos, acerca de casamentos, além disso precisamos salientar o fato de que o *boletim* se coloca a disposição para suprir um déficit que a comissão central brasileira de eugenia possuía, que era falta de tempo em atender as perguntas, por isso o jornal supriria essa carência:

Consulta pré – nupcial

A comissão central brasileira de eugenia não incluiu no seu programa um serviço de consultas particulares pré-nupciais, por não poder atender as solicitações que surgiram, talvez, em grande número e a referida comissão contar com um corpo restrito de membros. Ela não se negará, entretanto, a responder a consultas de ordem geral, sobretudo partidas de médicos, de

advogados e de associação científicas. [...] CONSULTA OBJETIVA SOBRE UM ASSUNTO DE EUGENIA FEITA POR D.X PAI DA SENHORITA B.Q.X

Finalidade da consulta: consentir ou negar o casamento da jovem B.Q.X com o sr. B.Q.T.S que a pede em casamento. A proposta a presente consulta deve ser tão incisiva e clara quanto for possível para ser facilmente entendida por qualquer pessoa inculta em assuntos de eugenia. Precedentes referentes é senhorita B.Q.X pedida em casamento: A senhorita B.Q.X tem 21 anos de estatura e compleição superior á média, sadia, nunca teve doenças com exceções de banais constipações. Tem um irmão de 17 e uma irmã de 19 anos, ambos são e fortes. O pai 56 anos e a mãe 52 anos, nunca sofreram doenças graves a não ser banais e passageiras perturbações do aparelho digestivo. Os avós paternos da senhorita em questão morreram com 84 e 85 anos respectivamente e sempre gozaram perfeita saúde [...] Nota consulente: porquanto essa consulta feita sob forma objetiva, em nada possa comprometer a ética profissional, declara-se, explicitamente, que a resposta será considera um ‘conselho’ de quem sabe’ para quem pode siludir-se sobre fatos [...] PARECER DO PROF. DR. J.P PORTO CARRERO O referido parecer consta de pedegree e das considerações abaixo feitas pelo autor (dezembro de 1931, nº 36, p. 1-3).

O jornal não só divulgava inquérito, livros e informações, possuía uma função de arrecadar pesquisas, como podemos apontar na edição de 23 novembro de 1930, na página 9, em que se anuncia uma pesquisa que buscavam casais com 15 ou 20 filhos para realizar uma pesquisa, onde é pedido a contribuição dos leitores e garantido o sigilo sobre as informações dadas.

Conhece V.S casais com mais de 15 e 20 filhos? Estão se tornando raríssimos os casais com mais de 10 filhos. Devem existir, entretanto, alguns, com mais de 15 e 20 filhos. Ficaríamos muito gratos aos leitores que nos indicassem casos dessa ordem, a fim de solicitarmos algumas notas para estudos eugênicos. Prometendo guarda absoluta reserva quanto as informações que nos forem fornecidas. Cartas ao Dr. Renato Kehl – Caixa postal 2926 – Rio de Janeiro.

Além de divulgar cursos que ocorreriam na cidade para públicos gerais, tal como mães:

Dos jornais e revistas
“curso das mãeznhas”

Pela Inspetoria de Higiene Escolar e Educação Sanitaria, do Est. De S. Paulo, foi inaugurado, em 24 de setembro do corrente ano, no grupo escolar “Rodrigues Alves” para as alunas do quarto ano, o “curso das mãezinhas” O curso que está a cargo de uma educadora sanitária, divide-se em duas partes, uma prática e outra teórica. A classe para esse curso de fim de ano ficou constituída de 50 crianças na idade aproximada de 10 a 14 anos. A parte teórica, cujo programa damos a seguir é ministrada em 18 pontos no decurso de dois meses, de acordo com a pedagogia moderna pelo método intuitivo. E o seguinte o programa do curso na parte que se refere a Euenia “noções de eugenia” – 1º Toda a criança tem o direito de ser bem nascida – responsabilidade dos pais na saúde da criança- morbidade infantil- consequência funestas dos fatores de degeneração humana: álcool e toxicomania, síflis, tuberculose – exame pré nupcial. Além desta matéria o curso constará de noções de higie pré-natal, higiene infantil, etc. (novembro de 1931, nº 35, p. 4).

Desse modo, poderemos ressaltar que o Boletim era um jornal produzido por intelectuais, gestado durante o evento especializado e almejava falar com especialistas. No entanto, visava instruir públicos gerais como jovens e mães. Constantemente usando da culpa da consciência social, responsabilizando os cidadãos pelo melhoramento ou degeneração da nação e da humanidade em geral. Tal como veremos na edição de nº 31, de julho de 1931, em que o jornal abre com a seguinte frase “ Quem ama o povo brasileiro deve nos ajudar na campanha em prol da eugenia” (p. 1), como pode ser vista na imagem abaixo o destaque que a mesma ganha:

Figura 20 – Capa do *boletim de eugenia*



Fonte: *Boletim de eugenia*, Rio de Janeiro, julho de 1931, ano III, nº 31, p. 1.

Após o ano de 1931, próximo ao fim do jornal, ocorreu uma mudança significativa, pois os primeiros números frisavam que o *Boletim* aceitava pequenos artigos e notas para serem publicados em suas colunas. O outro anúncio dizia que o periódico seria remetido gratuitamente a quem solicitasse.

A partir do número trinta e sete, sob a direção de Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr., o *Boletim de Eugenia* ganhou uma nova cara. Menor no tamanho, com formato de revista, e maior em número de páginas, passou a ter entre vinte a trinta e cinco. A mudança mais sentida foi que a publicação perdeu a característica de um panfleto e aproximou-se do formato de um periódico científico, com artigos maiores e mais densos. Porém, o objetivo foi mantido: divulgar a eugenia. O endereço do periódico tornou-se o

mesmo da Revista de Agricultura: Rua São José 141, Piracicaba.

Além disso, passou a ser trimestral e em formato de revista. Ficou acordado também que o periódico continuaria a ser órgão de propaganda da Comissão Central Brasileira de Eugenia, onde só membros da CCBE poderiam colaborar com as páginas do Boletim, ou seja, estava se tornando restrito ao nicho dos especialistas da CCBE.

A nova fase começou na edição trinta e sete e o último número do *Boletim de Eugenia* foi o volume quarenta e dois, de 1933. Algo curioso é que não foi possível identificar por meio de cartas e nem no próprio periódico o motivo pelo qual o jornal deixou de circular. Segundo Paula Habib (2010), mesmo após o fim do *Boletim de Eugenia* os diretores continuaram a trocar correspondências e não foi possível identificar o motivo do fim da publicação, tendo continuado os pedidos de artigos para serem publicados, em especial de Piza Jr. para Kehl.

Ao lermos os jornais percebemos que a ciência não era só apoiada por periódicos que queriam vender páginas, porém era compreendida como um conhecimento relevante para os órgãos políticos da época, tal como notamos o apoio do Ministro de Guerra e até mesmo a Marinha do Brasil utilizando dos conhecimentos eugênicos para melhorar as práticas dos marinheiros, além dos clubes de lazer e time de futebol que evocavam a eugenia com um sentido positivo. Tal fato nos faz compreender o motivo dos leitores confiarem nas informações e lições eugênicas repassadas a eles, pois era um conhecimento incentivado e apoiado por intelectuais, órgãos do governo e até mesmo populares.

Em suma, ao longo da análise dos textos publicados e passados aos leitores podemos imaginar que a eugenia tomou vários sentidos, visto que os redatores dos periódicos tinham conhecimento do argumento da eugenia negativa que buscava eliminar as diferenças através da segregação, porém nesse mesmo espaço de informação é notável que muitos leitores pudessem só achar que a eugenia era um conhecimento confiável e de credibilidade, já que os estudiosos respeitosos defendiam, e que conforme inúmeros textos do jornal do cotidiano dava a entender a eugenia era algo que daria qualidade de vida e nos faz refletir que se colocarmos o óculos dos leitores do *A noite* ou *Boletim* e formos ler as informações que eram repassadas sobre eugenia veremos que essa era associada sempre nesse sentido de ciência positiva, auxiliaria na beleza, em fortalecer e trazer bem estar para o país, com isso as múltiplas leituras sobre os jornais nos mostram que os leitores da época foram direcionados para um sentido de eugenia que salvaria o

país.

Dessa forma, é de extrema importância que possamos compreender o cenário dos nossos antepassados e o que fez com que as ideias eugênicas fossem compradas por todos os setores sociais, já que o seu caráter negativo já era anunciado a tempos e mesmo assim a eugenia circulou muito graças a carência social, a falta de informação e uma proposta de melhorar o país super carente, porém não expunha de forma clara nas páginas dos jornais que era a custa de outras vidas, o que contribuiu para a disseminação da eugenia que muito se deu em cima do desejo de melhorar a sociedade com pautas mínimas, tal como educação, saúde e qualidade de vida. Refletir sobre o passado de ideias que buscam melhorar e levar o progresso a qualquer preço, nos ajuda a questionar e problematizar as ideias que abusam das fragilidades de um país para impor ideias extremistas de crescimento que tem que ocorrer acima de tudo e todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou apresentar que as ideias eugênicas não são distantes da nossa realidade passada e atual. O preconceito e o desejo de segregar permanece vivo na nossa sociedade e conhecer as possíveis origens disso contribui para que possamos combater e diminuir os impactos dessas ideias nos diversos setores sociais.

Evidenciamos que a eugenia não surgiu do nada, pois podemos averiguar que a base da eugenia já estava entre os homens desde os tempos antigos e pode ser identificada em todos os períodos históricos – Pré-História, Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Percebemos que, ao longo do tempo, as sociedades sistematizaram ideias que buscavam excluir e perseguir os indivíduos indesejados. A originalidade do século XIX foi transformar em argumentos técnicos e chamar de ciência o comportamento de segregar os que divergiam do padrão social estabelecido que já existia e sobrevive nos homens até hoje.

O trabalho nos mostra que foi crucial para que a eugênica ganhasse força o apoio de intelectuais com prestígio social que sustentavam as ideias eugênicas e por isso a sociedade acreditava nas ideias apresentadas, de que a eugenia salvaria as próximas gerações e, por sua vez, não precisariam enfrentar problemas como marginalização, pobreza, doenças, prostituição e criminalidade. Seria um sonho possível, segundo os dados científicos forjados pelos eugenistas e os hereditaristas, o que tornou as ideias

aceitáveis e a eugenia algo não repudiável. Com isso, queremos chamar atenção para o fato de que havia casos em que os leitores que consumiam as informações não eram capciosos. É preciso tomar cuidado com as interpretações generalizadas de que eugenia era uma estratégia do mal para exterminar os indivíduos ditos inferiores, pois ao analisar como as ideias circulavam vimos que a falta de conhecimento e a forma como o discurso foi colocado na sociedade colaborou para que houvesse apoio geral.

Sendo assim, o trabalho buscou mostrar que não faltou recursos para que a eugenia circulasse, pois, ao ler os periódicos vimos que as ideias eugênicas foram presentes na sociedade brasileira por espaços diversos, através de livros, concursos eugênicos, nos textos que relacionavam práticas do cotidiano em algo eugênico e congressos de eugenia ou das mais diversas áreas.

A recepção e divulgação das ideias eugênicas nos jornais possibilitou o contato da ciência com uma quantidade de leitores enorme e que apesar do alto nível de analfabetismo vimos que a estratégia não era somente os jornais, mas havia cursos, campanhas e concursos em que ensinavam a população geral sobre o bem da eugenia, até mesmo ensinava a pronunciar a palavra eugenia, e premiava os que se aproximavam dos padrões eugênicos. Com isso, tornando acessível a ciência eugênica para um público não especialista, sobretudo, gerando múltiplas interpretações sobre a eugenia como vimos nos jornais que eugenia foi sinônimo de educado, bom, positivo. Encontramos textos dos jornais direcionando para esses termos e na mesma proporção vimos textos divulgando medidas eugênicas que praticavam eutanásia em outros países, porém o jornal *A noite* se posicionou contra e ainda criticou jornais brasileiros que apoiavam.

Já o *boletim*, como um jornal que se propunha fazer campanha, abordava a eugenia como a ciência elaborada por Galton. Apenas criticava órgãos e sociedade em si que não colocava em prática as ideias eugênicas, tal como vimos criticando os sanitaristas e higienistas por acreditarem que a cura dos problemas do Brasil estava nas ações sociais, por defenderem uma melhor qualidade social e já os eugenistas acreditavam que os problemas sociais estavam nos genes e a medida eficaz era inibir de se reproduzirem.

É possível apontar que há várias possibilidades de estudos sobre o tema que nos ajudariam a compreender e termos consciência sobre esse período histórico brasileiro que possivelmente justificaria muitas coisas que somos e trazemos nas nossas sociedades atuais, que foram baseados nesse passado que ainda há muita investigação sobre a eugenia e circulou de forma sutil nos jornais, livros e sociedade brasileira. Porém, encontramos vestígios disso até hoje em nossa sociedade, como times de futebol que existem até hoje

apoiando causas eugênicas, clubes de lazer que sobrevivem nos dias atuais.

O que torna relevante a análise sobre o passado eugênico para refletirmos sobre alguns padrões de perfectibilidade adotados até mesmo nos dias atuais, pois apesar de sabermos que não há raças humanas há uma série de notícias em jornais que mostram pessoas crédulas de diferenças raciais, argumentos que afirmam que determinadas doenças são mais mortais nas raças negras, como se houvesse raças humanas e ignorando que são condições sociais que mais têm a ver com os dados do que a raça, pois raças humanas não existem. São inúmeros elementos que se basearam na ideia de eugenia que sobrevivem no nosso cotidiano.

Dessa forma, em três capítulos o trabalho evidenciou como as ideias eugênicas foram passadas a sociedade geral e disseminada nos jornais, livros e eventos. Mostrando as possíveis interpretações que foram dadas as informações eugênicas. Sobretudo, o objetivo era refletirmos sobre a sutileza de como as ideias eugênicas se espalharam no país, o que nos dá uma falsa sensação de ciência não muito radical, pois se compararmos com o Holocausto os desastres no Brasil não foram muitos. Apesar disso, a pesquisa nos mostra que há uma série de estudos e trabalhos que ainda podem aprofundar e descobriremos mais sobre o passado eugênico.

Ao conceber a ciência como um processo em contínua construção, podemos idealizar que próximos trabalhos evidenciem esse passado brasileiro, analisando os livros, os clubes de futebol, as instituições que foram desvendadas nas páginas dos jornais aqui analisados. Isso para compreendermos que tipo de eugenia foram promovidas, no passado, e, principalmente, analisar os documentos administrativos desses eventos e dos jornais. Desbravar o passado eugênico brasileiro nos ajuda a entender e a nos conscientizarmos sobre o grau da influência eugênica no país, para combater as ideias preconceituosas que se alastram de forma quase que sutil, através de brincadeiras, piadas e se propagam com argumentos que buscam diminuir o valor dos outros indivíduos, desmerecendo a sua mão de obra, intelectual e segregando pessoas por causa das suas características. Essas são formas das crenças eugênicas sobreviverem de forma sutil na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Periódicos

A alvorada: quinzenário noticioso, literário e humorístico, Jonal dos estudantes (RJ), 2º quinzena de Novembro de 1919, Ano I, nº4.

A noite, 12 de Setembro de 1912, nº 363.

A noite, 28 de Agosto de 1919, nº 2769.

A noite, 22 de Outubro de 1919, nº 2824.

A noite, 2 de Julho de 1923, nº 4162.

A noite, 10 de Novembro de 1923, nº 4302.

A noite, 18 de Junho de 1923, nº 4148.

A noite, 10 de Junho de 1924, nº 4504.

A noite, 21 de Novembro de 1924, nº 4668.

A noite, 20 de Junho de 1925, nº 4876.

A noite, 10 de março de 1925 , nº 4783.

A noite, 15 de Julho de 1925 , nº 4901.

A noite, 29 de Julho de 1926 , nº 5276.

A noite , 20 de Setembro 1926 , nº 5327.

A noite, 17 de Janeiro de 1927, nº 5445

A noite, 22 de Fevereiro de 1927, nº 5480.

A noite, 12 de Outubro de 1927, nº 5708.

A noite, 13 de Outubro de 1927, nº 5709.

A noite, 27 de fevereiro de 1928, nº 5844

A noite, 24 de Dezembro de 1928, nº 6144.

A noite, 15 de Agosto de 1928, nº 6013.

A noite, 31 de Outubro de 1928, nº 6090.

A noite, 18 de Janeiro de 1928, nº 5806.

A noite, 4 de Fevereiro de 1929, nº nº6184.

A noite, 11 de Junho de 1929, nº 6309.

A noite, 12 de Agosto de 1929, nº 6372.

A noite, 30 de Julho de 1929, nº 6359.

A noite, 14 de Março de 1929, nº 6221.

A noite, 1 de Julho de 1929, nº 6330.

A noite, 4 de Julho de 1929, nº 6333.
A noite, 9 de Julho de 1929, nº 6338.
A noite, 9 de Novembro de 1929, nº 6461.
A noite, 28 de Maio de 1929, nº 6295.
A noite, 2 de Maio de 1929, nº 6269.
A noite, 6 de Abril de 1929, nº 6952.
A noite, 2 de Maio de 1929, nº 6432.
A noite, 25 de Setembro de 1929, nº 6416.
A noite, 3 de Dezembro de 1929, nº 6485
A noite, 18 de março de 1929, nº 6225.
A noite, 7 de Abril de 1930, nº 6605.
A noite, 21 de Abril de 1930, nº 6618.
A noite, 12 de Junho de 1930, nº 6701.
A noite, 8 de Setembro de 1930, nº 6759.
A noite, 12 de Setembro de 1930, nº 6763.
A noite, 23 de Novembro de 1931, nº 7184.
A noite, 26 de Janeiro de 1931, nº 6885.
A noite, 12 de Dezembro de 1931, nº 7203.
A noite, 6 de Abril de 1931, nº 6952.
A noite, 14 de Maio de 1931, nº 6991.
A noite, 29 de Julho de 1931, nº 7067
A noite, 20 de Agosto de 1932, nº 7449.
A noite, 7 de Março de 1932, nº 7283.
A noite, 2 de Janeiro de 1933, nº 7582.
A noite, 26 de Outubro de 1933, nº 7875.
A noite, 5 de Agosto de 1933, nº 7793.
A noite, 26 de Junho de 1933, nº 7753.
A noite, 25 de Setembro 1933, nº 7843
A noite, 19 de Janeiro de 1933, nº 7599.
A noite, 23 de Dezembro de 1933, nº 7933.
A noite, 21 de Agosto de 1934, nº 8168.
A noite, 26 de Novembro de 1934, nº 8265.
A noite, 11 de Março de 1935, nº 8366.
A noite, 23 de Abril de 1936, nº 8725.

- Boletim de eugenia*, Ano I, nº 1, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 3, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 4, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 5, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 8, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 9, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 10, 1929.
Boletim de eugenia, Ano I, nº 11, 1929.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 14, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 17, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 18, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 19, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 22, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 23, 1930.
Boletim de eugenia, Ano II, nº 24, 1930.
Boletim de eugenia, Ano III, nº 26, 1931.
Boletim de eugenia, Ano III, nº 28, 1931.
Boletim de eugenia, Ano III, nº 32, 1931.
Boletim de eugenia, Ano III, nº 35, 1931.
Boletim de eugenia, Ano III, nº 36, 1931.

Bibliografias

ADAMS, Mark B. (Ed.). **The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia**. Oxford University Press on Demand, 1990.

ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, p. 733-757, 2006.

ANDRADE, Sandra dos Santos- Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do Século XX. **Revista: espaço aberto**, 2003.

ARCANJO, Fernanda; SILVA, Edson. A pangênese darwiniana: O uso de velhas ideias para introduzir novidades no ensino de biologia. **Revista da SBEnBio**. N °7, Outubro de 2014.

BURLAMAQUI, Mariana Mello; MASSARANI, Luisa Medeiros; DE CASTRO MOREIRA, Ildeu. José Reis e a ciência brasileira: escritos nos jornais do Grupo Folha (1947-1963) [1]. **Comunicação & Sociedade**, v. 39, n. 2, p. 185-208, 2017

BONFIM, Paulo Ricardo. **Educar, Higienizar e regenerar**: Uma história da eugenia no Brasil. Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil-1800-1900**. Mauad X, 2010.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**. São Paulo: contexto, 2007.

BRAGANÇA, Aníbal. Francisco Alves na história editorial brasileira. **Annais do I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial-Casa Rui Barbosa**, v. 1, n. 1, 2004.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. Eugenia e casamento. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos. vol. 10(3): 901-30, set. - dez. 2003.

CONT, Valdeir. Francis Galton: Eugenia e hereditariedade, **SCIENTIA STUDIA**, São Paulo, V.6, N.2, P.201-18, 2008.

DA SILVA ALVES, Denise Soares. Concepções de deficiência: um estudo sobre a representação social da diversidade humana ao longo da história. **Revista Polyphonia**, v. 28, n. 1, p. 31-44, 2017.

DA SILVA KERN–UFRGS, Gustavo. AS RELAÇÕES ENTRE EUGENIA E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE RENATO KEHL.

DA SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 4, n. 8, 2010.

DE CARVALHO, Leonardo Dallacqua; DE SOUZA, Vanderlei Sebastião. Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial. **Perspectiva**, v. 35, n. 3, p. 887-910, 2017.

_____; PIETTA, Gerson. Questões e perspectivas em torno da história da eugenia: o que mais a historiografia tem a dizer sobre o tema?. **Revista Maracanan**, n. 13, p. 111-126, 2015.

FERREIRA, Ana Emilia Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). **ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE**, 12, 2014.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. DEBOLS! LLO, 2011

GAIO, Roberta. **Diálogo com a história**. GAIO, Roberta.; MENEGHETTI, Rosa, 2012.

GAMA, Dirceu Ribeiro; DA COSTA, Lamartine Pereira. REFLEXÕES SOBRE A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE NO BRASIL NO SEU PERÍODO NÃO DISCIPLINAR: AUTORES, FUNDAMENTOS CONCEITUAIS E TENDÊNCIAS HISTÓRICAS. **Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613**, v. 14, n. 21, p. 89-101, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no brasil no início do século XX. **Recordes: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2008.

GOULD, Stephen Jay. **A Falsa medida do homem**. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 2014

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia et al. **Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ): os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr.(1917-1937)**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2010.

JUNIOR, Arlindo Ferreti; WESTPHAL, Euler Renato; MEIRA, Roberta Barros. Vade tecum: enlaces eugenistas entre Monteiro Lobato e Friedrich Nietzsche. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 13, n. 2, p. 212-226, 2020.

KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, n. 22, p. 314-351, 2009.

LEITAO, Pedro; ALBAGLI, Sarita. Popularizacion de la ciencia y la tecnologia: una revision de la literatura. In: MARTINES, E. & FLORES, J. (orgs.). La popularizacion de la ciencia e la tecnologia. Reflexiones basicas. Mexico: Fondo de Cultura Economica, Unesco-RedPOP 1: 17-37, 1997.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAGALHÃES, Felipe. **Ganhou leva O JOGO DO Bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

MAI, Lilian Denise; BOARINI, Maria Lucia. Estudo sobre forças educativas eugênicas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 1, n. 1, p. 135-138, 2002.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**. Sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PIETTA, Gerson. **Eugenics: a stigmatized science**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 23, p. 264-267, 2016.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo. **Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial**, v. 1, n. 8, 2004.

ROCHA, Simone. **Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia 1929-1933**. São Paulo, 2010.

ROQUETTE-PINTO, Edgar **Ensaio de Anthropologia Brasileira**. São Paulo: Companhia, Editora Nacional, 1933. 190 p.

SANTO DE ANDRADE, Rosâny Espírito. Azevedo Amaral no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia: a imigração para purgar as "degenerescências" do povo brasileiro (Rio de Janeiro-1929). **Revista Uniabeu**, v. 6, n. 14, p. 46-62, 2013.

SANTOS, Alessandra Rosa. **Quando a eugenia se distancia do saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2005.

SCHWARCZ, L.M (1993). **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012;

SILVA ROLIM, Marlom; ROMERO SÁ, Magali. A política de difusão do germanismo por intermédio dos periódicos da Bayer: a Revista Terapêutica e O Farmacêutico Brasileiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 1, 2013.

SILVA, Vandrê Aparecido Teotonio da. **A Noite do Estado Novo: um jornal a serviço da ditadura e vice-versa (1940-1946).** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018.

SOUZA, Simone. **O ideário da eugenia no periódico correio paulistano. 2017 (anais VIII congresso internacional de história)** Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3731.pdf> Acesso em: 15 set 2021.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de et al. **A política biológica como projeto: a eugenia negativa e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).** 2006. Dissertação de mestrado.

_____. **Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935).** 2011. Tese de Doutorado.

_____; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 745-760, 2012.

STEPAN, N.L. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

TOLEDO, Gustavo. **Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore.** Tese de doutorado, PUC-RIO, 2009.